

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23296

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

SEXTA-FEIRA 3 AGOSTO 90 70\$00

EDITORIAL

O primo de Macau

O folhetim de Macau continua, neste Agosto azul, mesmo com os políticos a banhos no Algarve e alhures. *Estória* com faxes, luvras, comissões, inquérito da Procuradoria-Geral da República e averiguações da Inspeção-Geral de Finanças. «O Independente», na edição de hoje, atira mais achas para a fogueira. O processo judicial segue o seu curso: concluído o inquérito preliminar, abre-se a fase da instrução, sendo o governador de Macau, Carlos Melancia, um dos arguidos.

O «caso Melancia» é utilizado como uma espécie de contrapeso -- no eixo S.Bento-Belém -- ao «caso Beleza», assim se instalando uma espécie de relativismo moral do tipo consubstanciado na célebre caricatura de Bordalo sobre a política e os políticos, que seriam «todos leitões da mesma porca». Ou seja, independentemente do que os tribunais vierem a apurar, já há um réu condenado, sem direito a audição prévia, nos casos Beleza e Melancia: a classe política portuguesa.

Prossegue o ping-pong entre os palácios da Presidência e do Governo, mas a primeira vítima é a credibilidade do regime democrático português, acentuando-se uma certa crise da representação política: ninguém se sente representado por ninguém. Mais grave seria se estes casos confirmassem a convicção da impunidade das figuras públicas ou se as instituições judiciais se mostrassem incapazes de responder eficazmente às situações criadas.

No entanto, o efeito dos escândalos não espera, tranquilamente, na antecâmara das televisões, das rádios e dos jornais, pela sentenças dos tribunais. É por isso que, sem formular qualquer juízo acerca da eventual culpabilidade do governador Carlos Melancia, temos o direito de suscitar a questão da vantagem política da sua permanência no exercício do cargo, seja no plano interno ou externo.

Mário Mesquita

Continua na pág. 4

Governo desmente a CAP

Agricultores em guerra

Os agricultores, liderados pela CAP, desencadearam uma guerra contra o Ministério da Agricultura, que se defende acusando aquela organização de demagógica. Na base do diferendo está a abertura à importação de alguns

produtos e os preços dos factores de produção, considerados demasiado elevados pelo sector agrícola, o que o Ministério desmente, afirmando que são mais baixos do que nalguns países da Europa e lembrando ainda

as ajudas a fundo perdido de 200 milhões de contos, o subsídio de gasóleo (44 milhões) e os salários mais baixos dos trabalhadores rurais.

Págs. 2 e 3



Tanques Iraquianos, instalados à beira mar, para actuarem como artilharia costeira contra qualquer ataque que possa surgir por via marítima

Invasão iraquiana sem resposta militar

Contra os canhões diplomacia diplomacia...

As duas maiores potências militares do mundo - os EUA e a URSS - reconheceram, por prudência e outras razões, que não vão usar contra o Iraque o argumento da força das armas, que Saddam Hussein aplicou expedientemente, para deitar a mão

ao Kuwait. O Pentágono terá dito que não tem meios para dar uma resposta militar à audácia conquistadora de Bagdad. Os principais países da Europa estão, obviamente, fora de causa no que se refere ao uso da força. Entretanto, admite-se uma qualquer

intervenção da ONU, possivelmente dos seus Capacetes Azuis. Mas das grandes capitais mundiais a resposta à iniciativa de Bagdad é simples, por ora: contra os canhões... diplomacia, diplomacia.

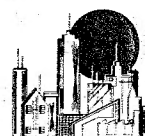
Outros «canhões» que as potências ocidentais se

propõem disparar são, além dos diplomáticos, os económicos, com sanções variadas, incluindo o congelamento de bens do Iraque existentes nos seus países. Por outro lado, petróleo manda, as grandes Bolsas do mundo vacilam e sofrem quebras. Mas a verdade é que as forças iraquianas continuam a avançar para o sul do Kuwait, onde se encontram os grandes poços de petróleo. Uma granada mal apontada e rebentarão as chamas.

Págs. 8, 9 e 10

Estrangeiros dominam a Volta

Reportagem nas págs. 24 a 27 com o patrocínio de



urbicidade
MEDIADORES

ALMADA

Nogueira dá benesses às Forças Armadas

A reforma por iniciativa própria e a promoção, mesmo sem vagas, são benesses com que o ministro da Defesa acena aos militares. Outra é a criação de um fundo de pensões de 10 milhões de contos, a apurar com as alienações de imóveis militares.

Pág. 4



A Imprensa
e a sentença
do caso Taveira
Págs. 16 e 17

Incêndio mata
no Montijo
Pág. 14

Futro
e Sr. Mistério
enchem
as Antas
Pág. 23

Lotaria Nacional
1.º - 61 157
2.º - 67 307
3.º - 16 104

Hoje:
Suplemento
A Mosca



PORTE
PAGO

Uma tímida liberalização, sem peso nos objectivos que se pretendia atingir, desencadeou uma «guerra», liderada pela CAP, contra o Governo, gerando uma situação de dúvida quanto aos objectivos a alcançar para além da necessária e urgente actualização do sector

GRANDE ANGULAR



Casqueiro encabeça luta dos agricultores

Agricultores iniciam luta pela modernização

por algo de decisivo: a modernização da agricultura portuguesa.

A decisão de se liberalizar a importação de produtos agrícolas foi tomada na reunião do Conselho de Ministros de 13 de Julho, com base na necessidade de se actuar na formação de preços no sentido de os baixar e, deste modo, actuar mais firmemente no controlo da inflação.

Na véspera, perante o avolumar de protestos de associações de agricultores e dos boatos de que a liberalização atingiria mesmo produtos horto-frutícolas, o secretário de Estado da Presidência do Conselho de Ministros, Marques Mendes viria a público tentar colocar os factos no seu devido lugar. Mas não conseguiu sossegar os agricultores.

Agricultores protestam

A CAP decide desencadear uma acção continuada de protesto contra o Governo. Tardiamente, segundo uns, extemporaneamente e descabida, segundo outros. É bom recordar que a primeira organização a manifestar o seu desacordo foi a Confederação Nacional da Agricultura (CNA) que, a 18 de Julho, veio acusar o Governo de querer combater a inflação «à custa dos agricultores portugueses».

Para esta estrutura, a liberalização das importações, aliada ao congelamento de preços agrícolas decidido em Bruxelas, «acentuará a perda de rendimento que os agricultores portugueses vêm sofrendo nos últimos anos».

Por outro lado, a CNA considera «escandaloso» que o Governo, «preocupado com a inflação dos preços dos produtos agropecuários, não tenha a mesma preocupação com a inflação dos preços dos factores de

produção».

A CAP, embora politicamente distante da CNA, acaba por, mais tarde, vir a retomar este mesmo discurso, dando-lhe maior substância após uma reunião com o ministro da Agricultura, verificado no dia 30 de Julho.

«O princípio da especificidade da agricultura portuguesa foi perdido com a antecipação do final da primeira etapa de negociações para a liberalização dos produtos agrícolas», afirma, após a reunião, José Manuel Casqueiro, secretário-geral da CAP.

Para ele, a decisão inicial de liberalização dos produtos agrícolas para o controlo da inflação teria lógica, mas da forma como foi concretizada «reduziu a capacidade de negociação de Portugal com a CEE».

Quer isto dizer que, em contraste com a reacção desproporcionada à lista de produtos liberalizados, a posição da CAP começa a ganhar uma maior substância e profundidade.

E Casqueiro explica: «Contrariamente ao que tinha sido prometido, que era o alargamento da segunda etapa de negociações, o Governo resolveu antecipar o final da primeira fase, perdendo com isso a sua capacidade de negociação e não possibilitando contrapartidas aos produtores que lhes permitissem uma substituição das perdas provocadas pela aceleração do processo».

A esta posição do secretário-geral da CAP, José Andrade, dirigente da mesma associação, acrescenta que o Governo está a criar medidas para «a existência de uma concorrência desleal, já que os agricultores portugueses não têm as mesmas condições ou os mesmos custos de produção dos seus parceiros europeus», nomeadamente a nível dos combustíveis, das instalações eléctricas e

das taxas de juro.

É assim que a CAP decide desencadear uma série de manifestações, a primeira das quais, em 14 de Julho, reuniu, em Torres Vedras, cerca de dois milhares de agricultores. Palavras fortes, apropriadas à ocasião, foram ditas na manifestação, mas retirada a carga emocional de momentos como este, o que ficou de relevante foi a firme exigência de «condições reais para o desenvolvimento e modernização da agricultura portuguesa».

Entretanto, na véspera, a Associação dos Agricultores do Distrito de Lisboa distribuiu um comunicado em que apoiava «os objectivos» da manifestação convocada pela CAP para Torres Vedras, mas estranhando que esta associação «só agora descubra as consequências de uma política que há muitos meses vinha liberalizando as importações».

Por outro lado, afirma estranhar que assumira agora uma posição de luta quem «batia nas costas do ex-ministro Álvaro Barreto», quem considerou «positivo o diálogo com o actual ministro Arlindo Cunha», quem «se indignou com a luta dos fruticultores do Oeste em Outubro passado».

Entretanto, decorreu ontem, em Barcelos, uma nova manifestação, a qual a Cooperativa Agrícola local considera «inoportuna», embora sem pôr em causa «a justeza das reivindicações» que lhe estão subjacentes. Esta cooperativa manifesta «total solidariedade e confiança» no ministro Arlindo Cunha e lamenta que se pretenda imputar ao actual ministro algumas situações injustas para os agricultores, quando elas «já vêm sendo denunciadas há muito tempo e nunca foram resolvidas por anteriores Governos ou anteriores ministros da Agricultura».

V. L.

Factores de produção não são os mais caros da Europa. Agricultores receberam nos últimos quatro anos 200 milhões de contos a fundo perdido e 44 milhões de subsídio de gasóleo desde 1987

Ministério acusa CAP de «demagógica»

Uma fonte do Ministério da Agricultura acusa a CAP de «demagógica» e de desviar «a atenção dos agricultores da questão mais importante que hoje se coloca ao sector: a necessidade de acelerar o esforço de modernização da agricultura portuguesa, por forma a melhorar a sua competitividade». Em declarações ao «DL», a mesma fonte garante que aquela associação não tem razão nas suas críticas, pelo que se propôs «desmitificá-las».

No que respeita à chamada «liberalização» do comércio externo de alguns produtos, foi-nos dito que a legislação apenas suspende («não se trata de uma supressão»), a cobrança de direitos niveladores à importação da carne de suíno, aves e ovos, queijos e iogurtes. «Trata-se de uma medida de combate à inflação estudada de forma a não prejudicar as negociações em curso com a CEE, tendentes a definir o modelo a vigorar na segunda etapa da integração da agricultura portuguesa», afirma a fonte em questão.

Esta medida, acrescenta, afecta numa escala muito reduzida os rendimentos dos produtores dos referidos produtos, dos quais apenas a carne de suíno tem algum significado em termos de importações. No entanto, explica, estas importações são tradicionais neste época de Verão face às grandes necessidades de abastecimento de indústria nacional.

«Em relação aos restantes produtos, o que se pode dizer é que nenhum deles apresenta, para já, qualquer significado em termos de importações».

afirma o nosso interlocutor.

No que respeita às aves e ovos, as rubricas que mais pesam nas importações agora liberalizadas são «pintos do dia» e «ovos de incubação», pelo que esta medida «vem até favorecer a produção nacional, permitindo o seu abastecimento em animais para criação a preços mais baixos».

Por último, no que se refere ao queijo e iogurte, a importação do segundo produto não tem significado e o primeiro poderá vir a crescer naturalmente no futuro face a uma oferta externa mais diversificada e de maior qualidade.

Factores de produção

Referindo-se aos protestos dos agricultores pelos custos elevados dos factores de produção em Portugal, a nossa fonte afirma: «É falso e a questão está mal colocada».

Na verdade, explica, em relação à generalidade dos factores de produção (pesticidas, adubos e máquinas agrícolas) os mercados portugueses e dos restantes países comunitários estão liberalizados, «não existindo qualquer preço comunitário para estes produtos, nem qualquer intervenção pública na sua formação».

Revela ainda que, em relação aos factores de produção, Portugal apresenta, para a sua maioria, uma situação entre os segundos e os quartos preços mais baixos. O Reino Unido, a França, a Dinamarca, a Holanda, a Itália e a Espanha apresentam, em geral, preços mais elevados.

No que respeita às rações, acrescenta, é sabido

que a política de preços elevados dos cereais, que tradicionalmente sempre foi seguida em Portugal, foi suportada artificialmente quer pelo Estado quer pelos produtores pecuários. «É um problema que tem anos e que a boa negociação conduzida com a Comunidade vai permitir resolver já a partir de Janeiro do próximo ano», garante a nossa fonte.

Por outro lado diz: «Refira-se ainda que os salários pagos em Portugal são ainda os mais baixos da CEE e que o Estado paga um subsídio de gasóleo à agricultura que, no quadriénio 87/90 representa um esforço de cerca de 44 milhões de contos».

Finalmente, uma razão de queixa dos agricultores: as elevadas taxas de juro, reconhece a nossa fonte que, no entanto, lembra que é um problema que afecta todos os sectores económicos.

E lembra também que, nos últimos quatro anos, foram investidos no sector agrícola cerca de 270 milhões de contos, sendo 200 milhões a fundo perdido e, destes, 80 por cento financiados pelo Estado português.

A concluir, a fonte do Ministério da Agricultura afirma ao «DL» que, mais do que uma questão de custos, o problema da agricultura portuguesa «é um problema de produtividade e de qualidade» que tem a ver com «o atraso em que ainda vive» e que passa, sobretudo, «por um esforço de modernização acelerada».

V. L.



Arlindo Cunha quer apoios

OGATT pressiona a CEE começa a dar indícios de querer ceder. Os subsídios agrícolas têm de acabar ou, pelo menos, baixar substancialmente. Os doze países membros da Associação para a Cooperação Económica Ásia-Pacífico (APEC) querem «algum compromisso» da CEE nesse sentido. Japão, Estados Unidos, Canadá e Austrália, unem-se para alcançar o mesmo objectivo. O comissário europeu da Agricultura, Ray Mac Sherry, falando a título pessoal, sugere uma redução das subvenções em 30 por cento até 1996. O ministro português da Agricultura recusa a inclusão de verbas



É imperioso que a agricultura portuguesa se modernize

Arlindo Cunha está optimista

O ministro da Agricultura, Arlindo Cunha, não se mostra disposto a abrir mão de um optimismo sobre o sector que lhe está confiado. Para ele tudo vai acabar em bem para a agricultura portuguesa, que acabará por alcançar maior competitividade e desenvolvimento, portanto mais rendimentos para os agricultores, se não por mérito destes, pelo menos pela redução dos custos dos factores de produção e pelas ajudas do FEOGA-Garantia.

Por isso considera que a aplicação dos direitos niveladores a alguns produtos agrícolas «deixará de ter sentido com a criação de condições de competitividade para os produtores portugueses».

Se este pensamento foi expressado em 30 de Julho, após reunião com a CAP, já em 17 do mesmo mês, em Bruxelas, Arlindo Cunha, após ter dado por concluída a primeira fase das negociações da adaptação da agricultura nacional às regras da CEE, concluiu que ela «corresponde cabalmente aos interesses portugueses e permite uma transição pacífica para os agricultores».

Pacifismo que os agricultores não estão muito dispostos a aceitar, pese embora Arlindo Cunha garantir que as negociações em Bruxelas, para a fixação das regras para os próximos cinco anos, excederam as expectativas que o Governo português tinha à partida.

Negociações que ainda estão longe de estar concluídas, seja ao nível técnico ou político, pois que deverão ter continuidade na Comissão e no Conselho de Ministros da CEE até ao final do ano.

E também não são fáceis, dadas as diversas condicionantes externas à própria CEE, como sejam as relações com o Leste, a integração da Alemanha Democrática na Comunidade e as negociações que decorrem no âmbito do Acordo Geral sobre Pautas Aduaneiras e Comércio (GATT).

Na mesma altura, diversas medidas foram anunciadas, entre as quais se salientam a descida em 20 por cento dos preços das rações para animais, o faseamento da adaptação dos cereais aos preços e regras comunitárias, bem como as ajudas à reconversão desta

cultura. Uma ajuda cofinanciada vai permitir aos produtores manter os seus rendimentos face à baixa dos preços dos cereais.

Por outro lado, Portugal garantiu na Comissão (mas não ainda no Conselho) uma quota de produção de leite de 1900 mil toneladas a partir de Janeiro de 1991, o que, segundo o ministro, «dá margem de manobra suficiente para a modernização do sector», que actualmente produz 1600 toneladas por ano.

No que respeita ao sector da fruticultura, a Comissão aceitou a comercialização de frutas portuguesas de categoria três nos próximos dois anos, medida que está vedada aos outros Estados-membros e que em Portugal abrange a maior parte do sector.

Finalmente, refere-se ainda que a Comissão garantiu o escoamento, no próximo ano, de todos os excedentes de vinho, assegurando preços superiores aos que foram praticados nos últimos anos.

Redacção DL
/Lusa

Problema agrícola agita negociações do GATT

dos fundos estruturais nos subsídios a serem reduzidos, aceitando como inevitável esta redução.

Julho foi um mês quente para a agricultura europeia, com reuniões em Bruxelas, Genebra e na Irlanda, com vista a tentar-se chegar a um consenso nas negociações que decorrem no âmbito do GATT (Acordo Geral de Comércio e Tarifas).

No dia 20, em Genebra, começaram a surgir as primeiras dificuldades com a escolha dos produtos a incluir num hipotético acordo de compromisso, que havia sido delineado pelo presidente do grupo agrícola do GATT, o holandês Aart de Zeeuw, de forma a quebrar um impasse que já se arrasta desde 1986 e que terá de ser ultrapassado até final de Dezembro próximo.

O novo plano propõe que todos os países submetam, até 1 de Outubro, listas detalhadas das medidas nacionais de apoio aos agricultores e das barreiras às importações, assim como dos

subsídios à exportação.

A CEE afirmou não estar preparada para listar produtos que, devido aos seus excedentes estruturais, causavam problemas no comércio agrícola internacional, nomeadamente cereais, arroz, leite, açúcar, oleaginosas, carne de vaca e de porco, aves e ovos.

Os Estados Unidos reagiram, considerando que a lista deverá incluir todos os produtos agrícolas e não uma selecção deles segundo as conveniências de cada um. Aceitaram, portanto, o plano como uma base de trabalho aceitável para as negociações futuras.

Recusa portuguesa

No dia 24, em Bruxelas, os ministros da Agricultura dos Doze analisaram o curso das negociações no seio do GATT, concluindo que a CEE e os Estados Unidos defendem o mesmo princípio de liberalização progressiva do comércio de produtos agrícolas, embora diferindo dos métodos para a

alcançar. No mesmo dia e na mesma cidade, o ministro Arlindo Cunha deu a entender uma aceitação tácita de uma eventual redução de subsídios, mas afirmou: «Nunca e a título algum se deverá aceitar que os fundos estruturais sejam incluídos nos subsídios a ser reduzidos, se não corremos o risco de aumentar as disparidades entre regiões favorecidas e desfavorecidas».

Considerou ainda que uma redução dos referidos fundos deixaria as regiões mais desfavorecidas sem meios para reparar eventuais efeitos negativos decorrentes das negociações em curso no GATT.

Mais ainda, Arlindo Cunha afirmou mesmo que a Comunidade corre o risco de, ao centrar-se nas preocupações de equilíbrio com países terceiros «andar para trás na coesão económica e social». Para ele a redução dos subsídios vai ter implicações espaciais diferenciadas, pois que nem todas as regiões estão adaptadas

para novas situações.

Uma ameaça

Só que, em 30 de Julho, em Genebra, a situação mostrava-se mais complexa do que a leitura do ministro português. De facto, os doze países da APEC passaram a reivindicar uma «posição firme» no quadro das negociações do GATT.

Uma ameaça surge neste dia em Genebra: o fracasso das negociações poderia significar a fragmentação do comércio mundial em grupos regionais de competição. E a área agrícola desempenha aqui um papel importante.

É bom lembrar que a subvenção da agricultura não é um exclusivo da CEE, pois que os países industrializados auxiliaram os seus sectores agrícolas com 245 mil milhões de dólares, só no ano passado. No caso da CEE os subsídios atingiram os 93 mil milhões de dólares, no Japão 68 mil milhões e nos Estados Unidos 46 mil milhões.

DL/Lusa/AFP

COMENTÁRIO

Oportunidade para mudar

Pode-se dizer que a montanha pariu um rato. Quando se dizia que o Governo a liberalizar a importação de produtos agrícolas o pânico gerou-se no sector agro-pecuário, mas a alegria implantou-se nos consumidores com a esperança de ter ao seu dispor produtos mais baratos e de melhor qualidade. A verdade é que nem o pânico nem a alegria tinham qualquer justificação.

De facto, o Governo limitou-se a liberalizar a importação de meia dúzia de produtos sem expressão, totalmente em contradição com a vontade manifestada de actuar sobre a inflação. Seria legítimo concluir que o Governo apenas se limitou a lançar um grito de alerta ao sector agro-pecuário, o mais renitente em entrar nos caminhos da modernização.

O grito foi ouvido. As organizações associativas do sector visado reagiram forte e feio, em dissonância com a situação entretanto gerada, a qual, no fundamental, manteve o *status quo* anteriormente prevalecente, reforçado ainda pelas negociações entretanto levadas a cabo na Comissão Europeia.

Se tal reacção significa o reconhecimento de um panorama que urge alterar, a consciência de que é essencial modernizar rápida e profundamente a agricultura portuguesa, alterar mentalidades e comportamentos, então que as organizações gritem à vontade, partam mesmo a loiça toda para alcançar os meios que necessitam para atingir aqueles objectivos.

Lutem por uma abajamento do preço dos «factores de produção», sejam eles o gasóleo, a electricidade, os fertilizantes, os adubos, os pesticidas, as rações para o gado... Mas já agora não se esqueçam de lutar também pela equiparação dos salários dos trabalhadores rurais portugueses aos da média da CEE.

Lutem agora, como deviam ter lutado há muitos anos, por produzir mais e melhor com menos investimento. Ganhem dinheiro, que ninguém, nem os agentes económicos dos outros sectores de actividade nem os consumidores, invejarão a vossa riqueza se ela significar a liquidação de um peso e de um pesadelo que a sociedade portuguesa transporta consigo há demasiado tempo.

Os agricultores têm agora a oportunidade de assumir o seu passado de erros, insuficiências, negligências, incapacidades, de deixarem de ser os «coitadinhos» da economia portuguesa e de lutarem, com dignidade, por uma situação que, beneficiando-os, mais beneficia o País e os portugueses.

Acreditamos que tal aconteça? Um alerta, vindo de duas áreas díspares entre si, fazem-nos duvidar. A Associação dos Agricultores do Distrito de Lisboa e a Cooperativa Agrícola de Barcelos levantam a suspeição de que se poderá estar perante uma «guerra» contra o actual ministro da Agricultura e não apenas numa luta para alterar profundamente o panorama agro-pecuário português.

A confirmar-se tal suspeição, a situação seria perigosa num momento em que se perfilam no horizonte sérias ameaças que os resultados positivos alcançados em Bruxelas por Arlindo Cunha não afastam. As negociações para a segunda fase de adaptação da agricultura portuguesa às regras comunitárias no seio do Conselho de Ministros da Agricultura da CEE não vão ser fáceis em presença das importantes solicitações que vêm do Leste. O futuro mostra-se impreciso com a luta que se desenrola no seio do GATT para que a CEE deixe de apoiar, como apoia, o sector agrícola dos seus países-membros.

A situação internacional está a mudar e o tempo escasseia para que os agricultores portugueses possam adaptar-se às novas condições dos mercados, às novas regras internacionais, às quais Portugal tem de aderir, sob o risco de perder a oportunidade de partilhar o mundo futuro com as nações mais desenvolvidas.



Victor Leitão

POLÍTICA

EDITORIAL

O primo de Macau

continuação da pág. 1

A demissão do governador Melancia, de preferência por iniciativa própria, seria um acto de patriótica prudência. Nem vale a pena invocar o precedente da mulher de César. Neste caso, mesmo um primo afastado do imperador deveria tomar, com rapidez, a sábia decisão de se afastar do governo da cidade do Santo Nome de Deus — terra que, de tão abençoada pelo criador, tem o condão de pôr termo à vertigem de certas carreiras políticas promissoras.

M.M.

Com Deus Pinheiro em Cabo Verde Diplomata angolano elogia influência portuguesa

O embaixador angolano em S. Tomé e Príncipe enalteceu, ontem, a influência das autoridades portuguesas no estabelecimento de conversações directas entre o MPLA e a Unita, visando a paz em Angola. André Miranda falava na cerimónia comemorativa do 16º aniversário da criação das Forças Armadas do seu país e disse que Portugal está a desempenhar «um papel preponderante, de tolerância e flexibilidade na busca da paz».

Entretanto, em Cabo Verde, o ministro português dos Negócios Estrangeiros comentou essas mesmas conversações para a paz em Angola dizendo que «o papel de Portugal é apenas o de facilitar o encontro entre as partes». «Portugal não é um medianeiro, no sentido tradicional», disse João de Deus Pinheiro, «porque o papel fundamental cabe aos angolanos».

O ministro fez estas declarações à chegada à Praia, cidade de onde regressa hoje a Portugal, após avaliar com o seu homólogo Silvino da Luz a cooperação com os Cinco. João de Deus Pinheiro conclui, assim, uma viagem de duas semanas a África, com escalas em cinco países e encontros, nomeadamente, com governantes da Namíbia, Moçambique e África do Sul.

Antes de regressar a Lisboa, o ministro português deve ainda encontrar-se com o presidente Aristides Pereira e o primeiro-ministro Pedro Pires. Da parte da manhã, o ministro português debateu com Silvino da Luz a data da realização da cimeira dos Cinco em que Portugal deverá participar, pela primeira vez, como observador convidado.

A reunião dos ministros dos Negócios Estrangeiros dos Cinco já esteve marcada para Bissau, em Novembro passado, mas foi adiada *sine die*. É possível que ela se efectue durante a presidência caboverdiana dos Cinco e é ponto assente a participação portuguesa. Inicialmente esteve previsto que esta primeira participação de Portugal nas reuniões anuais dos governos das suas ex-colónias africanas fosse assegurada pelo próprio primeiro-ministro Cavaco Silva. A agenda do encontro entre Silvino da Luz e João de Deus Pinheiro incluía, precisamente, esta matéria e uma avaliação genérica da cooperação portuguesa em África, nos últimos anos.

«Há uma grande diferença em relação ao que se passava há quatro anos», comentou João de Deus Pinheiro, em declarações igualmente proferidas na Cidade da Praia. Segundo ele, para além de um «diálogo político fácil», registou-se nos últimos anos um acréscimo de cooperação económica.

PSD dá mãozinha a Pinto da Costa

Soube-se, entretanto, de fonte oficial em S. Tomé e Príncipe, que o PSD está a ajudar o presidente Pinto da Costa na preparação da campanha eleitoral para a sua recandidatura.

Essa ajuda passa, neste momento, por uma delegação do gabinete eleitoral dos sociais-democratas que se encontra em S. Tomé, há uma semana, e é chefiada por Vitor António.

A missão do PSD inclui, ainda, os funcionários Luis Silva Moreira, Francisco Almeida Dias e Isabel Almeida Dias e tem carácter sigiloso. Segundo informação difundida pela agência Lusa, as autoridades santomenses têm procurado fazer passar por turistas os membros da delegação. O próprio presidente do PSD é, aliás, aguardado em S. Tomé no próximo dia 7, para uma semana de férias.

Enquanto Cavaco Silva, aparentemente, apoia a candidatura de Pinto da Costa à presidência da República Democrática de S. Tomé e Príncipe, Mário Soares inclina-se, ainda segundo o despacho da Lusa, para o candidato da oposição, o antigo primeiro-ministro Miguel Trovoada. Ter-se-à, aliás, já encontrado com ele durante as férias na praia do Vau.

Admite ministro da Defesa

Militares passam à reforma por iniciativa própria

O ministro da Defesa Nacional admite a possibilidade dos militares passarem à reforma, por iniciativa própria, antes de atingidos os limites de idade fixados na lei ou os 36 anos de serviço. Fernando Nogueira enviou uma mensagem aos militares sobre os diplomas relativos aos quadros permanentes dos ramos e ao fundo de pensões. No documento a que o «DL» teve acesso, Fernando Nogueira anuncia o novo diploma relativo às novas condições de reforma, que em determinados casos, comporta ainda uma importante alteração quanto às promoções.

Deinovador, o diploma aponta o facto dos militares poderem ser promovidos independentemente da existência de vagas, de acordo com níveis determinados pelo Governo que sejam «adequados às expectativas de carreiras das diferentes categorias», realça a mensagem.

Esta reforma tem limites

Acerca da passagem à reforma por iniciativa própria, o documento avança que não haverá necessidade de declaração de incapacidade em junta médica, como a lei em vigor determina, bastando para tanto o candidato ter, conjuntamente, pelo menos 50 anos de idade e 30 de serviço.

«A pensão de reforma dos militares que decidam optar por esta medida terá como base de cálculo a remuneração-base (com o escalão a que tiver direito), o suplemento da condição militar de 10 por cento (antecipando desde já esta percentagem), as demais remunerações previstas na lei e o tempo de serviço militar até ao máximo de 36 anos», refere o diploma que o Ministério da Defesa tem em preparação.

Mas nem todas as candidaturas à reforma antecipada serão atendidas. Com efeito, a mensagem do Ministério da Defesa



Nogueira fez distribuir 80 mil folhetos pelos militares para explicar nova legislação

Nacional salienta que se trata de «uma medida de natureza não exclusivamente social» e que tem por objectivo «promover o descongestionamento voluntário dos quadros, pelo que não é de aplicação geral, mas de âmbito selectivo», ressalva.

A partir de propostas dos respectivos ramos, o ministro da Defesa Nacional definirá em despacho qual o elenco dos postos, classes, armas, serviços e especialidades que poderão beneficiar de tal estímulo.

Dois diplomas em Belém

Aquele departamento de Estado iniciou já os estudos para nova medida visando o descongestionamento voluntário dos quadros, desta vez destinada aos militares com menos tempo de serviço, e prevê a produção de diversa legislação complementar, para além da que entretanto foi elaborada e se encontra a aguardar promulgação pelo Presidente da República.

É o caso dos diplomas que justificam a mensagem do ministro da

Defesa Nacional: o que estabelece os efectivos dos quadros permanentes e o que cria o fundo das pensões, a constituir por um património estimado em dez milhões de contos e que no essencial se destina ao pagamento dos futuros complementos de pensões.

O primeiro decreto-lei fixa os quadros para vigorar transitoriamente no período de 1990-92, visto tornar-se necessário, por um lado, estabelecer os efectivos face à revogação de toda a legislação anterior e, por outro, não estarem concluídos os estudos que permitirão definir as necessidades futuras das Forças Armadas.

Júlio Rodrigues

Sampaio optimista e cauteloso

«Pressa excessiva custa caro»

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Jorge Sampaio, repetiu ontem um balanço da actividade da sua vereação. Por um lado, considerou ter havido uma aceleração da intervenção camarária na vida da cidade e, por outro, argumentou que «vale a pena pagar o preço de alguma demora para conseguir o maior consenso», nomeadamente no que diz respeito às questões de trânsito. Sampaio adiantou que «a pressa excessiva custa caro e a segurança da ponderação é o melhor garante de eficácia».

Jorge Sampaio chamou a atenção para três áreas em que considera ter havido uma actuação positiva: intervenção estruturante no tecido urbano, os maiores consensos possíveis para resolver grandes problemas de Lisboa e algumas pequenas acções ligadas às actividades das freguesias. Quanto à primeira realçou as negociações que



Jorge Sampaio

têm estado a decorrer para resolver vários compromissos e projectos com forte impacto urbanístico, herdados da vereação anterior; a adopção de medidas preventivas para áreas críticas da cidade, como a avenida da Liberdade e Ajuda/Belém; a revisão da normativa ur-

banística, em fase de conclusão, para ser aprovada ainda este mês, conjuntamente com os Princípios e Metodologias para a Elaboração do Plano Estratégico de Desenvolvimento de Lisboa; discussão de problemas estruturais e de fronteira com outros municípios da Área Metropolitana de Lisboa.

Quanto ao trânsito, Sampaio reconheceu que se andou menos depressa do que desejaria, mas aqui falou da necessidade de obter os maiores consensos quanto a algumas soluções.

O presidente do município qualificou também de positivas as reuniões que decorreram com todas as cinquenta e três freguesias de Lisboa, para estabelecer o inventário das prioridades no plano das pequenas intervenções ao nível dos bairros.

Sindicato dos Jornalistas «julga» querela

Jorge Sampaio deu também

conhecimento de um parecer que havia solicitado ao Conselho Deontológico do Sindicato dos Jornalistas, acerca do tratamento jornalístico dado pelo semanário «O Independente» ao assunto dos assessores da Câmara, em que o presidente do município era qualificado de «padrinho».

Esse parecer entende que «independentemente da intenção com que possa ter sido empregue, a opinião pública associa a palavra «padrinho» a conduta gravemente criminosa, típica dos chefes de associações que se dedicam ao crime organizado», e faz notar que o título da reportagem induz os leitores em erro, ao afirmar que Sampaio gastou 250 mil contos a empregar militantes do PS, quando no texto se escreve que os contratos assinados envolvem militantes do PCP e do CDS.

Redacção «DL»

POLÍTICA

Jardim chega a acordo sobre novo Estatuto da Madeira

As estruturas do PSD do Continente e da Madeira acompanharam as negociações e aprovaram ontem o compromisso a que os Governos Central e Regional chegaram, quanto ao texto proposto para o novo Estatuto Político da Região Autónoma. «É possível assegurar para o futuro importantes conquistas autonómicas, independentemente de conjunturas políticas», refere um comunicado do Gabinete de Alberto João Jardim.

O texto não é o que inicialmente foi proposto, tendo agora que passar por um processo complexo de reapreciação pela Assembleia Regional e pela Assembleia da República, tendo em ambos os casos garantidas maiorias confortáveis.

O Gabinete do líder do Executivo madeirense congratula-se, de resto, pela dignidade do novo Estatuto, consagrado por uma Lei da República e não por decreto, como ainda sucede com o documento legal em vigor.

Negociações paralelas

«Algumas matérias não figurarão no texto do novo Estatuto, porque paralelamente decorreram ne-



João Jardim recebeu ontem o líder separatista açoriano José de Almeida

gociações sobre outros instrumentos legais e operacionais», revela o comunicado do Governo Regional. O mesmo texto remete para um futuro de «legislação diferente», contemplando matérias como o Orçamento, a organização judiciária, «leis eleitorais entre outras».

Até ao final deste ano, a tramitação legal deverá correr e conferir outro ordenamento jurídico e político à Madeira, que segundo fontes citadas pela Lusa terá sido o resultado cordato de conversas várias entre Cavaco Silva e João Jardim, «que nunca deixaram de intervir no processo».

Alberto João Jardim recebeu, entretanto, na Quinta da Vigia, o líder histórico da Frente de Libertação dos Açores (FLA), José de Almeida. O presidente do Governo Regional da Madeira assegurou que se tratou de um encontro «informal», para debater questões ligadas à vida política nas Ilhas e no conjunto do País. Mais uma vez, João Jardim terá frisado o facto de ser português e de se opor a projectos independentistas.

Redacção «DL»/Lusa

Mota Amaral desiludido com o PSD nacional

O presidente do Governo Regional dos Açores considera que as soluções saídas do último congresso do PSD, no que se refere às regiões autónomas, não estão a ser seguidas pelos órgãos nacionais do partido. «Estamos um pouco desiludidos porque o último congresso nacional apontava para soluções que não estão a ser seguidas», disse Mota Amaral durante uma entrevista que ontem concedeu à RTP/Açores. O líder açoriano referia-se concretamente à posição dos congressistas em prol de maiores apoios para o desenvolvimento das ilhas, para igualizar os padrões de vida insulares com os do Continente.

Na opinião de Mota Amaral, o PSD nacional está «em desvio da linha de protagonismo social-democrata das autonomias» e acrescentou que o que está na base das divergências que o opõem ao Poder Central não é uma questão pessoal, mas «um problema de Estado».

O dirigente açoriano considerou que o Presidente da República «poderia interessar-se mais» pelas questões açorianas enquanto que Cavaco Silva, no seu entender, tem tendência para ver o processo autonómico numa «perspectiva tecnocrática, financeira».

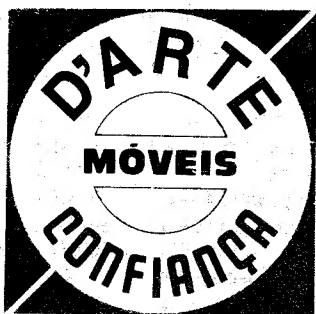
A reivindicação açoriana, incluída na proposta de revisão estatutária que aponta no sentido de se pagar menos impostos nas ilhas e partilhar-se, em termos de igualdade com o todo nacional, dos recursos do Estado, faz parte do quadro da autonomia que «é um fenómeno político», disse Mota Amaral.

Sobre o «pacto» estabelecido recentemente com o líder do Governo madeirense, Mota Amaral referiu que será revelado oportunamente e que contempla um vasto conjunto de matérias, nomeadamente no que se refere ao PSD.

O chefe do Governo dos Açores admitiu que os problemas criados àquela região autónoma poderão visar a sua pessoa, mas considerou que «há sobretudo a intenção de travar o desenvolvimento do arquipélago».

A posição do Governo sobre a questão açoriana foi também divulgada ontem no final da reunião do Conselho de Ministros. Luís Marques Mendes, porta-voz do Governo, desmentiu qualquer conflito com o Executivo regional dos Açores e destacou a acção do primeiro-ministro em benefício daquele arquipélago. «Relativamente a questões locais que existam nos Açores, como é evidente, o Governo é a elas perfeitamente alheio e completamente indiferente. O que posso salientar é que o primeiro-ministro e o Governo não têm qualquer conflito com a Região Autónoma dos Açores ou com o Governo Regional», disse Marques Mendes.

O GRUPO D'ARTE MÓVEIS, CONFIANÇA FOI CLASSIFICADO O QUE MAIS BARATO VENDE EM RELAÇÃO PREÇO/QUALIDADE. E GANHOU O PRÉMIO INTERNACIONAL DE QUALIDADE.



A prestações e sem juros

ÚLTIMOS DIAS

MÊS

FANTÁSTICO?

DESCONTOS

10 A 50%

GRANDE VARIEDADE DE MOBILIÁRIO DE ESTILO E MODERNO

LOJAS DARTE MÓVEIS, CONFIANÇA

ODIVELAS — Rua Alfredo Ruas, 50 — Pedernais — Telefones: 9326054-9326058
ALMADA — Av. 25 de Abril, 45 — Telefone: 2769001
LISBOA — Estrada de Benfica, 174-176 — Telefone: 780599
LISBOA — Av. Almirante Reis, 125-127 — Telefone: 530076
LISBOA — Hipermercado Ibérico — Telefone: 7595959

LISBOA — Rua Luciano Cordeiro, 18-A — Telefone: 3522662
BARREIRO — Rua Dr. Manuel Pacheco, 92-A — Telefone: 2077237
SETÚBAL — Av. D. Manuel I, Lote 80 — Telefone: 741699
MONTIJO — Rua José Joaquim Marques, 40 — Telefone: 2301197
MEM MARTINS — Rua da Azenha, 3 — Telefone: 9217570
CAMARATE — Rua Cidade de Lisboa, Lote 6 — Telefone: 9475311
CARCAVELOS — Rua Paulo Jorge, 3 — Telefone: 2475289
AMORA — Marco Severino, Fogueteiro, Centro Comercial — Telefone: 2523415

LOJAS PICA-PAU

QUELUZ — Av. Elias Garcia, 74-B — Telefone: 4363679
AMADORA — Av. D. Nuno Álvares Pereira, 5-B — Telefone: 4945691
MEM MARTINS — Rua Chaby Pinheiro, 8 e 12 — Telefone: 9217234

LOJAS UTILAR

CHARNECA — Estrada de Camarate, Lote 4 — Telefone: 9475311
CAMARATE — Rua Avelino Salgado de Oliveira, Lote 1 — Telefone: 9474528

POLÍTICA

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Diário de Lisboa, S.A.

Presidente do Conselho de Administração: **António Ruella Ramos**.
Administradores: **Maria do Carmo Ruella Ramos, João Manuel Ruella Ramos, António Brás Montelero e António Gomes da Costa**.
Secretário-geral: **Jorge Galamba**.

Director: **Mário Mesquita**
Directora-adjunta: **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
António Ruella Ramos (1967/1989)

Chefe de Redacção: **Acácio Barradas**
Chefes de redacção-adjuntos: **José Leite Pereira, Paulo David, Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal: **João Paulo de Oliveira**

Coordenadores de Secção:
António José Teixeira, João Galamba de Oliveira, José Luís Feronha, Maria Gulomar Lima, Neves de Sousa e Vítor Leitão

Repórter-coordenador: **Adelino Cardoso**

Redacção e reportagem fotográfica:
Almeida Henriques, Alves Henriques, Ana Mafalda Inácio, Ana Paula Sá, Augusto Vilela, Carlos Camponoz, Céu Neves, Daniel Reis, Dina Soares, Duarte Calvão, Elsa Andrade, Emília Trindade, Ernesto Sampaio, Fernando Brederode Santos, F. Dias Brito, Gisela Oliveira, João Ildro, Jorge Ferreira, José Rui Cunha (Bruxelas), Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra Botinas, Lurdes Féria, Maria Antónia Martinho, Maria João Martins, Maria João Rocha, Maria José Belo Marques, Marina Tavares Dias, Paulo Martins, Pedro Alvim, Pereira de Almeida, Rodrigues Borges, Rui Eduardo Paes, Rui Ferreira e Sousa, Rui Nunes e Rui Pacheco

Colaboradores permanentes da Redacção: **Alessandra Balsamo, Daniel Oliveira, Francisco Paraiso, Isabel Joyce, Jorge Fallorca e Roby Amorim**.

Cartoonistas: **António Alfredo, Brito e Pedro Palma**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador), Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo e Luís Tenreiro

Paginadores:
Antonieta Teixeira, José António Carvalho, Jorge Santos, Oscar Figueiredo e Ricardo Magalhães

Secretária de Direcção: **Maria Eduarda Soutello**

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador), António Lima e Maria Helena Matos

Chefe de Publicidade: **Luísa Valadas**

Gestor de Informática: **Luís Cantelero**

Redacção, Administração, Publicidade e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 - Telegramas DIBOA - Telex 12363 DIAROP

- Telefax 3467134. Impresso na Renascença Gráfica, SA - Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.

Distribuído por Interpress - Rua do Norte, 115-1º - 1200 Lisboa - Telef. 322100/322204/320784. Delegação Norte: Rua Monte dos Pípos, 326 - Custóias - 4450 Matosinhos - Telef. 9531566 Fax 9531023

Depósito legal nº 1426/82. Preço do jornal: no Continente, 70\$00; na Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.

Com quatro redes de distribuição

Gasoduto Setúbal-Braga previsto para 1995

A concessão e exploração de um terminal de gás natural em Portugal e a construção do respectivo gasoduto, entre Setúbal e Braga, foram as principais decisões ontem tomadas em Conselho de Ministros. Foi também aprovado o regulamento do concurso público para a sua adjudicação. O projecto está orçado em cem milhões de contos e vai permitir aos portugueses disporem de uma fonte de energia alternativa.

Prevê-se que o abastecimento se faça a partir de 1995, abrangendo já dois milhões de consumidores da faixa litoral Oeste, entre aquelas duas cidades.

O «DL» apurou junto de fontes governamentais que, já numa fase avançada de todo o processo, serão atribuídas ou adjudicadas, conforme os casos, as quatro redes de distribuição que o plano prevê. São elas: Região de Lisboa (a atribuir por concessão à empresa Gás de Portugal), Região do Porto, Região Centro e Sul (exceptuando Lisboa).

A decisão para esses casos ocorrerá depois de se saber o resultado do concurso para o Terminal de Recepção de Setúbal, cuja abertura está prevista para Setembro/Outubro do corrente ano. Esta decisão, contudo, só será conhecida nos primeiros três meses de 91.

Fonte do Ministério da Indústria e Energia salientou que «a decisão do Governo de introduzir o gás natural no País é uma consequência da aplicação da política energética nacional», visando aproximar-nos dos objec-

tivos europeus, nomeadamente a redução da dependência dos produtos petrolíferos de 70 para 40 por cento.

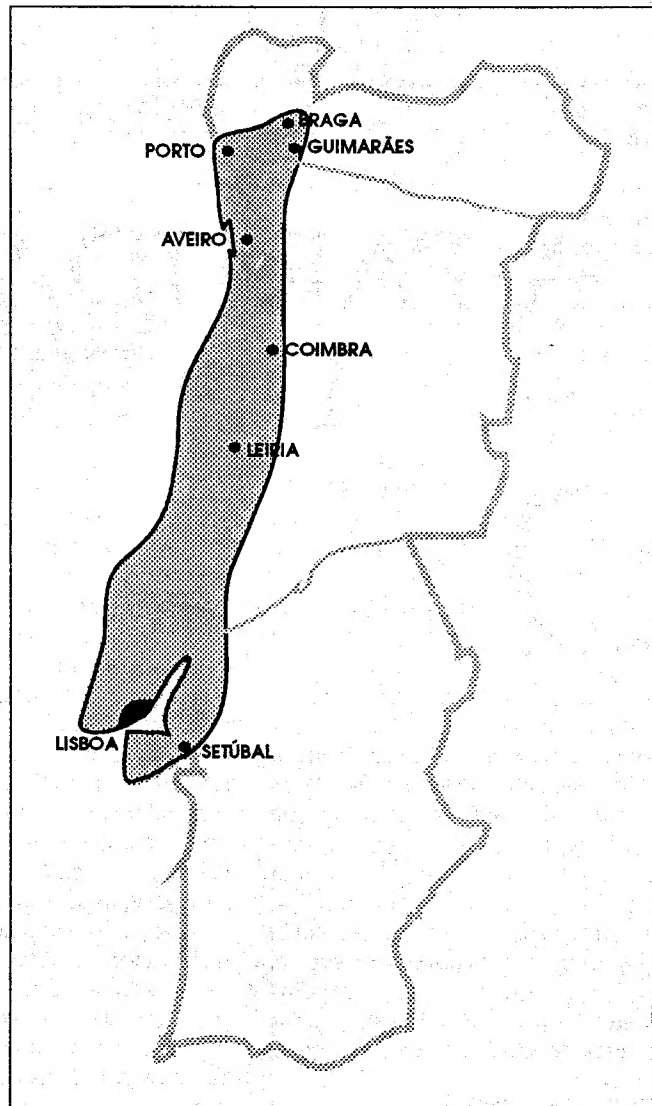
A área de influência do gás natural abrange 23 por cento do território, 64 por cento da população e entre 85 e 90 por cento da indústria transformadora, entre Setúbal e Braga-Guimarães, com forte concentração junto ao litoral.

Outras decisões

O plenário governamental aprovou ainda a imediata transformação em sociedade anónima da cervejeira «Centralcer» e a sua privatização a 100 por cento. A Centralcer é a primeira empresa a ser privatizada directamente na sua totalidade. A criação do Instituto Português do Sangue e três projectos de emparcelamento agrícola para Montemor-o-Velho (818 hectares), Aveiro (40) e Sines (360) foram outras decisões tomadas ontem pelo Conselho de Ministros.

A criação do Instituto Português de Sangue, segundo o Governo, «permitirá criar as condições necessárias a um aumento efectivo da capacidade de resposta às necessidades nacionais e a um controlo ainda mais rigoroso da colheita de sangue». No diploma que cria o Instituto prevê-se também a instituição de um seguro de saúde para todos os dadores de sangue.

Redacção «DL»



Projecto nacional de gás canalizado: a zona assinalada corresponde ao espaço potencialmente acessível ao gás natural

Somos uma instituição sem fins lucrativos que há 14 anos dedica o seu trabalho à criança

CRECHE para crianças dos 15 aos 36 meses, 2 salas, 2 educadoras de infância e 4 auxiliares. **Aberta das 8 às 18.30 horas**

JARDIM DE INFÂNCIA para crianças dos 3 aos 6 anos, 3 salas, 1 educadora de infância e 1 auxiliar por sala. **Aberto das 8 às 19 horas**

Ateliers, biblioteca, desenho, modelagem, imprensa e expressão dramática. Praia em Julho, actividades exteriores, passeios, visitas, almoço e lanche e amplo jardim para recreio.

TEMOS AINDA ALGUMAS VAGAS PARA 1990/91

Inscrições a partir de 1 de Setembro

Confie-nos os seus filhos: as crianças sentem-se bem connosco!

ADECO

Associação de Desenvolvimento Comunitário da Freguesia das Mercês

Rua da Palmeira, 11 (ao Príncipe Real) • 1200 Lisboa • Telef.: 327887

REID'S HOTEL MADEIRA

one of *The Leading Hotels of the World®*

Admite para os seus quadros, num Restaurante a abrir brevemente com oferta de cozinha tradicional portuguesa:

**1 CHEFE DE COZINHA
1 CHEFE DE MESA**

Requisitos:

- Reunir excepcionais qualidades profissionais do ramo
- Experiência comprovada no sector
- Excelente apresentação e habituado a relacionamento com clientela estrangeira e local exigente
- Sentido de responsabilidade organizativa
- Dinâmico na condução de pessoal a seu cargo que possui larga escala de conhecimentos profissionais
- Conhecimentos gerais de francês, inglês e alemão (Chefe de Mesa)

Oferece-se

- Vencimento compatível com as qualidades profissionais
- Prémio de produtividade

Enviar «curriculum vitae» completo acompanhado dos certificados de trabalho com fotografia actualizada para:

REID'S HOTEL
Estrada Monumental 139
9000 FUNCHAL
Madeira

FORUM

POLÍTICA DE A a Z

A PARTIDARIZAÇÃO DO ESTADO

O reconhecimento da existência, da organização e da actividade legal dos partidos, é uma condição da vida política democrática. Não há democracia sem a possibilidade de legalmente se constituírem partidos políticos, sem a possibilidade da livre actividade dos partidos políticos. Mas, qualquer que seja o estatuto institucional da democracia, a actividade dos partidos não absorve e preenche a vida política democrática. É a natureza e a essência da democracia que não só pressupõe, como exige, a actividade legal dos partidos, mas esta não esgota a participação dos cidadãos na vida política.

Em Portugal, a ordem constitucional e a legislação eleitoral consagram um largo espaço aos partidos e reconhecem a sua função: «Os partidos políticos concorrem para a organização e para a expressão da vontade popular, no respeito pelos princípios da independência nacional e da democracia política.» (N.º 2 do art.º 10.º).

Os constitucionalistas Gomes Canotilho e Vital Moreira comentaram esta disposição considerando que na «configuração constitucional do sistema constitucional democrático», os partidos «ocupam um lugar de grande relevo», não sendo «apenas um elemento da constituição material», mas ocupando «relevo no sistema político que pode afirmar-se constituir o regime político português uma das manifestações mais acabadas do Estado de partidos... Este quase monopólio de apresentação política, vem sendo reforçado pelo facto de a lei e a praxis política insistirem em considerar os partidos políticos como unidades privilegiadas de acção e representação política», (Constituição da República Portuguesa, Anotada, Coimbra, 1980).

Entendeu-se que «A liberdade de associação compreende o direito de constituir ou participar em associações e partidos políticos e de através deles concorrer democraticamente para a formação da vontade popular e a organização do poder político» (Art.º 51.º, N.º 1, o sublinhado é nosso). É, por conseguinte, através deles, pela mediação dos partidos políticos, que, constitucionalmente, «o direito de constituir ou participar em associações e partidos políticos» se exerce.

A este sistema que privilegia os partidos, como «unidades... de acção e de representação política», já alguém chamou de «totalitarismo pluripartidário» (Vitorino Magalhães Godinho) e à sua extensão às eleições municipais expressou pertinente crítica o Presidente da República (entrevista à revista «Riscos»). Reveste-se o problema de preocupante densidade

quando ao privilégio partidário, e em nome ou como sua consequência, crescem os efeitos de uma natural, ou abusiva, partidarização. É o caso de órgãos que deveriam velar, suprapartidariamente ou extrapartidariamente, pela imparcial interpretação e julgamento da constitucionalidade das Leis e dos Actos do Governo, ou por delegação da Assembleia da República e do Governo exercerem competências arbitrais, virem a reflectir, comprometendo a sua autoridade, função legal e dignidade, a composição partidária.

Nasce sob suspeição uma governamentalizada Alta Autoridade para a Comunicação Social, e, nas condições presentes, a governamentalização tem um significado pesado e faccioso, significa partidarização. O partido que, para os seus fins e maior glória do seu máximo dirigente, se prevalece da maioria parlamentar, hegemonizando, directa e indirectamente, a Alta Autoridade para a Comunicação Social, assegura um extenso controlo e uma enorme capacidade de intervenção. Uma vasta área de actividade cultural e de produção de informação fica dependente da orientação e da vontade política do Governo.

O que se passou no Tribunal Constitucional quando da apreciação, solicitada pelo Presidente da República, da constitucionalidade do diploma legal conhecido por «Lei das Incompatibilidades», é paradigmático da partidarização a que chegámos e que atinge um órgão fundamental das instituições democráticas. Sobre uma decisão obtida pelo voto de desempate do conselho presidente, voto de qualidade perante o empate (seis contra seis) das opiniões, a Imprensa informou que o Tribunal Constitucional se dividira segundo filiações e afinidades partidárias. O voto de qualidade do conselho presidente foi explicado pela sua opção política e referiu-se que, se não estivesse ausente, por motivo de doença, o conselho Luís Nunes de Almeida, a «Lei das Incompatibilidades» teria sido considerada como ferida de inconstitucionalidade.

Nas suas linhas gerais a informação e a especulação jornalísticas, ajustam-se à realidade. A situação no Tribunal Constitucional é grave. É o próprio exame da constitucionalidade que está sujeito à partidarização da composição de um órgão com as mais altas e mais responsáveis funções. Consequentemente o Governo e o partido que conduz a governação, estão acima da legalidade constitucional. Foi criado o Tribunal Constitucional para exercer uma alta função de fiscalização. Essa função deixa de estar assegurada pela

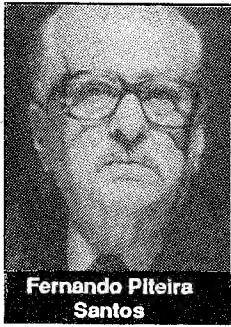
sua partidarização.

Bem sabemos que, em teoria, os juízes membros do Tribunal Constitucional são livres, autónomos, pessoalmente e civicamente responsáveis. Mas, sem irmos mais longe, no modo como se distribuíram os seus votos na apreciação da constitucionalidade da «Lei das Incompatibilidades», reflectiram-se, de facto, as respectivas opções políticas partidárias. Foi o próprio Tribunal Constitucional que ficou maculado de dependência partidária. Os conselheiros dividiram-se na apreciação da constitucionalidade da «Lei das Incompatibilidades»: seis contra, seis a favor. O presidente desempateou, duas vezes votando, usando o voto de qualidade. Logo se disse que se estivesse presente o conselho que, por motivo de doença, não participou nos trabalhos, a decisão teria sido diferente. O mal é que esta seja uma interpretação corrente. O Tribunal Constitucional, pela sua composição partidária, perde autoridade e credibilidade. Subalterniza-se. Resigna-se a uma assessoria apêndicular do poder-de-Estado.

Não é possível ignorar a gravidade destes factos. As «maiorias partidarizadas», tal como a «maioria partidária parlamentar», facultam ao Governo do partido uma larga margem de manobra, o arbítrio das decisões não controladas, a liberdade de decisão e de gestão dos negócios públicos que, na realidade, conduz à irresponsabilidade governativa. O Governo não presta contas, ou só presta contas dos seus actos administrativos e das decisões políticas, quando e como entende. O Estado, em consequência da partidarização da Assembleia da República e das instâncias de consulta, mediação e fiscalização, converte-se no Estado de partido.

Ainda não temos o «totalitarismo monopartidário», é o «totalitarismo pluripartidário» de que falou Vitorino Magalhães Godinho. No caso português, sob a vaga eleitoral de 1987 que deu a maioria parlamentar absoluta ao PSD, é o Estado ocupado, dominado, por um partido que evidencia, na prática política, uma forte propensão para o autoritarismo. Um partido que utiliza a maioria parlamentar, e se serve da partidarização dos órgãos do Estado, para impor a sua vontade política contra as oposições, contra os sindicatos, contra vários sectores sociais. O Governo não pode ser fiscalizado pela Assembleia da República, nem esta pelo Tribunal Constitucional.

A situação é grave. A ditadura da maioria, em nome dos resultados de uma eleição, viola os direitos dos cidadãos, ensombra e corrompe a própria ideia de Democracia.



Fernando Piteira Santos

LETRA DE FORMA

Diário de Notícias

De um artigo de Helena Marques:

(...) Os conceitos nascem de contextos culturais. Os conceitos brotam de contingências históricas. Os conceitos têm nuances. Hoje, as sociedades ditas desenvolvidas não podem aceitar conceitos de pobreza que signifiquem fome - fome até à doença, à cegueira, à lesão irreparável, à menorização física e mental, à própria morte, multiplicada por cem, por mil, por cem mil, por milhões. De crianças. Sobre tudo de crianças. E esse drama não é insolúvel - porque, se o fosse, estaria irremediavelmente posta em causa a perícia, a habilidade, a expertise dos grandes gestores e economistas dos países industrializados. (...)

2.AGO.90

PÚBLICO

De um artigo de Manuel Vilaverde Cabral

(...) É de observar, embora com pena, que as sondagens de opinião europeias apontam no sentido de serem as pessoas das camadas mais ricas e instruídas de cada país a considerar que a CEE não faz tudo quanto podia e devia pela defesa dos direitos humanos! Considerando, finalmente, que a justiça nas relações internacionais e o acesso dos cidadãos dos países pobres aos benefícios materiais da democracia são condições necessárias - e porventura suficientes - para a «paz perpétua», então o que faz falta é uma opinião pública que tenha consciência da dimensão internacional de todas as suas atitudes e comportamentos. Só esta opinião pública consciente de ser internacional e que pode obrigar os Estados-Nação, ricos e pobres, a celebrar uma espécie de contrato que funda, num mesmo desígnio, os direitos humanos e o crescimento económico, isto é, um «welfare State» para o século XXI à escala mundial.

2.AGO.90

CAPITAL

De um artigo de Emílio Martins

(...) Na linha destas considerações foi concluído pela mesma reunião da OIT que os trabalhadores e as suas organizações, para além das suas tarefas fundamentais, são também hoje verdadeiros agrupamentos ecológicos.

Não poderia ser de outro modo. Pois estão já conscientes dos prejuízos que da poluição e de outros danos ambientais resultam para as suas condições de vida, incluindo o trabalho (alimentação, transportes, saneamento básico, água potável, etc.), reclamando medidas adequadas que visem, simultaneamente, a protecção do meio ambiente e a sua própria protecção. (...)

2.AGO.90

Tempo

De um artigo de Eduardo Fidalgo:

(...) Face à análise detes pressupostos económicos que terão levado o Governo Central a dizer basta, e tendo em consideração possíveis consequências de tais atitudes, não parece ser muito difícil de concluir que a razão de fundo é política.

Com efeito, Mota Amaral parece ter perdido o pé e será responsável de alguma intolerância, de uma política que não há meio de gerar o desenvolvimento ansiado pelos açorianos, pelo que é notória a erosão que tem sofrido. (...)

2.AGO.90

INTERNACIONAL

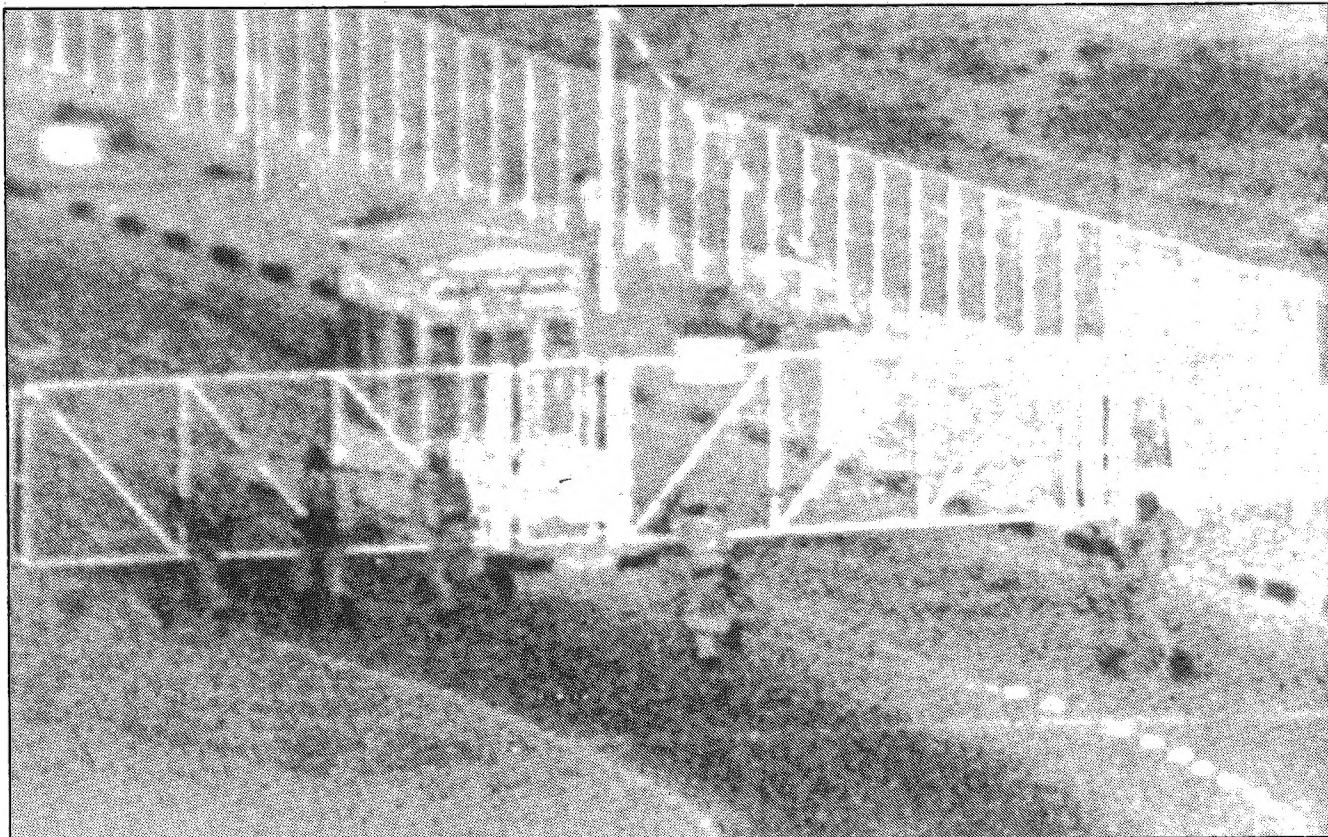
A comunidade internacional está a condenar unanimemente o Iraque, afastando, por enquanto, a hipótese de uma retaliação militar. Os «capacetes azuis» da ONU poderão ser o meio utilizado para pressionar Bagdad

Ocidente e URSS organizam resposta diplomática à invasão do Kuwait

Um dia depois da invasão do Kuwait por tropas iraquianas, estão já a ser estudadas formas de uma resposta internacional, provavelmente liderada pelos EUA. Para já, tudo indica que será tentada a via diplomática em primeiro lugar, facilitada pela condenação unânime do Conselho de Segurança da ONU. Ontem, Margaret Thatcher e George Bush, após um encontro no Colorado, invocaram directamente o capítulo 7 da Carta das Nações Unidas, relativo às acções militares da organização. O Pentágono confirmou a deslocação do porta-aviões «Independence» na direcção do Golfo.

A invasão do Kuwait pelo Iraque está a ser condenada pela comunidade internacional com uma unanimidade raras vezes vista. À excepção da Jordânia e da Líbia, que mesmo assim apelam ao diálogo, todos os outros países estão a exigir a «retirada imediata e incondicional» das tropas iraquianas. O secretário de Estado dos EUA, James Baker, faz hoje uma passagem relâmpago pelo aeroporto de Moscovo para assinar uma declaração conjunta inédita com o seu homólogo soviético, Eduard Shevardnadze.

Este isolamento internacional do Iraque, que entretanto declarou que pretende retirar as suas tropas «nos próximos dias ou semanas», não será, no entanto, suficiente para permitir uma retomada militar do Kuwait, já que não há nenhuma força



Tropas Iraquianas bloqueiam o acesso a um dos focos de resistência na capital do Kuwait

na região capaz de enfrentar com êxito o poderoso exército de Saddam Hussein.

A esquadra norte-americana no Golfo Pérsico está mais vocacionada para acções de evacuação do que para grandes ataques militares. Por sua vez, segundo uma fonte do Pentágono, a unidade de combate naval liderada pelo «Independence» encontra-se a «vários dias» de distância de um ponto que permita uma acção eficaz. Esse «ponto

ideal» situa-se à entrada do Golfo, já que qualquer tentativa de passar pelo estreito é tida como «extremamente perigosa».

Bens congelados

Os EUA, Japão, Grã-Bretanha, França e Bélgica decidiram congelar os bens iraquianos depositados nos seus territórios. A URSS e o Brasil anunciaram que não vão vender mais armas ao Iraque. Argélia, Egípto,

Arábia Saudita, Marrocos, Síria (cujo exército foi posto em estado de alerta), Irão e outros países árabes, condenaram a invasão e convocaram uma cimeira urgente da Liga Árabe.

Margaret Thatcher esteve ontem com Bush em Aspen, no estado do Colorado, tendo defendido «uma acção colectiva e eficaz» dos países-membros da ONU, invocando o capítulo 7 dos estatutos da organização. Foi esse capítulo

que esteve na origem do envio dos «capacetes azuis» para a Coreia, nos anos 50, e, mais recentemente, para o Líbano.

Na área militar, as tropas iraquianas tomaram ontem por completo a capital kuwaitiana, dirigindo-se agora para o sul, onde se situam a maior parte dos poços de petróleo do país. Segundo o embaixador do Kuwait em Bruxelas as baixas sofridas pelas Forças Armadas do emirato, forma de cerca de

200 mortos, o que vem desmentir o «banho de sangue» que temiam ontem diversas fontes ocidentais.

Entre essas baixas, encontra-se o irmão do emir Jaber al-Ahmed Al-Sabah (que está salvo na Arábia Saudita, juntamente com o príncipe herdeiro) que morreu ontem na batalha pela defesa do palácio real na capital. Fahd Al-Ahmed Al-Sabah, de 48 anos de idade, era uma figura muito conhecida nos meios desportivos internacionais, sendo actualmente vice-presidente da FIFA, representante da Ásia junto à organização e presidente da Federação de Futebol e do Comité Olímpico do Kuwait. Ele tornou-se célebre no Mundial de Futebol de Espanha, em 1982, quando mandou parar o jogo entre o Kuwait e a França.

Oito norte-americanos que trabalhavam em explorações petrolíferas kuwaitianas na região da fronteira com o Iraque desapareceram, calculando-se que estejam em poder do exército invasor. Antes do encontro com Thatcher, George Bush foi interrogado sobre a questão, tendo declarado que se se confirmasse a captura, isso «afectaria de maneira dramática o comportamento de Washington», lembrando que um Presidente dos EUA tem «responsabilidades específicas» na garantia da segurança de cidadãos norte-americanos no exterior.

Redacção
«DL»/AFP/Lusa

Saddam mão de ferro

Onze anos de um Poder absoluto, com ninguém partilhado e aplicado por mão de ferro, permitiram ao presidente Saddam Hussein dominar o Iraque como senhor incontestado e temido, fazendo do seu país a grande potência militar do Médio Oriente e disso dando provas durante os oito anos da implacável guerra contra o Irão.

Quem é Saddam? Nasceu em Abril de 1937, na aldeia de Owja, e cedo, aos 9 anos, ficou órfão. Em 1955 vai estudar para Bagdad e já então a política o fascina.

Quatro anos depois participa num ataque armado, em pleno centro da capital iraquiana, contra o ex-primeiro ministro Abdel Karim Qassem. É ferido numa perna mas consegue fugir primeiro para a Síria e, depois, para o Egípto.

Regressa ao Iraque em 1963, após a queda do primeiro ministro de então, e logo se envolve em operações para derrubar o Governo seguinte, chefiado por Abdel Rahmane Aref, queda que se verifica em Julho de 1968, quando o Partido Baas sobe ao Poder. Saddam torna-se, então, o homem forte do regime, na sombra do chefe de Estado Ahmed

Hassan al Bakr.

Cabelo lustrado

Segue-se um período em que Saddam procede, sistematicamente, à eliminação de todos os seus adversários internos e externos. Por exemplo, em 1975 ataca os curdos, no norte do Iraque; três anos depois investe contra o partido comunista iraquiano e, com o passar do tempo, vão acumulando-se os presos políticos, que, segundo a Amnistia Internacional, atingiram milhares.

Também com o tempo, desenvolve-se um culto da personalidade que atinge exageros invulgares. Não se vê rua importante de Bagdad que não tenha retratos de Hussein em grande formato. E há, de Hussein, estatuetas, pinturas murais, estátuas de figura inteira ou a cavalo, vestido à civil ou fardado e sempre com a cabeleira negra invariavelmente lustrosa.

Mas não esquecer que Saddam Hussein domina um país, o Iraque, que é o segundo do mundo em volume de reservas petrolíferas.

Exclusivo DL/Le Monde

Tóquio sofreu maior baixa

Bolsas continuam em queda

Os indicadores económicos internacionais continuam bastante agitados com a guerra no Golfo Pérsico. Os principais mercados bolsistas do mundo continuaram hoje em queda, com Tóquio a registar uma quebra de 2,4 por cento. O índice Nikkei caiu abaixo dos 30 mil pontos, o que acontece pela primeira vez em três meses. Wall Street e Paris registaram quedas de 1,2 por cento. Em Londres, o barril de petróleo Brent, do mar do Norte, subiu dos 22,20 dólares de ontem para 23,30. Nas horas que se seguiram à invasão do Kuwait chegou a atingir os 23,50.

O mercado do dólar está mais calmo do que faziam esperar os níveis ontem atingidos. Em Paris e Tóquio não houve qualquer aumento significativo.

A queda de hoje na Bolsa de Tóquio foi justificada por diversos corretores como uma reacção natural à preocupação por um grande aumento nos preços do petróleo. Extremamente dependente das importações do Médio Oriente, a economia japonesa poderá sofrer os efeitos desses aumentos, com um grande crescimento da inflação e, consequentemente, das taxas de juro.

Redacção «DL»/AFP

INTERNACIONAL

A guerra Iraque-Kuwait é, como muitas vezes acontece, uma guerra entre um rico e um pobre. Só que neste caso tudo parece baralhado. O pobre é o Iraque, que tem a economia em ruínas, mas um poder bélico enorme, por enquanto. O rico é o Kuwait, que não cuidou de comprar muitos soldados com os largos bilhões de dólares que o petróleo lhe deu

Problemas financeiros levam Iraque à guerra

Apanhado no «ciclo infernal da dívida», o Iraque debate-se há mais de um ano com dificuldades financeiras insuperáveis. Arruinado pela guerra, limitado nos seus recursos financeiros pelo baixo preço do petróleo, Bagdad mostra-se incapaz de fazer face aos seus desafios económicos e às despesas de um plano de reconstrução civil e militar demasiado ambicioso. Apesar do seu enorme potencial, enfrenta dificuldades crescentes de encontrar novos créditos e está dependente da comunidade financeira internacional.

Ao invadir o Kuwait, pequeno mas muito rico, que detém não só as reservas de petróleo bruto mais importantes do mundo (duzentos anos ou mais), mas também enormes recursos financeiros, o Iraque jogou manifestamente tudo por tudo.

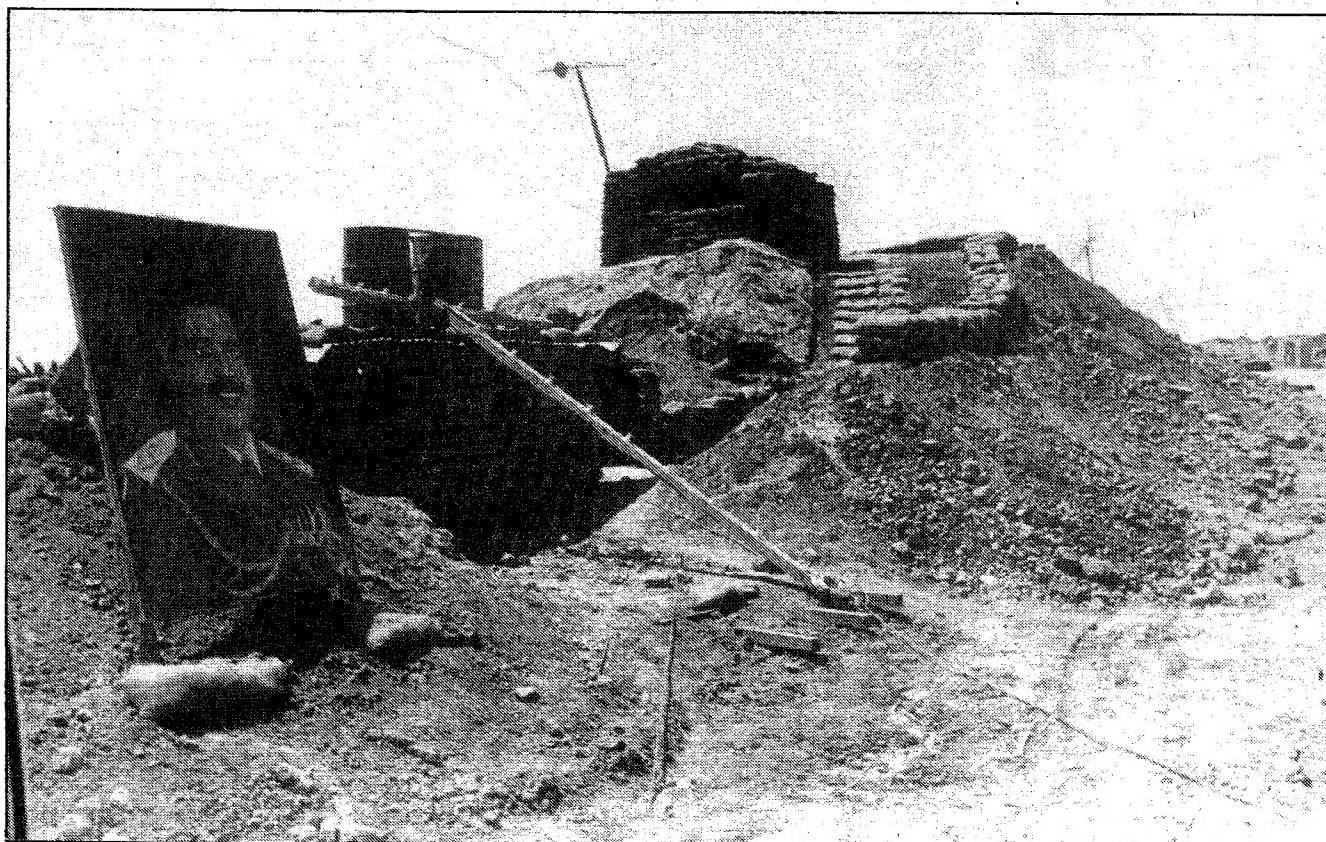
O Iraque durante dez anos de guerra acumulou uma dívida calculada em mais de 70 mil milhões de dólares, 40 mil milhões dos quais contraídos ao Ocidente, à URSS e aos países do Terceiro Mundo e os restantes 30 mil milhões aos antigos aliados do Golfo, entre os quais o Kuwait e a Arábia Saudita.

Recusando a normalização desta dívida e dar início a negociações com o FMI ou com o Clube de Paris, com vista ao seu adequado rescalamento, Bagdad está incapaz de fazer face aos seus compromissos, acumulando sucessivos atrasos nos pagamentos aos seus credores e fornecedores que, um a um, lhe vão cortando novos créditos.

Nos últimos dois anos, as receitas do país conheceram uma melhoria devido aos rendimentos obtidos com o petróleo, tendo no ano passado atingido 15 mil milhões de dólares, contra os 12 mil milhões registados em 1988. Mas certamente que as despesas ultrapassaram largamente estes limites, ainda que o Governo, por razões «estratégicas», mantenha uma estrito embargo sobre toda a informação orçamental ou financeira do país.

Grandes despesas

Para além das importações destinadas a fins civis, calculadas em cerca de 11 mil milhões de dólares e da continuação dos gastos em material bélico, estimados em aproximadamente cinco mil milhões de dólares, Bagdad tem de suportar um encargo



O retrato do presidente iraquiano, Saddam Hussein, e ruínas da guerra com o Irão: o programa de reconstrução do Iraque é impossível de cumprir com as actuais receitas

com o serviço da dívida avaliado em, pelo menos, três mil milhões de dólares, assim como as transferências dos trabalhadores imigrantes, ainda numerosos num país com uma falta estrutural de mão-de-obra (mais de mil milhões de dólares).

Resultado: uma balança de transacções correntes largamente deficitária, cerca de 5,5 mil milhões de dólares e uma necessidade de novos financiamentos calculados em dez mil milhões.

Desde os primeiros meses de 1989, o Governo teve que iniciar negociações bilaterais com todos os seus credores de forma a enfrentar novamente a crise económica. Se conseguiu chegar a um entendimento com alguns países (RFA, Turquia, Jugoslávia), o Iraque debateu-se com dificuldades crescentes com os seus maiores fornecedores de fundos, descontentes com os seus métodos brutais (ausência de dados oficiais, multiplicação de contenciosos, não pagamento dos juros das dívidas com os países europeus, etc) e, cada vez mais inquietos por verem a insistência dos iraquianos na reconstrução, sem terem em conta a degradação da sua situação financeira.

Os japoneses, por exemplo, reduziram drasticamente os novos créditos e aconselharam os seus industriais a uma maior prudência, tal

como aconteceu com os britânicos, os norte-americanos, os franceses e os italianos.

«País industrializado autónomo»

Estes últimos, escaldados com o escândalo da Banca Nazionale del Lavoro, acusado de ter concedido novos créditos não autorizados ao Iraque no valor de 1,7 mil

milhões de dólares.

Estas enormes dificuldades não foram, no entanto, suficientes para reduzir as ambições do Governo que prossegue o seu objectivo de se tornar num «país industrializado autónomo», tendo investido mais de sete mil milhões em projectos imediatos em todos os domínios: sector do petróleo e do gás natural, matérias primas,

indústrias ligeiras (têxteis, agroalimentar), indústria militar, agricultura e reconstrução propriamente dita, nomeadamente no sul, em Bassorah e em Fao.

No total, o programa de reconstrução está calculado em mais de 60 mil milhões de dólares, a ser investidos a médio e longo prazo. Um programa impossível de financiar nas actuais circun-

stâncias. Ao nível atingido no ano passado por barril, as receitas de Bagdad seriam suficientes apenas para financiar as importações correntes, deixando intacto o problema da dívida. Compreende-se pois o furor de Saddam Hussein ao constatar a nova queda dos preços do petróleo durante a Primavera deste ano, os quais poriam as receitas do Estado ao nível crítico registado em 1988, levando muito simplesmente o Iraque à falência.

O acordo obtido na cimeira da OPEP, na semana passada, deveria, por certo, dar ao Iraque uma maior margem de manobra. Cada dólar de aumento do preço do petróleo significa para Bagdad, mil milhões de dólares de receitas suplementares. O aumento dos preços de 14 para 20 dólares desde metade de Julho deveria elevar a cerca de seis mil milhões de dólares suplementares durante o período de um ano, ou seja, três mil milhões até ao fim do ano. Na condição de os preços se manterem.

Mas, paralelamente, as sanções económicas adoptadas por Washington na semana passada iriam agravar a situação financeira do Iraque. Os EUA eram até então um dos últimos países que aceitaram conceder créditos aos iraquianos para a compra de produtos alimentares.

Veronique Maurus -
exclusivo
«Le Monde»/«DL»

Kuwait: um país de formigas riquíssimas

Povo de formigas poupadas, obsecadas pelo longo prazo, que se orgulham do seu apelido de «judeus do Golfo», os kuwaitianos, sentados sobre as reservas de petróleo e de dólares, constituem uma presa tentadora.

Com dois séculos de crude debaixo dos pés, um rendimento pró-capita de 13.400 dólares em 1988, superior ao da Itália e da Inglaterra, que o classificam como o país mais rico do mundo, o pequeno emirado não está contente com o facto de ser um país produtor de petróleo como os outros. Desde o princípio dos anos 70, o Kuwait vem constituindo um património financeiro único no seu género. Oficialmente estimado em 40 mil milhões de dólares, esse património deverá ser, na realidade, três ou quatro vezes maior do que é declarado e os rendimentos que produz serão pelo menos iguais aos obtidos com a venda do petróleo.

Nos anos 70, o Kuwait reservou sistematicamente 10 por cento das receitas do petróleo para um fundo chamado de Reserva para as Gerações Futuras, que é mantido a longo prazo e que não pode ser tocado antes do ano 2010, pelo menos. O Kuwait alimenta também um outro fundo, a Reserva Geral, a qual serve como margem de manobra para o Governo.

A gestão deste património é assegurada por um organismo ligado ao Ministério das Finanças, o KIA (Kuwait Investment Authority), cuja filial secular em Inglaterra, o KID (Kuwait Investment Office) assegura a sua quotação em todas as praças europeias. Ao longo dos anos, o Kuwait acumulou

também um dos mais sólidos e bem geridos patrimónios do mundo. Nele figuram, entre outros, alguns dos maiores grupos industriais, como o alemão Hoescht, do qual o Kuwait detém 24,9 por cento do capital; o Daimler-Benz (17 por cento), Metallgesellschaft (15 por cento), o grupo italiano FIAT, os espanhóis Torras Hostench, terceiro grupo industrial da península, o Ebre, Cros, Esplosino Rio Tinto; o inglês Midland Bank e a companhia petrolífera BP. O KIO é o segundo acionista do Midland Bank com 10,6 por cento das acções e chegou a deter 22 por cento do PB, facto que infureceu a primeira-ministro Margaret Thatcher e obrigou o KIO a contentar-se com uma participação de 9,9 por cento.

Em França, os kuwaitianos detêm acções nos bancos Paribas, Suez e nas sociedades financeiras Cerus e Parfinance, bem como um importante património imobiliário (Galerie des Champs, tour Manhattan de la Defense, etc.). Os pormenores deste património único no seu género à escala dum Estado, que se duplica com um património não negligenciável a nível dos particulares e nomeadamente da família do emir, são dificilmente sondáveis, já que o KIA não publica nenhum balanço preciso. O Kuwait, interessado sobretudo com a rentabilidade manteve sempre, salvo nas raras ocasiões em que não conseguiu, a total discrição sobre os seus patrimónios no estrangeiro e uma total neutralidade perante as empresas de que é accionista.

Exclusivo «DL»/«Le Monde»

INTERNACIONAL



Sá Machado: «O Iraque dispõe de um poderio militar desmesurado»



Falcão e Cunha: Governo «deve acompanhar a situação dos residentes portugueses»



João Cravinho: ONU tem de usar «todos os seus recursos»



Álvaro Vasconcelos: segurança dos países fracos «é o maior problema do pós-guerra fria»



Adriano Moreira: «Terrorismo transnacional» exige nova atenção

A guerra Iraque-Kuwait é, como muitas vezes acontece, uma guerra entre um rico e um pobre. Só que neste caso tudo parece baralhado. O pobre é o Iraque, que tem a economia em ruínas, mas um poder bélico enorme, por enquanto. O rico é o Kuwait, que não cuidou de comprar muitos soldados com os largos biliões de dólares que o petróleo lhe deu.

Bagdad tenta «liderar o mundo árabe» servindo-se da força das armas

A invasão do Kuwait pelas tropas iranianas foi condenada por todos os partidos e por especialistas em política internacional, que o «DL» contactou. Temem em especial o poder bélico do regime de Bagdad e consideram que se trata de uma tentativa para liderar o mundo árabe. Frisaram também a necessidade de rápida intervenção da ONU, para estabelecer a paz, dando especial atenção a conflitos regionais.

«Um novo Hitler»

Vitor Sá Machado considerava que a «invasão do Kuwait apresenta mais um e ameaçador passo na escalada do Iraque para assegurar a liderança do mundo árabe. Essa escalada serve, fundamentalmente, a ambição e megalomania de um ditador, a que os comentadores chamam já o novo Hitler e que se iniciou em 1980, com a declaração de guerra ao Irão, guerra essa que custou mais de um milhão de vidas e se saldou por custos materiais incalculáveis».

«O Iraque emerge, deste modo, como o primeiro importante protagonista do novo sistema de poder, determinado pela perestroika soviética», acrescentou. «É um protagonista particularmente perigoso, dada a sua afirmada intenção hegemónica sobre o universo árabe e o poderio militar desmesurado de que

dispõe; esse poderio inclui arsenais de armas químicas, mísseis de longo alcance, milhares de blindados e mais de um milhão de homens em armas.»

«A situação é muito grave e constitui um desafio particularmente difícil, para os Estados Unidos e a União Soviética, cujas políticas externas e de segurança, em processo de redefinição, não estão ainda afinadas de modo a permitir-lhes uma resposta adequada e coordenada, sobre a qual terá sempre que basear-se uma qualquer resposta da comunidade internacional, ao que constitui uma séria ameaça à paz», disse-nos ainda Sá Machado.

«Necessárias sanções»

João Cravinho afirmou, por seu lado, que «dada a vulnerabilidade desta região, do ponto de vista do interesse das grandes potências e da própria segurança europeia, bem como do ponto de vista dos interesses do mundo árabe, é indispensável que se restabeleça a soberania plena do Kuwait e se retirem as tropas iraquianas, na sequência da decisão do Conselho de Segurança da ONU».

«No caso de o Iraque não se conformar com as decisões tomadas, o Conselho de Segurança deveria ordenar ao Iraque que se abstinhasse de

continuar tal acto de guerra e, se tal decisão não for aceite, tanto as grandes potências como o órgão executivo da ONU deveriam pôr a funcionar os mecanismos de que dispõem, impondo sanções ao Iraque». Este dirigente socialista considera que agora «o Conselho da ONU tem de usar todas as suas capacidades e recursos, para estabelecer a paz no Médio Oriente».

«Controlar armamento regional»

Álvaro Vasconcelos considera que esta invasão mostra «como as tentativas de hegemonia de potências regionais não são controláveis pela cooperação entre as superpotências, como o não eram, aliás, pela sua oposição. A descompressão resultante da diminuição da presença das superpotências, aumenta a liderança de acção de países como o Iraque».

«É preciso não só condenar em palavras a intervenção do Iraque, mas estabelecer, entre os países produtores de armamento, um acordo na contenção das exportações militares para o Terceiro Mundo, baseado em regras de equilíbrio e controlo de armamento regional», acrescentou.

«O apoio que o Iraque recebeu de alguns países ocidentais durante a sua guerra com o Irão, que o Iraque aliás começou, encorajaram-no

nesta nova aventura», afirmou. «A intervenção do Iraque mostra, também, que os principais problemas militares que terão de enfrentar as potências ocidentais no pós-guerra fria, é garantir a segurança de pequenos estados, seus aliados, perante as ambições de vizinhos poderosos e agressivos».

«Insegurança em estado agudo»

Adriano Moreira declarou ao «DL» que «o terrorismo transnacional, na sua maior extensão, inscreveu-se na área de dois conflitos: Israel contra palestinos e Iraque contra Irão. A obediência à Resolução 590 (1987) do Conselho de Segurança das Nações Unidas pode ter posto fim a este último, que custou um milhão de mortos, mas não pôs fim à política militar do Iraque, e voltou-se, agora, contra um importante aliado na guerra contra o Irão, uma das petromonarquias que o financiaram, pela simples razão de que estão ali recursos de que precisa».

«É um exercício de política do espaço vital, e daqui decorre o aviso de que o terrorismo transnacional pode exigir nova atenção, e a reafirmação de que a insegurança mundial continua em estado agudo. Uma intervenção eficaz do Conselho de Segurança, agora finalmente imaginável, usando

a corresponsabilidade das grandes potências, poderia contribuir para desmobilizar o conflito central e desencorajar a cadeia de perigosos conflitos regionais que podem alastrar em consequência, sendo este um dos alarmantes», disse ainda.

«Desrespeito pelo diálogo»

Os sociais-democratas condenam a invasão. Uma declaração assinada por Falcão e Cunha, que transcrevem na íntegra, refere: «A invasão militar do território do Kuwait merece da parte do PSD reprovação, como sempre merecem quaisquer actos de violência e de desrespeito pelas regras internacionais de diálogo e de coexistência pacífica».

«Preocupa também o PSD a situação dos residentes portugueses nos países em conflito, nomeadamente no Kuwait, devendo o Governo acompanhar com especial cuidado a sua situação», refere o documento.

«O PSD está certo que o Governo português envidará todos os esforços diplomáticos possíveis para o rápido restabelecimento da paz, naquela zona sensível do globo» conclui o secretário-geral dos sociais-democratas.

«Violação condenável»

Os comunistas tomaram

posição em nota divulgada pelos serviços de Imprensa. Refere: «A invasão do território do Kuwait por tropas iraquianas não pode deixar de ser considerada como uma condenável violação dos princípios do direito internacional e da carta da ONU e como um grave acontecimento, susceptível de criar novos factores de instabilidade na região».

«Num momento em que ganha terreno um clima de desanuviamento e de procura de soluções políticas para graves conflitos regionais, esta invasão vai, claramente, contra essa tendência nas relações internacionais e assume particular gravidade tendo em conta que a paz entre o Irão e o Iraque ainda é frágil e que pode levar a tentativas de alargar o envolvimento dos estados beligerantes», afirma o PCP.

«Esta invasão pode ainda conduzir ao agravamento de divisões do campo árabe, que não favorecem o justo objectivo da solução do conflito israelo-árabe com base no reconhecimento do Estado palestino», afirma o PCP, que conclui: «É do interesse da paz e da procura de soluções negociadas que as tropas do Iraque se retirem do Kuwait e que nenhum Estado, particularmente Israel, com apoio dos Estados Unidos, se aproveite do conflito».

INTERNACIONAL

CEE acelera auxílio à URSS

Do nosso correspondente em Bruxelas

Peritos da Comissão Europeia estão a estudar formas de ajuda urgente à União Soviética para que Mikhail Gorbachev possa exibir algo de palpável quando apresentar, dentro de poucas semanas, o seu programa político.

Fontes diplomáticas contactadas em Bruxelas referem que é necessário agir para que o responsável pela perestroika possa mostrar medidas concretas, nomeadamente no domínio dos bens essenciais de consumo. A sua imagem está a degradar-se e a população, carecida de alimentos, não aceitará promessas, o que poderá ter como consequência um agravamento dos movimentos separatistas.

Na Suíça foi, entretanto, divulgado que a União Soviética vendeu, de Janeiro a Maio deste ano, 300 toneladas de ouro, ou seja uma quantidade igual à totalidade do ouro soviético transaccionado no ano anterior, nas praças de Londres e Zurique. Um técnico da Comissão disse ao «DL» que a venda de ouro por parte da URSS, neste momento, não se apresenta como uma operação oportuna. Os preços penalizam as transacções.

Uma fonte diplomática ocidental referiu que a CEE procura ajudar a economia da URSS a encontrar soluções. No entanto, a tarefa está a conhecer dificuldades originadas pelo sistema económico ali implantado, que não se compadece com receitas que teriam êxito no Ocidente.

Tudo indica que a Comissão Europeia continuará a enviar com regularidade missões técnicas a Moscovo. Um economista revelou ao «DL» que a actual conjuntura é desfavorável e que as medidas de saneamento económico pecam por um atraso de dois anos, quando, de facto, as condições existentes teriam possibilitado uma maior eficácia.

Troca de experiências e conhecimentos

Por outro lado, foi agora anunciado em Bruxelas, o financiamento de duas acções destinadas à Hungria, no montante aproximado de quatro milhões de contos. Esta medida enquadra-se no PHARE (Programa de Assistência à Polónia e à Hungria) e é incluído no orçamento comunitário relativo ao ano em curso.

A Comissão preconiza, com essas medidas, a modernização das infra-estruturas de investigação e um programa destinado às pequenas e médias empresas. Está previsto o fornecimento de material científico e instrumentos aos centros regionais, para utilização de cientistas, engenheiros, técnicos e estudantes.

Na prática, os aparelhos existentes nos laboratórios são colocados à disposição de outros institutos. Pretende-se com este programa que haja uma melhoria na troca de experiências e conhecimentos em matéria de investigação e desenvolvimento a nível internacional.

A Hungria, também, neste domínio,

deixará de ser um país fechado ao intercâmbio, que se alargará às bibliotecas e aos bancos de dados, quer internos, quer dos outros países. Uma das bibliotecas que beneficiará de uma atenção redobrada é a «OMK», a principal unidade da Hungria, que conta dez mil utilizadores, essencialmente empresas. Esta biblioteca detém uma importância marcante na difusão da informação tecnológica e científica no interior do país. A ideia é torná-la mais eficaz e funcional.

Grandes empresas cedem o passo

As grandes empresas do Estado dominaram o sector industrial durante decénios. O primeiro passo para o desenvolvimento das Pequenas e Médias Empresas ocorreu em 1982. O segundo só se verifica agora.

Em 1988, de acordo com relatório das autoridades fiscais húngaras, o sector privado representava nove por cento do emprego e entre nove e dez por cento do PIB (Produto Interno Bruto). As reformas recentes tiveram como resultado uma autêntica explosão das iniciativas privadas e dos pedidos de autorização para pequenas e médias empresas.

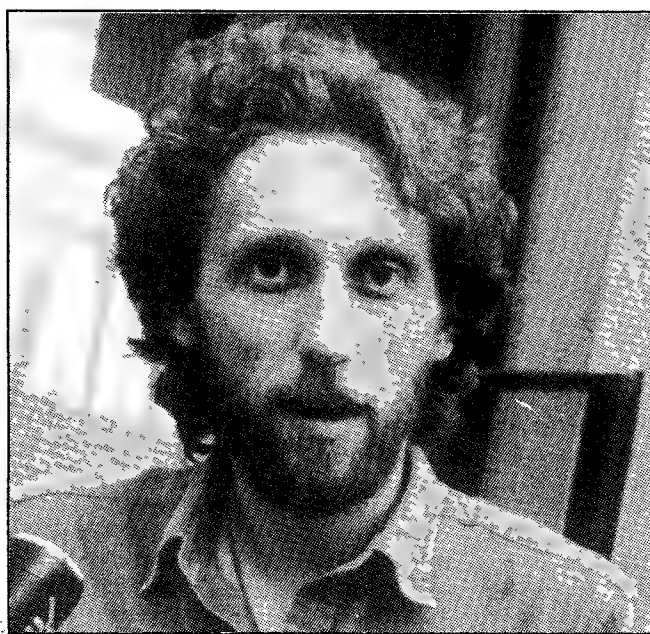
Assim, o programa particularmente vocacionado para as PME's contribuirá para um sistema de garantia em relação ao crédito, financiamento do capital de risco e ajudas a outros serviços necessários ao crescimento deste tipo de actividade.

José Rui Cunha

Bucareste dá sinais de abertura

Iliescu liberta líder estudantil

O líder estudantil romeno, Marian Munteanu, agredido e preso na sequência dos confrontos de meados de Junho em Bucareste, deixou a penitenciária de Jilava. Munteanu foi posto em liberdade graças a uma decisão do procurador geral romeno Gheorghe Robu que considerou que «as circunstâncias que tinham levado à detenção preventiva» do presidente da Liga dos Estudantes tinham mudado e a sua libertação não representava «mais uma ameaça à ordem pública». Marian Munteanu, muito magro, com uma t-shirt branca vestida e um crucifixo ao peito, saiu da penitenciária acompanhado pela sua mulher e apesar de visivelmente feliz manifestou incerteza perante a libertação, já que a sua posição não foi ainda clarificada. De facto, o Governo de Iliescu continua a acusá-lo de ter instigado os estudantes à violência e de ter destruído bens públicos durante os 53 dias de ocupação da Universidade de Bucareste. Ao sair da prisão o chamado «Cristo» romeno disse que a manifestação da Praça da Universidade tinha sido «uma vitória» visto que o seu «símbolo se encontra nas almas dos romenos». Agradeceu ainda às pessoas que dentro e fora do



A libertação de Marian Munteanu representa o primeiro sinal de abertura do Governo Iliescu depois da onda de repressão em Junho

país pediram ininterruptamente a sua libertação dizendo que elas eram a expressão dum sentimento de injustiça generalizada. «Eu não sou um privilegiado. Todas estas acções foram feitas em nome dos ideais pelos quais nós lutamos e para a libertação de todas as pessoas presas na sequência dos acontecimentos de Junho», disse ainda Munteanu, relem-

brando os 184 presos políticos que ainda se encontram nas cadeias romenas.

Sinal de abertura

De facto, a libertação do líder estudantil anunciada e efectuada ontem com a autorização do procurador geral romeno, pode ser tomada como a primeira manifestação de abertura por parte do Governo de Iliescu interes-

sado em «acalmar o clima político do país» e a opinião pública internacional que já diversas vezes se manifestou pela libertação dos presos. A detenção do estudante símbolo da revolta que abalou a reputação do primeiro Presidente romeno após a era Ceausescu, provou já diversas manifestações, a última das quais se verificou no próprio dia da libertação com um comício na cidade de Sibiu, na Transilvânia. A nível internacional já várias personalidades tinham pedido ao Governo de Iliescu a libertação dos presos políticos e a CEE tinha decidido suspender a adopção dum acordo comercial e económico com a Roménia para pressionar as autoridades desse país.

Marian Munteanu de 28 anos, estudante de literaturas românicas, co-fundador da Liga dos Estudantes logo a seguir ao derrube Nicolai Ceausescu e protagonista dos dias da que ficou conhecida como «zona livre do neocomunismo», não exprimiu por enquanto a vontade de voltar aos feitos de Junho mas manifestou a vontade de voltar aos seus estudos.

Redacção «DL»/AFP/Lusa

B R E V E S

Alemanhas assinam tratado eleitoral

O ministro do Interior alemão federal, Wolfgang Schauble, e o secretário de Estado da Alemanha Democrática, Guenther Krause, assinaram em Berlim-Leste o tratado que define as condições para a realização de eleições livres na futura Alemanha unificada, previstas para 2 de Dezembro. Numa conferência de imprensa conjunta os dois responsáveis afirmaram que outras questões importantes foram debatidas durante o encontro, nomeadamente o problema do financiamento das medidas de adaptação estrutural a realizar na RDA e as garantias reclamadas por Berlim-Leste para que o Direito na Alemanha Democrática seja mantido em vários domínios.

África do Sul investiga alegado complot comunista

O ministro sul-africano da Lei e da Ordem, Adriaan Vlok, defendeu as afirmações da polícia segundo as quais o Partido Comunista da África do Sul (SACP), aliado ao ANC, teria preparado um «complot» insurreccional, introduzindo armas e guerrilheiros no país. As investigações da polícia prosseguem. Na passada quarta-feira, o Presidente de Klerk acusou o ANC de «abuso de confiança» e disse que as declarações e acções de membros destacados do ANC, bem como do partido Comunista ameaçam seriamente a continuação das negociações. Na segunda-feira haverá uma nova ronda de conversações entre o Governo de Pretória e o ANC para discussão de questões importantes como a libertação dos três mil presos políticos nas cadeias sul-africanas e a suspensão da luta armada por parte do ANC.

Dirigentes africanos discutem situação na Libéria

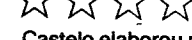
Sete chefes de Estado africanos irão reunir-se segunda-feira em Banjul, na Gâmbia, para debaterem uma saída para a guerra civil na Libéria que causou já cerca de cinco mil mortos. O Presidente gambiano e presidente em exercício da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO), Dawada Jawara, convidou os seus homólogos do Gana, Guiné Conacri, Mali, Nigéria, Serra Leoa e do Togo, assim como o secretário-geral da CEDEAO, Abass Bundu, e o secretário-geral da OUA, o tanzaniano Salim Ahmed Salim. Entre os principais pontos da agenda encontram-se a questão do cessar-fogo na Libéria, o envio de uma força internacional e a constituição de um Governo de transição para preparar eleições livres no país.

Reacendem-se os combates em Cabul

Violentos confrontos registaram-se nas últimas horas entre as tropas governamentais afegãs e os *mudjahidines* sunitas que afirmam ter capturado quinze posições ao Sul da cidade de Cabul. Segundo o porta-voz do comando rebelde, Abdul Haq, seis partidos das resistência afegã lançaram uma operação conjunta na passada quarta-feira no sector situado entre as localidades de Karboro e de Chagar-Wazgai, a menos de 20 quilómetros de Cabul.



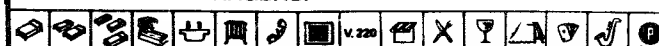
ESPECIAL FÉRIAS/90 no HOTEL DO PARQUE VIANA DO CASTELO COSTA VERDE



O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 90» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc. Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incluído.

		OUT.	AGO.SET.
PROGRAMA 1 6 noites 7 dias	Entrada domingos Saída sábados	15 900\$00	18 975\$00
PROGRAMA 2 7 noites 8 dias	Entrada qualquer dia	19 950\$00	22 925\$00

• Peq. Suplemento p/ocupação single.
• 1 a 31 de Agosto supl.: 1250\$00/dia/quarto, em qualquer modalidade.
Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 90», por Telef. (058) 82 86 05, Telex 32511 HOPARC P, Fax 82 86 12 ou no seu AGENTE DE VIAGENS.



O meio século passado sobre a anexação das Repúblicas bálticas (Estónia, Letónia e Lituânia) pela União Soviética marcou profundamente duas ou três gerações dos povos desses países. Há os que - e são maioria - criaram sentimentos anti-russos virulentos. Há os que, tendo compreendido a importância do país soviético vizinho incomodamente gigantesco, procuram, agora, a afirmação de uma independência negociada

Cinquenta anos de sofrimento nas Repúblicas bálticas

O drama não encontrou, inicialmente, qualquer eco num mundo ocidental paralisado por outro pesadelo. No dia 15 de Junho de 1940, enquanto os Panzer esmagavam a França, o Exército Vermelho tomava posse dos Estados bálticos. Foram dias terríveis, durante os quais mergulharam na servidão nações demasiado pequenas, demasiado isoladas para poderem resistir, demasiado longínquas para que o seu grito de socorro pudesse ser escutado.

Estas três irmãs do Norte, reunidas pela comunidade do infortúnio, não nasceram, todavia, do mesmo leito, e nem sempre conheceram o mesmo destino. Os etnólogos e os linguistas distinguem os lituanos dos estonianos e dos letões.

Esplendor da Lituânia

Estes dois últimos povos viveram um momento de celebridade nos anais da História: a guerra da Livónia, travada durante vinte e cinco anos por Ivan, o Terrível (a Livónia é a parte oriental da Estónia e da Letónia). Mas enquanto estes países já estavam condenados a desempenhar o papel de Gata Borralheira, a Lituânia conservava o seu esplendor. Não tinha, na Idade Média, dado o seu nome ao Grande Principado, que se estendia até Kiev e à Bielorrússia? Não tinha, em seguida, formado a União polaco-lituana?

A Lituânia conseguia travar a marcha teutónica em direcção a Leste. Formou uma barreira contra o avanço russo, na frente ocidental. As gentes da Livónia tinham colmatado com menor êxito as infiltrações germânicas: até a uma época próxima da nossa, eram os próprios barões bálticos, de origem alemã, que faziam a lei. O domínio russo sobre a totalidade da região foi concluído no século XVIII. Em 1721, Pedro, o Grande, colocou a Livónia sob a coroa da Rússia. A conquista foi completada, em 1795, com a incorporação da Lituânia. Com a Estónia e a Letónia, que davam acesso ao mar, os czares tinham conseguido assegurar a sua rectaguarda, em São Petersburgo. Defin-

ham a Lituânia, que os separava da ameaça germânica. Isto durou até 1918.

Tratados de não-agressão

Os povos bálticos aproveitaram a ocasião proporcionada pela queda do Império e o golpe de Estado de Lenine. Os bolcheviques estavam, então, numa posição demasiado débil para espezinharem, nessa zona da Europa, populações decididas a tomar à letra as promessas que tinham feito quanto ao direito dos povos decidirem o seu próprio destino. Reconhecera a independência dos três Estados, os quais, aliás, nem tiveram de reivindicar aquilo que tinham conseguido extorquir do curso favorável dos acontecimentos.

A Rússia assinou tratados de paz: no dia 2 de Fevereiro de 1920, com a Estónia; em 12 de Julho, com a Lituânia, e, em 11 de Agosto, com a Letónia (os Estados bálticos independentes foram reconhecidos pelo Conselho Supremo Interaliado, em 26 de Janeiro de 1921; depois admitidos na Sociedade das Nações).

Os três documentos continham as mesmas disposições e incluíam o mesmo género de compromissos, tal como o que figura no artigo primeiro do tratado entre a Lituânia e a RSFSR, República Socialista Federativa dos Soviéticos da Rússia:

O período entre as duas guerras

«Baseando-se na declaração feita pela RSFSR, segundo a qual todos os povos têm direito à livre determinação, direito esse que se poderá estender até à completa separação do Estado no qual se integravam, a Rússia reconhece, inequivocamente, a independência e a soberania do Estado lituano, com todas as consequências jurídicas que decorrem desse reconhecimento, e renuncia voluntariamente e para sempre a todos os seus direitos soberanos sobre a nação e território lituanos.

O facto de a Lituânia ter dependido, no passado, da Rússia não acarreta à nação lituana e ao seu território qualquer obrigação relativamente a este país».

O período entre as duas guerras seria assinalado pela assinatura e a renovação de pactos de não-agressão entre as nações bálticas e o Estado soviético. Todavia, a partir desse momento, tornou-se evidente que a URSS não apreciava a mutilação que sofrera em 1920. Historiadores estalinistas, com P. Y. Vipper, celebravam Ivan o Terrível, que soubera ganhar

a guerra da Livónia, e elogiavam o facto de ter concluído a conquista através da aplicação de uma política de russificação na zona.

Devorarem-se mutuamente

Aos olhos destes autores, Pedro o Grande também tinha méritos, embora não tivesse colonizado com a mesma brutalidade do seu

predecessor. Ao ler estas interpretações históricas, os povos bálticos tomavam conhecimento das verdadeiras intenções dos líderes soviéticos, e tinham motivo para recear o pior. Os seus presentimentos tornaram-se inelutáveis em Agosto-Setembro de 1939, quando Hitler e Estaline partilharam entre si os povos ainda em liberdade. Enquanto esperavam poder devorar-se mutuamente, os dois cúmplices apertavam o cerco em redor das presas. E, durante esse compasso de espera, cada um passeava-se impunemente pelas «zonas» que se tinham reciprocamente atribuído. Estaline demarcava o seu território nas regiões bálticas, e Hitler fazia evacuar os alemães instalados desde há muito naqueles Estados. Os negociadores soviéticos multiplicavam as iniciativas junto dos dirigentes bálticos, para que trocassem a neutralidade por uma aliança com Moscovo. Com um misto de brandura e ameaças.

Molotov dixit

Foi, assim, que, no dia 2 de Outubro de 1939, Urbsys, ministro lituano dos Negócios Estrangeiros, foi convocado a Moscovo. A URSS, que acabava de se apoderar da sorrelha da zona oriental da Polónia, oferecia-lhe generosamente a região de Vilno, que fora, até então, território polaco. Exigia, ao mesmo tempo, a assinatura de um novo acordo que fornecesse a Moscovo bases para assegurar a presença de 50 mil homens na Lituânia. O Governo, então instalado em Kaunas, resistiu durante alguns dias, mas cedeu, no dia 10 de Outubro, depois de ter conseguido que o número de militares soviéticos fosse reduzido de 50 para 20 mil elementos.

Acordos idênticos foram impostos à Letónia e à Estónia. Os dirigentes bálticos ficaram com a sensação de terem conseguido evitar o irreparável. Os soviéticos reforçaram as suas ilusões. No dia 31 de Outubro, ao comentar os referidos tratados, Molotov afirmava ao Soviète Supremo: «É incorrecto dizer que estes pactos de assistência mútua constituem uma ingerência da

URSS nos assuntos da Estónia, da Letónia, da Lituânia, como alguns órgãos de Informação estrangeiros se esforçam por demonstrar. Bem pelo contrário, a inviolabilidade da soberania dos Estados signatários é formalmente reconhecida nesses pactos de assistência, e o princípio da não-interferência nos assuntos de um Estado independente também ali se encontra consagrado. Estes pactos fundamentam-se no respeito recíproco pela estrutura social e económica do parceiro, e destinam-se a consolidar as bases de uma colaboração pacífica e de boa vizinhança entre os nossos povos».

«Um Governo capaz»

Na realidade - mas eles ainda não o sabiam -, estes países tinham perdido a sua independência desde Outubro de 1939, quando Estaline mandou instalar o dispositivo militar - no início, ligeiro - que lhe permitiria devorar a presa. Quando os preparativos foram completados, e enquanto Hitler estendia as suas garras pela Europa ocidental, o «Pai dos Povos» considerou que chegara o momento de se sentar à mesa.

A pretexto de alguns incidentes, provocados ou reais - mas menores -, envolvendo os soldados das bases soviéticas, Moscovo enviou, a 14 de Junho de 1940, um ultimato a cada um dos três Estados bálticos. Exigia (no que diz respeito à Lituânia, por exemplo), que o ministro do Interior, Skutchas, e o chefe do departamento da Polícia Política, Povilaitis, «como responsáveis directos pelos actos de provocação contra as guarnições soviéticas na Lituânia, compareçam perante a Justiça».

Pedia que fosse «formado imediatamente, na Lituânia, um Governo capaz e disposto a garantir a aplicação honesta do tratado de assistência soviético-lituano, e a punir os adversários do referido tratado». O parágrafo seguinte reclamava «a livre entrada, em território lituano, dos destacamentos militares soviéticos, com vista à sua distribuição pelos centros mais importantes do país e em



O momento histórico em que os deputados votaram, no Parlamento lituano, a declaração de independência, em Maio passado

número suficiente para assegurar a aplicação do tratado lituano-soviético».

Interrogado pelo seu homólogo da Lituânia, Urbsys, sobre a composição do contingente soviético, Molotov respondeu: «Dois a três corpos do Exército», ou seja, dois corpos de 200 a 250 mil homens. O ultimato foi enviado às 0.30 horas do dia 15 de Junho. A URSS exigia uma resposta antes das 10 horas do mesmo dia. Os países bálticos cederam perante esta manifestação de força.

Uma farsa eleitoral

O presidente da República lituana, Smetona, abandonou o país sem esperar pela invasão. Confiou os seus poderes ao chefe do Governo, Merkys, que também estava demissionário. Situação um pouco embaraçosa para os soviéticos, que, embora ignorando alegrementetodas as regras do Direito, conservavam uma mentalidade de notários. Pretendiam uma aparência de legalidade. O seu representante em Kaunas ordenou ao chefe do Executivo (e chefe de Estado interino) que formasse um novo governo, composto de comunistas e «patriotas». Mal foi nomeado para chefiar este novo



Os sentimentos anti-russos espalharam-se como fogo em pólvora pelas três Repúblicas Bálticas, recorrendo até a slogans em Inglês

governo da «Lituânia independente», Paleckis, escritor pouco reputado e «companheiro de estrada» dos comunistas, instalou-se na Presidência da República; os presidentes da Estónia e da Letónia foram deportados para a URSS. A sovietação começou de imediato.

Ao professor Krévé-Mickevicius, vice-presidente do novo governo lituano e ministro dos Negócios Estrangeiros, que protestava

contra estas medidas, Molotov respondeu, no dia 30 de Junho de 1940: «Saberemos convencer o povo lituano. Verificará, por si próprio, que, dentro de alguns meses, será esse mesmo povo que pedirá a incorporação da Lituânia na URSS».

Um Procurador sinistro

Alguns dias depois, o cônsul soviético em Kaunas, Dekanozov, respondeu cin-

icamente a um deputado hostil à anexação: «Fala-nos de independência. Olhe pela janela; veja os tanques, as tropas soviéticas. Esses tanques provam que a Lituânia já não pode ser independente. Mas é, agora, livre. Onde chegam os nossos tanques, chega também a liberdade».

Os dados estavam lançados. Os novos governos organizaram, num abrir e fechar de olhos, uma farsa

eleitoral com uma lista única. Aqueles que poderiam ter oposto resistência já tinham sido deportados. Um documento, assinado por Serov, alto funcionário do KGB, dava instruções apavorantes às «troikas», que foram encarregadas desta operação.

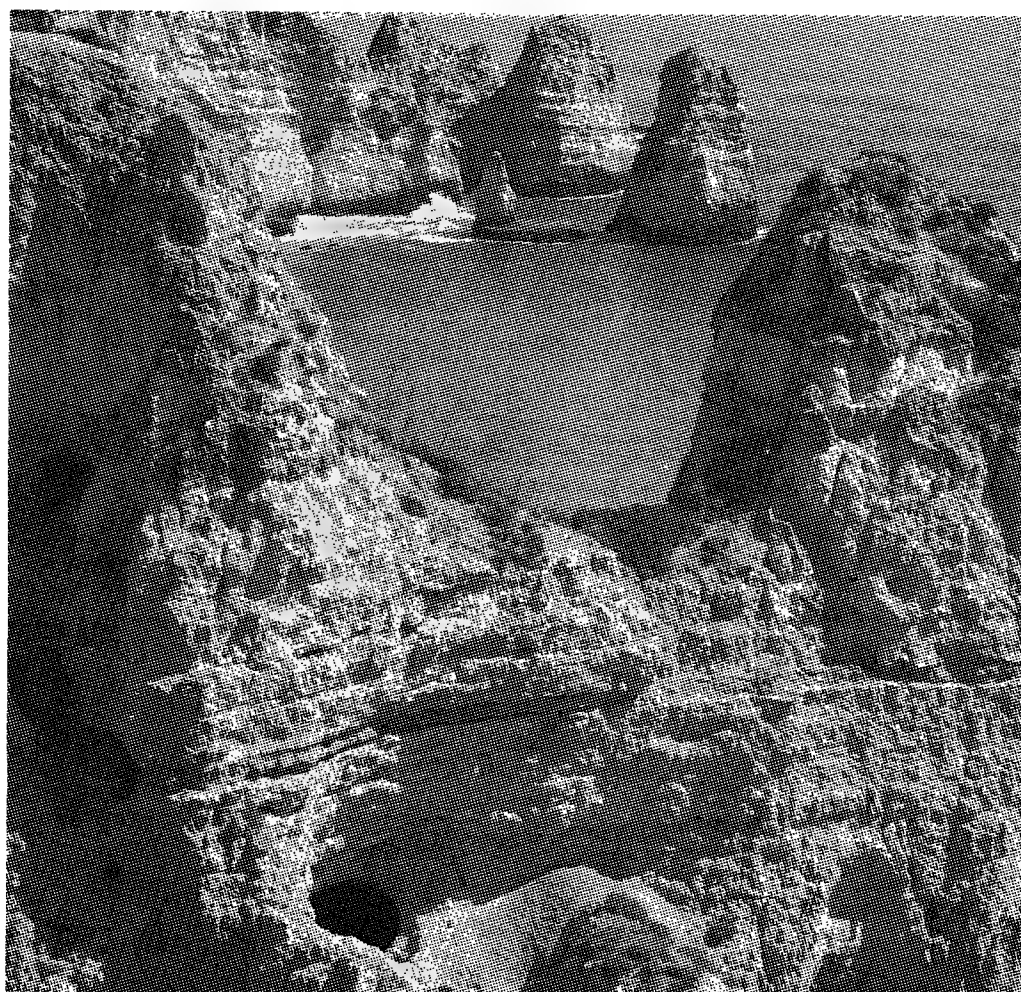
Parlamentos foram «eleitos», a 14 e 15 de Julho, nestes três países ocupados por cerca de 800 mil soldados soviéticos. O sinistro

procurador Vichynski dirigia as manobras em Riga; Jdanov, chefe do PC de Leninegrado, oficiava em Tallin; e Dekanozov, um fanático de Béria e vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, exercia a sua repressão em Kaunas. Era, ao que parece, Malenkov que controlava, a partir de Moscovo, o desmembramento da região báltica.

Num tumulto indescrevível - e embora a questão nem sequer tivesse sido abordada durante a «campanha eleitoral» ultra-rápida -, os deputados e todos aqueles que se encontravam na sala, incluindo os soldados das forças de ocupação, votaram - por aclamação - a entrada na URSS. A Lituânia foi incorporada no dia 3 de Agosto de 1940; a Letónia, no dia 5, e a Estónia, no dia 7.

Houve o saque hitleriano de Junho de 1941, que não trouxe outra esperança para além da ressaca estalinista do Outono de 1944. Os bálticos, capturados, tornar-se-iam - desde esse sinistro 15 de Junho de 1940 e até, pelo menos, 1990 - os povos de uma noite polar.

Bernard Féron
Exclusivo «Le Monde»/
«DL»
(Tradução de Isabel Joyce)



Algarve

English Spoken
On Parle Français
Deutsch Sprechen

Fala-se português

16 milhões de visitantes em 1989.
Cerca de 18 milhões previstos para 1990.

1.ª fonte de entrada de divisas.
O Turismo é a primeira Indústria Nacional, ou perto.

Mas o que significam estes grandes números se os portugueses, na condição de turistas, não sentirem que são beneficiários de qualidade do Turismo em Portugal?

Turismo em Português. Vamos dar-lhe o melhor de nós mesmos.

Consulte o seu Agente de Viagens.



Ministério do Comércio e Turismo

QUOTIDIANO

«Primeiro de Janeiro» despede pessoal

O «Primeiro de Janeiro» poderá encerrar até ao final do ano, admitiu ontem o seu director e presidente do Conselho de Administração, José Manuel Barroso, durante um plenário de redacção, altura em que anunciou também a redução do número de trabalhadores através da «rescisão amigável de contratos», a consumir-se já este mês.

O matutino tem actualmente 220 funcionários (entre os quais 70 jornalistas), número que os re-

sponsáveis pretendem ver reduzido para 90 (38 jornalistas), apesar de com esta medida não garantirem a sua continuidade para além de Dezembro.

No plenário, Barroso anunciou que as indemnizações a pagar aos despedidos seriam abaixo dos valores legais. Apela aqueles trabalhadores para demonstrarem «compreensão», alegando que dessa forma poderiam assegurar o emprego aos que ficam. O Sindicato dos Jornalistas lamentou já a situação.

Um incêndio numa unidade de transformação de cortiça do Montijo, cuja origem ainda é desconhecida, volta a levantar preocupações sobre o aumento de fogos postos nos centros urbanos

Fogo em fábrica mata 3 operários

Uma explosão seguida de intenso fogo, cuja origem ainda não é conhecida, esteve na origem do incêndio que deflagrou ontem à noite, pouco antes das 22 horas, na fábrica de cortiça «Soberana», do Montijo, provocando a morte de três trabalhadores e o ferimento grave de um outro.

Fontes dos Bombeiros Voluntários do Montijo e responsáveis da firma disseram esta manhã, ao DL, que as vítimas, António de Jesus Pereira, de 46 anos; António de Jesus Cardoso da Costa, de 48 anos e Joaquim José Gato Ribeiro, de 41 encontravam-se a trabalhar e ficaram presos em partes do edifício onde as chamas de propalaram com grande velocidade.

Os bombeiros asseguravam que o estado do ferido conduzido ao hospital, Dionísio Costa Martins, de 53 anos, inspirava poucas esperanças de sobrevivência.

Combateram o incêndio, que estava ao fim da manhã na fase de rescaldo, quase todas as corporações de bombeiros do distrito de Setúbal, zona este e oeste, que destacaram para o local cerca de 35 viaturas. Meios técnicos e humanos da Base Aérea do Montijo tiveram também um papel importante da luta contra o fogo.

Inicialmente, a intensidade das chamas impediu os bombeiros de entrar em



Toneladas de cortiça foram consumidas num incêndio que lavrou toda a noite

algumas zonas da fábrica que ainda estava em funcionamento. Ela laborava das sete às 24 horas.

Fontes dos bombeiros locais disseram à nossa reportagem que as instalações tinham meios de combate de incêndios regulamentares. A sua existência de pouco serviu dada a velocidade com que o fogo alastrou. Ao mesmo tempo que decorrem os trabalhos de rescaldo decorrem já investigações para detectar a origem da forte explosão que esteve na origem da tragédia.

Este incêndio é o terceiro

da história da fábrica de cortiça, onde laboram cerca de 150 trabalhadores. Ainda está presente, na mente de alguns, os incêndios ali registados em 1956, 1964 e 1981. No entanto, nunca antes tinha havido vítimas mortais.

Queixas de fogo posto

Entretanto, uma fonte do gabinete de imprensa da Polícia Judiciária, em Lisboa, disse à Lusa, que os casos de fogo posto urbano apresentados no primeiro semestre deste ano àquela corporação subiram para 439, represen-

tando um acréscimo de 69,5 por relativamente a 1989.

A mesma fonte referiu que os casos de fogo posto urbano, em investigação da PJ, referentes ao primeiro semestre do ano passado, ascendem a 259, número este já em crescimento relativamente a 1988 (227 casos).

Os casos de queixas de fogo em florestas no primeiro semestre deste ano enquadraram um crescimento ainda mais significativo. A PJ registou já 155 casos, o que significa um aumento de 89 por cento relativamente a igual semestre do ano passado.

B R E V E S

Vendedores de time-share incomodam veraneantes

O governador civil de Faro, Cabrita Neto, considerou «inqualificável» a forma como alguns vendedores de time-share estão a actuar no Algarve, designadamente entre Albufeira e a praia do Carvoeiro. «Chegam ao ponto de provocarem engarrafamentos de trânsito para mais facilmente poderem chegar junto dos turistas», disse. Este responsável avalia em 600 o número de jovens provenientes de várias partes do País, que afluíram ao Algarve, aliciados por comissões «chorudas» que lhes são prometidas pelas empresas. Afirmou estar disposto «a tomar todas as providências necessárias para manter a ordem e a tranquilidade públicas e proteger os cidadãos do incómodo provocado por estes jovens».

Velocidades dos comboios «regressam» aos anos 50

Dirigentes da Federação Sindical dos Ferroviários e da Comissão de Trabalhadores da CP afirmaram ontem que a CP reduziu a velocidade de circulação em grande número de linhas, regeressando a valores praticados há 40 anos, para evitar desastres, na ausência de medidas para modernizar os equipamentos. Acrescentaram que a falta de investimentos na renovação implica que as pessoas que utilizam os serviços da CP e que pagam para isso «andem cada vez mais encaixotadas».

Ladrões de tabaco enviados a tribunal

A Polícia Judiciária de Lisboa remeteu a tribunal, após um ano de investigações, um processo referente a 20 assaltos praticados por uma quadrilha de seis elementos, que davam especial preferência ao roubo de tabaco, quando transportado em carrinhas. Os assaltos foram cometidos em diversas localidades dos concelhos de Loures e Sintra, sendo os seus autores detidos na zona da Amadora. Três dos acusados ofereceram resistência armada aos agentes captores.

Trabalhador despedido alveja patrão

Um pintor de automóveis alvejou ontem, com um tiro de pistola, o patrão que o despedira terça-feira da oficina onde trabalhava, no Porto. Fernando Paulo Moreira da Cruz, de 26 anos, procurou o ex-patrão, António Gomes Bernardo, de 53 anos, no escritório da empresa e, agindo em estado emocional, desferiu um tiro de pistola de calibre 6,35 milímetros, atingindo-o na cabeça. Depois do disparo aguardou a chegada da polícia que o deteve. O ferido encontra-se internado em estado crítico na sala de observações do Hospital de S. João.

Moradores protestam contra corte de árvores

O vereador lisboeta Crisóstomo Teixeira esclareceu ontem que as árvores cortadas nos separadores centrais das avenidas João Crisóstomo e Miguel Bombarda vão ser substituídas por outras nos passeios laterais das referidas vias. A informação foi prestada na sequência dum protesto de moradores, que convocaram uma manifestação de repúdio para a tarde da próxima segunda-feira.

Bancários do Norte preparam paralisação de uma hora diária

Os balcões das instituições bancárias do Norte do País poderão, já a partir da próxima semana, encerrar ao público durante uma hora por dia, num total de 15, afirmou ao DL Artur Penedos, da direcção do sindicato dos bancários daquela área geográfica. «Trata-se de utilizar o capítulo da lei que permite a realização de plenários durante as horas normais de trabalho e dentro das instituições, como forma de pressionar o grupo negociador das instituições de crédito a alterarem a sua posição, aceitando o retomar de negociações», acrescentou.

Durante o tempo em que estiverem a decorrer os plenários «não haverá atendimento do público, cumprindo-se apenas os serviços mínimos», explicou o sindicalista nortenho, adiantando que esta é uma forma de, ao mesmo tempo, pressionar as instituições e esclarecer os trabalhadores.

A iniciativa da direcção vem na sequência das decisões saídas de uma reunião que ontem decorreu entre os membros da estrutura sindical, do Congresso e do Conselho Geral do Sindicato dos Bancários do Norte (SBN).

Os membros das estruturas sindicais reuniram-se para analisar «os desenvolvimentos do processo negocial» e encontrar saídas para o impasse em que se encontram: o ACTV (Acordo Colectivo de Trabalho Vertical) do sector foi recentemente assinado pelos restantes sindicatos, ficando o sindicato do Norte isolado, uma vez que, respeitando a vontade dos seus associados expressa através de referendo, não o subscreeu.

A estrutura pretendeu retomar as negociações, o que a Associação Portuguesa de Bancos (APB) não aceitou, aconselhando as instituições de crédito a não aplicarem o aumento salarial negociado aos bancários do Norte.

Na resolução final da reunião de ontem, assinada por todas as tendências sindicais - Tendência Unidade e Participação (conotada com o PCP), Socialista, Democrata Cristã, Social Democrata/UGT e TSD - considera-se que «a postura do grupo negociador patronal significa uma abusiva e inaceitável tentativa de retirar ao SBN os seus legítimos direitos na negociação colectiva» e demonstra «derespeito pela lei (...) em ofensa aos princípios legais fundamentais estabelecidos na Constituição, nas leis, nas convenções da OIT».

A direcção ficou mandatada para tomar as medidas necessárias que, segundo Artur Penedos, passarão pelo anúncio à APB da intenção de passagem à fase de conciliação, prevista na lei, até à greve, «hipótese que não está posta de parte».

Elsa Andrade

QUOTIDIANO

Europa prepara grandes foguetões

A construção das diversas instalações destinadas à preparação do lançamento dos grandes foguetões Ariane-5, em 1995, foi intensificada, na savana da Guiana francesa, a alguns quilómetros de Kourou.

O terceiro conjunto de lançamento do foguetão europeu ELA-3, no Centro Espacial da Guiana (CSG), «é, curiosamente, o segundo estaleiro em importância na Europa (o primeiro é a construção do túnel sob a Mancha)», considerando que a Guiana é um território francês, sublinha Bertrand Gehl, director dos Chantiers Modernes, um dos responsáveis do sector de trabalhos públicos. «Temos que cumprir o calendário e conseguiremos fazê-lo», indicou.

A tarefa é enorme: é preciso que em 1991 possa ser realizado o primeiro ensaio de um dos dois grandes impulsadores a pólvora que flanquearão o andar central a oxigénio e hidrogénio líquidos do Ariane-5.

Até lá é necessário terminar a fábrica de produção dos componentes com pólvora, o edifício de ensaio dos aceleradores a pólvora, o edifício de integração propulsora, o seu equivalente para montar o conjunto do foguetão, o conjunto de lançamento, a fábrica de produção de hidrogénio, o próprio centro de lançamento e todas as instalações no solo.

Maná para a Guiana

A totalidade do montante envolvido -- 5 mil milhões de francos (130 milhões de contos) -- está compreendida no programa Ariane-5, adoptado a 10 de Novembro de 1987, em Roma, pela Agência Espacial Europeia.

Se adicionarmos uma soma equivalente para a adaptação do Centro Espacial da Guiana às suas funções do ano 2000, a sua segurança, a construção de uma central eléctrica...

Um maná para a Guiana, representado pelos efeitos destes estaleiros que vão prosseguir até 1992 e que empregam, no todo, actualmente, 1.700 pessoas, metade de guianenses, um quarto de europeus e um quarto de mão de obra estrangeira.

As instalações do ELA-3 ocupam mil hectares de superfície útil, dispersos por 21 quilómetros quadrados, entre o mar e a floresta virgem, num terreno relativamente plano, semeado de conjuntos de árvores que atingem, por vezes, os 30 ou 40 metros.

Gigantismo e modernismo caracterizam este estaleiro onde quatro milhões de metros cúbicos de terra foram deslocados em menos de dois anos. No total, foram utilizadas cem toneladas de dinamite.

Os técnicos aplicaram na construção dos edifícios 80 mil toneladas de betões especiais, que secam em algumas horas, mesmo sob as chuvas tropicais. Vinte mil toneladas de tintas contendo fungicidas estudados especialmente para resistir às algas tropicais foram utilizadas por mês.

«O ELA-3 deve durar pelos menos 20 anos, por isso todas as precauções devem ser tomadas», sublinha Caroline Vignat, responsável pelos contactos com a Imprensa.

Gigantismo e sofisticação

«Técnicas totalmente novas foram aplicadas aqui. Entre elas, os processos laser, pois as vias férreas que ligam as diversas partes do ELA-3 (onde circularão a 2 quilómetros horários, puxados por um camião especial, as mesas de lançamento com 1.660 toneladas de peso unitário em que os Ariane-5 serão instalados) obedecem às especificações dos comboios de grande velocidade (TGV).

Fibras ópticas servirão a transmissão dos dados entre os computadores. Na fábrica em que se produzem dois dos componentes com pólvora de 17 metros de altura dos impulsadores, os malaxadores são americanos, as cubas em aço inoxidável que transportarão estas misturas altamente explosivas, pesadas ao miligrama, circularão sobre almofadas de ar, por questão de segurança.

Alain Raymond/AFP

O futuro local está escolhido, mas a resolução final está por fazer

Artistas de Belém recusam despejo

O presidente da Junta de Freguesia de Belém, Carlos Cosmelli, enviou ao primeiro-ministro um telegrama intercedendo pelos artistas que estão em vias de serem desalojados do Pavilhão da Independência, propriedade da administração do Porto de Lisboa.

Uma fonte da autarquia referiu que o seu presidente remeteu ontem a Cavaco Silva um ofício, explicando a situação daqueles artistas.

Em declarações à agência Lusa, o escultor Fernando Fonseca, presidente da Associação de Artistas Plásticos e Técnicos Afins, sustentou que os 24 artistas, que trabalham naquele

pavilhão «não abandonam o local, enquanto não tiverem instalações definitivas».

Fernando Fonseca salientou que o local definitivo está escolhido para ser o centro de artes plásticas de Pedrouços, mas «até agora nada foi ainda resolvido».

«A Câmara de Lisboa tem procurado resolver a situação, mas ainda não conseguiu. Esperamos uma intervenção governamental», acrescentou.

O ultimato para os 24 artistas, instalados no Pavilhão da Independência, em Belém, abandonarem o local terminou a 31 de Julho último.

COMPRE APARTAMENTOS NA COSTA AZUL

TORRES DO SADO SETÚBAL

A dois passos de Lisboa, SETÚBAL -

- A CAPITAL DA COSTA AZUL - começa já a viver o FUTURO!

Já lhe chamam SILICON BAY... E com razão...

OS GRANDES PROJECTOS COMEÇARAM JÁ A ARRANCAR.

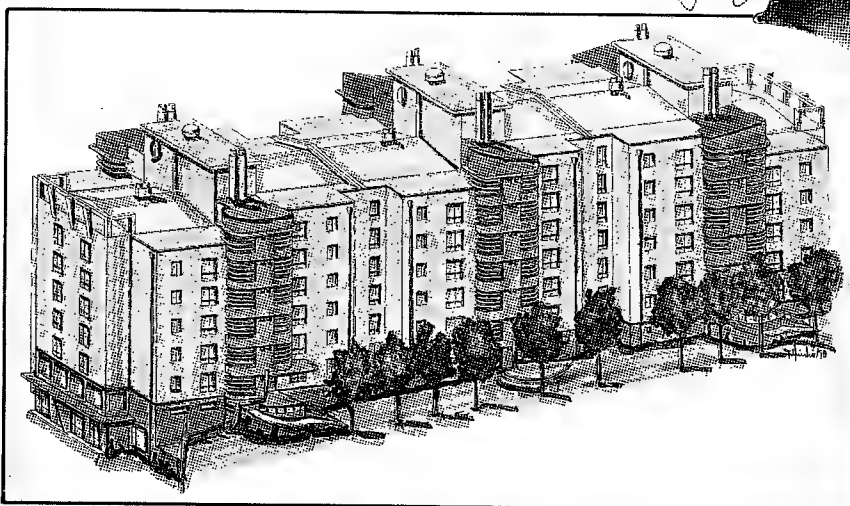
SETÚBAL é um caso muito sério para INVESTIDORES AVISADOS!

AS TORRES DO SADO - JUNTO AOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

DA CÂMARA MUNICIPAL - SÃO UM

INVESTIMENTO CERTO, COM

VALORIZAÇÃO GARANTIDA.



TETRA
CONSTRUÇÃO, S.A.

ANDAR MODELO EM SETÚBAL: Av. Bento Jesus Caraca - defronte do posto Mobil
Telefone 065 / 72 11 44 Telex 63810 ARTET P
Sede: Av. Defensores de Chaves, 27-1.º Esq. - 1000 LISBOA
Telefone 54 10 10 (rede de Lisboa) Telex 13012 ESTIL P Fax 352 63 71

Apartamentos de 2, 3 e 4 assoalhadas.

MESMO NO-
-CORAÇÃO-
-DA CIDADE!

Estou interessado em receber todas as informações sobre os vossos andares nas TORRES DO SADO em SETÚBAL.

Nome _____ Morada _____ Tel. _____

O caso Tomás Taveira versus André Neves vai ser a grande batalha legal em Setembro.
O conflito latente entre o direito à vida privada e a liberdade de imprensa volta
a tribunal mal se inicie o ano judicial. Portugal, de brandos costumes,
nunca tinha visto um cidadão ousar lançar o desafio ao quarto poder por um escândalo sexual

Tomás Taveira: a reserva entre o privado e o «semipúblico»



Tomás Taveira declarou, em audiência, que com a reportagem da «Semana Ilustrada», se «sentiu violentado para a eternidade»

«Máxima urgência possível». Eis o rótulo do processo que se encontra no Supremo Tribunal de Justiça movido por Tomás Taveira ao editor da revista «Semana Ilustrada», após julgamento no 2º Juízo Criminal de Lisboa. Mal acabem as férias judiciais, em Setembro, aquela instância poderá fazer da sentença de Maria Belo Redondo precedente legal para outros casos idênticos. O escândalo sexual do arquitecto, inédito num País de brandos costumes, teve proporções nacionais, moveu comentários apaixonados. A sentença traça um bom quadro da sociedade portuguesa e das razões que levaram a juíza a defender a preservação da vida privada de um cidadão «semipúblico».

O colectivo de juízes, presidido por Maria Belo Redondo, condenou, no mês passado, André Neves ao pagamento de uma indemnização de 20 mil contos por danos não patrimoniais, e 75 mil contos pelos patrimoniais, além de 15 meses de prisão efectiva. Os advogados do editor da «Semana Ilustrada» recorreram para o Supremo da pena, a mais severa das aplicadas aos crimes de abuso de liberdade de imprensa julgados em

Portugal.

A análise sociológica da sociedade pós-moderna portuguesa e a fronteira entre liberdade de expressão e a reserva da vida privada foram a base de sustentação para a sentença. Nesta, a juíza procurou provar que a vida de Tomás Taveira, tido como «figura pública», parte da «nata» da sociedade, colunável, não corporizava, ainda assim, «interesse público», único suporte para a «indiscrição» dos mass media.

«É quase caricato assumir o discurso moralista», diz a juíza para lembrar que a sociedade actual converteu o sexo em bem de consumo e levou a imprensa, na ânsia do lucro, a abrir-lhe as suas páginas. «A sexualidade já não pode mais ser disfarçada. Invade filmes e jornais. É abertamente discutida em todos os «mass media». O sexo tornou-se notícia», acrescenta.

E o direito à intimidade que lugar ocupa para Maria Belo Redondo nesta sociedade massificada? «A reserva da intimidade da vida privada constitui, ao lado de outros direitos de personalidade, limite, à partida «absoluto», à liberdade de comunicação social, só podendo admitir-se um «direito à indiscrição» quando estejam em causa valores e interesses de igual dignidade constitucional», responde a juíza, apoiando-se nas doutrinas de grandes nomes da sociologia contemporânea.

Lembrando a dupla função formativa/informativa do chamado «quarto poder» - que justifica a liberdade reinvidicada pela imprensa - a sentença reforça a ideia de que nem todos os

excessos são admissíveis em nome da «curiosidade pública». Frisa ainda que é preciso estabelecer a diferença entre os que participam efectivamente na condução da vida social, mais expostos à crítica da opinião pública, e os que apenas fazem parte de uma elite colunável.

«Só as primeiras - isto é aquelas que corporizam o «interesse público» e de quem, por isso, os cidadãos podem exigir a «identidade ética» acima aludida - seriam, assim, «figuras públicas» para o efeito de se lhes impor o «direito à indiscrição dos «mass media», refere o documento.

O perfil de Tomás Taveira traçado pela juíza não se encaixa nesta classificação. Maria Belo Redondo desmonta a alegação de André Neves, que tentou a todo o custo fazer crer que «havia todo o interesse político» na revelação da vida privada do arquitecto. Diz a juíza: «Confessadamente agindo por marketing, André Neves acaba por desencadear, *malgré lui*, o tal debate geral a nível de costumes (...) quase se poderia dizer que o «caso Taveira» teve um efeito acelerador na lenta evolução dos quadros ético-comportamentais dos portugueses, de um universo fechado e «clerical» (...) o que importa saber é se esse inegável «benéfico» para a nossa «maturidade cultural» podia, legitimamente, ser obtido à custa do direito do arquitecto à reserva da sua vida privada».

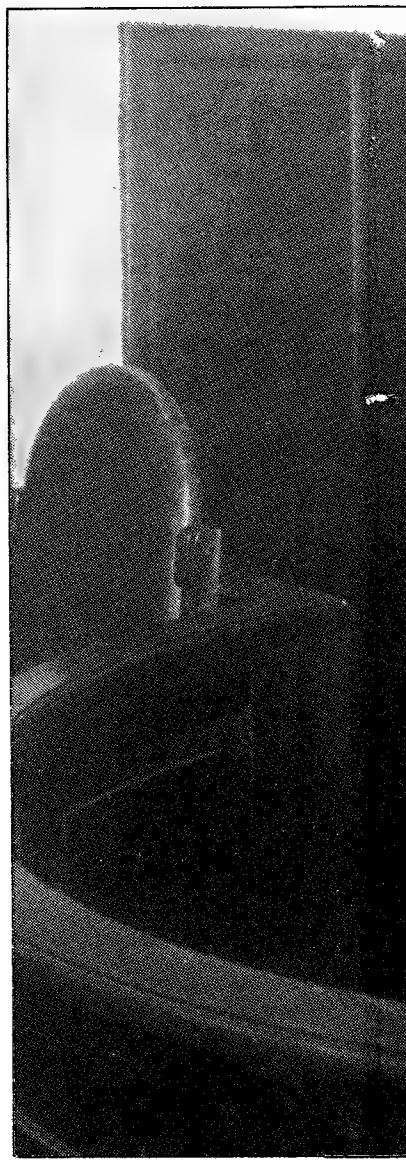
Mais adiante a juíza vai responder claramente à pergunta deixada em aberto. Para Maria Belo Redondo, ainda que tivesse ficado provado - o que não correu -

que a filmagem tinha sido feita sem consentimento das mulheres sodomizadas e que Tomás Taveira usara violência sobre elas, estaríamos perante crimes de diferente natureza. E, entre parêntesis, afirma que, no rápido visionamento da cassette, que deu origem às fotos da «Semana Ilustrada», se constata a ausência de violência e tudo nela contido revela uma «nítida pose para a câmara».

Ideias que o editor da «Semana Ilustrada» sustentou na sua defesa... «Há largos anos rodeado de temas eróticos e, por isso, bom conhecedor dos tabus e «fetiches» e desejos secretos das pessoas (...) o arguido de imediato vê, na cassette que lhe trazem, a «bomba» ideal para assinalar o lançamento da «Semana Ilustrada» (...) É ainda de marketing o discurso «moralista com que «embrulha a notícia. Sem consistência real, irá abandoná-lo ao longo do julgamento, assumindo afinal o registo em que sempre actuou, qual seja o da natureza comercial de toda a «operação», refere a sentença.

Assim, conclui o mesmo documento, «estamos perante uma violação da reserva da intimidade da vida privada, «agravada» pela ofensa à «honra e consideração» do arquitecto.»

Paula Sá



André Neves é acusado

Vida devassada de um padre

«Banho Romântico matou namorada do padre F...» foi o título de um artigo publicado, em Julho de 1987, no semanário «Tal e Qual». O texto, com destaque de primeira página, relatava, com cópia de pormenores, várias fotografias e identificando os intervenientes, o falecimento de uma rapariga por intoxicação de gás, quando se encontrava na banheira com um jovem, sacerdote católico na pequena comunidade de província onde o funesto acontecimento ocorreu. O Conselho de Imprensa, na altura, reprovou a conduta do jornal, considerando ter sido «violada a lei e a deontologia jornalística».

Miguel Lobo Antunes, membro do extinto Conselho de Imprensa que solicitou a análise sobre o artigo publicado no «Tal e Qual», disse ao DL ter chegado ao seu conhecimento o facto de o sacerdote quase ter sido «crucificado» pela população, assim como de o caso ter levantado uma série de problemas morais numa aldeia tradicional e fortemente católica.

O CI considerou, na altura, que «nada legitimou a divulgação da vida sentimental da jovem tragicamente falecida, nem mesmo as circunstâncias da sua morte justificam que se dê conhecimento público dos seus amores».

Quanto ao padre, entendeu o Conselho não ser o simples exercício do sacerdócio católico numa pequena comunidade de província que concede notoriedade nacional justificativa de um possível interesse público no assunto.

«Nem se diga que o objecto do texto não era tanto aquele padre, mas a Igreja Católica. O que estaria, nessa perspectiva, em causa, seria a contradição entre a doutrina e a prática de um seu apóstolo qualificado. É que se fosse essa a notícia, então o artigo teria de ser escrito de modo totalmente diverso e sempre salvaguardando a privacidade das pessoas», sublinhou o CI.

Este caso, sem a amplitude do escândalo «Tomás Taveira», acabou por ficar por aqui mesmo. Restou apenas a indignação expressa pelo CI, sem qualquer efeito para o jornal em causa. Abafado, dentro da medida dos impossíveis, nunca chegou aos tribunais. Ninguém quis explicações. Nem a família da jovem vítima, nem o próprio sacerdote ousaram pedir a retratação pública do semanário por verem a vida devassada. Se calhar nem sabiam que a isso tinham direito...

P.S.



O arquitecto viu a sua vida profissional progressivamente penalizada

CONCESSIONÁRIOS



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef: 894 185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Limites da liberdade da Imprensa

O Conselho de Imprensa, entretanto extinto, procurou fazer doutrina sobre o conflito latente entre os direitos à informação e à intimidade da vida privada. Após uma Conferência de Conselhos de Imprensa da Europa, realizada em Maio de 1988, em Portugal, publicou, num volume sobre a mesma, o seguinte texto:

«Não deixaremos de recordar que vivemos quarenta anos de censura que, devido à rigidez moral, da filosofia política da ditadura, preocupada em manter uma aparência de moderação de costumes, exercia uma fiscalização puritana sobre o noticiário; de recordar que ainda só experimentámos quatorze anos de liberdade de imprensa, um período de aprendizagem quer para os jornalistas quer para os consumidores de informação (...).

O direito à reserva da vida privada familiar está consagrado como direito fundamental na Constituição portuguesa e protegido pela lei civil e criminal. O código deontológico dos jornalistas, aprovado pelo respectivo sindicato, estipula como dever dos profissionais de comunicação social «não interferir na vida privada de qualquer cidadão, salvo quando ela tiver repercussão pública ou quando essa prática se impuser por motivos relevantes de interesse público».

Em certos casos e em determinadas circunstâncias, é lícito restringir o direito à intimidade e expandir correspondentemente o direito à informação. Noutros, que serão a generalidade, o direito à informação acaba ali, onde se levanta o muro da privacidade.

O interesse legítimo do público no conhecimento de factos da vida privada pode decorrer da circunstância de as pessoas a que eles

respeitam participem acidentalmente na «história contemporânea» ou pode decorrer das pessoas a que eles respeitam serem personagens dessa história, ou porque são candidatos ou porque exercem cargos sujeitos a eleição, ou porque exercem actividades públicas que lhes conferem notoriedade (é o caso, entre outros, dos artistas, actores, desportistas, criadores).

Mas o interesse público não legitima que se noticiem todos e quaisquer factos da vida íntima dessas pessoas «públicas». Por um lado, há-de haver um conjunto de factos que devem em ser em absoluto inacessíveis, sem o que a liberdade de imprensa esmagaria totalmente o direito à intimidade. Por outro, os factos a divulgar devem ser os adequados à informação pertinente à notoriedade das pessoas em causa e com a relação útil, do ponto de vista do direito à informação, com cargos de actividades públicas que desempenhem.

Assim, por exemplo, será lícito noticiar os eventos relativos à vida íntima de um candidato a um lugar elegível que venham a ser ponderados pelo eleitor por influenciarem ou deverem influenciar a sua escolha. Mas já não é legítimo noticiar factos que não tenham relação ou que não sejam pertinentes à escolha que é proposta ao público. Sejam quais forem as dificuldades que surjam na delimitação do conjunto dos acontecimentos que preencham o conteúdo do direito à privacidade, sempre nele se não-de incluir, pelo menos, os relativos à vida afectiva e familiar.

Deve ainda sublinhar-se que o direito à privacidade perdura para além da morte, prolonga-se na memória de familiares e amigos. Juridicamente transmite-se aos herdeiros.

é acusado na sentença de tentar vender, numa campanha de marketing, um «falso discurso moralista»

«A sentença é um bom marco»

«A liberdade de imprensa tem os seus limites e esta sentença é um bom marco para esclarecer isso mesmo». O comentário partiu de Miguel Lobo Antunes, ex-membro do Conselho de Imprensa, e reflecte a opinião dos que fomos ouvir acerca deste caso inédito em 16 anos de democracia e impensável nos 40 de ditadura.

No caso Taveira versus André Neves esteve em causa o conflito liberdade de imprensa/reserva da vida privada. Para Arons de Carvalho, deputado do PS e também ex-membro do CI, «a conclusão da juíza foi no sentido de privilegiar o direito da reserva à vida privada, mesmo considerando Tomás Taveira uma figura pública».

Do ponto de vista da fundamentação, refere Miguel Lobo Antunes, o acordo respeita a visão defendida pelo CI e vai ao encontro da doutrina europeia sobre a matéria (ver textos nesta página). «Mesmo perante as figuras públicas, admitindo que Taveira era uma figura nestas condições, a reserva da vida privada é quase absoluta. Não é legítimo filmar ou publicar cenas de actos sexuais do próprio Presidente da República», acrescenta.

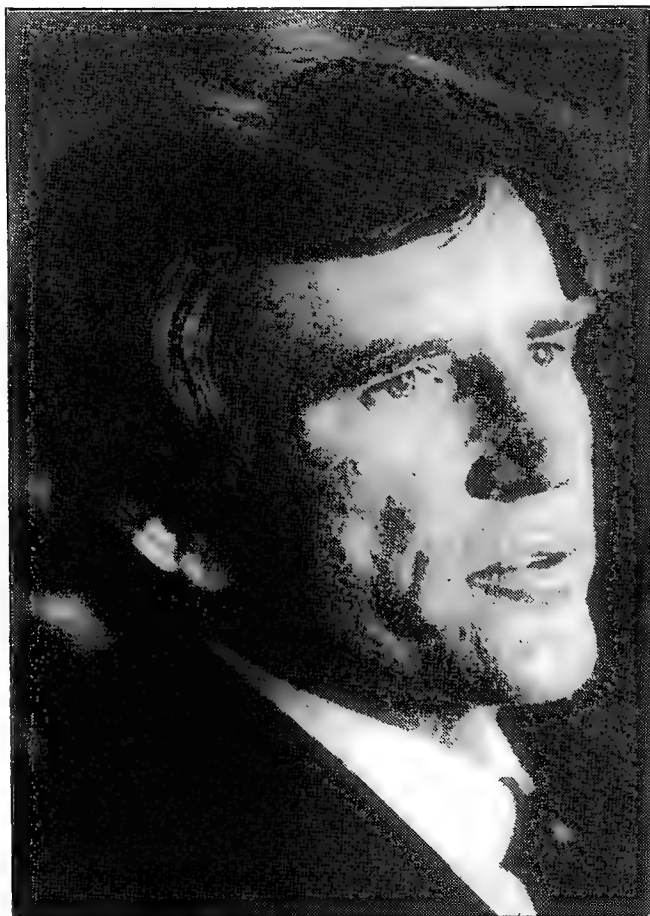
Arons de Carvalho cita o «caso Gary Hart» - o senador candidato a presidente dos Estados Unidos obrigado a desistir da corrida para as eleições ao serem desvendadas as suas relações extra

conjugais - para demonstrar ser a classificação de «personalidade pública» um emaranhado de valores.

«Ainda assim, o que se passou com Gary Hart tem muito a ver com a sociedade norte-americana, a qual tem uma imagem familiar casta do seu Chefe de Estado. A opinião pública dos EUA possui, pois, o direito de renegar uma personagem candidata ao lugar que não corresponda a esse perfil. Em Portugal os critérios são outros para a escolha do Presidente da República e seria incorrecto andar atrás dos casos amorosos dos candidatos ao cargo», frisa Miguel Lobo Antunes.

O escândalo Taveira é inédito em Portugal. Poucos se atreveriam a levantar processos por violação da vida privada. Este processo poderá servir de modelo a futuras situações do género. Mas a sentença não porá em causa a liberdade de imprensa e não dará azo a uma maior repressão dos juízes sobre os jornais? Nem Miguel Lobo Antunes nem Arons de Carvalho sentem esse perigo: «A Imprensa tem os seus limites e esses terão sempre que ser respeitados», dizem.

Não existe, no País, uma forte tradição de imprensa sensacionalista e só depois da instauração da democracia e com a liberdade de criação deste tipo de empresas o problema se colocou. «Jornal do Crime», «O Caso», «Jor-



O senador Gary Hart foi obrigado a desistir da corrida para a presidência norte-americana ao serem desvendadas as suas relações extra conjugais

nal do Incrível», são alguns dos títulos mais permissivos ao escândalo fácil, para já não falar de outros diários que também cultivam este género de jornalismo.

Esses jornais devassam sobretudo a vida privada de cidadãos das classes baixas, que não têm consciência dos seus direitos nem capacidade de instrução para os exercer e para se defenderem. São quase sempre assuntos com origem em casos de polícia ou julgamentos e dizem praticamente respeito

a crimes passionais, a violação de menores ou consumo de droga.

É talvez por este conjunto de circunstâncias que o CI português nunca recebeu nenhuma queixa de um cidadão por violação pelos jornais do direito à privacidade. Já em matéria de crimes de abuso de liberdade de imprensa referentes a injúrias, calúnias e difamações entraram em fase de julgamento, entre 1986/88, 2376 casos.

P.S.

Personalidade públicas mais desprotegidas do que os populares

Alguns benefícios o cidadão comum europeu havia de retirar da sua condição face aos altos dignatários das nações. É que as personalidades públicas estão, regra geral, menos protegidas do que os simples particulares contra o eventual problema da «difamação» nos media. Assim mostra um estudo efectuado, em 1985, pelo Conselho da Europa, sobre a legislação de dez países membros da instituição e dos Estados Unidos.

A análise destinava-se a ajudar o Tribunal Europeu dos Direitos do Homem a determinar em que medida uma sociedade democrática deve restringir a expressão de opiniões na imprensa para proteger a reputação de uma pessoa que ocupe uma função política ou pública. Os visados foram a Bélgica, Dinamarca, Inglaterra, RFA, França, Grécia, Irlanda, Holanda, Noruega e Suécia.

Em todos estes países, assim como nos EUA, as personalidades públicas estão mais expostas do que o comum mortal face aos «atentados contra a reputação e do direito ao bom nome», em virtude da interpretação dada aos dispositivos constitucionais protegendo os comentários relativos às questões de interesse público.

A ideia que funda a distinção estabelecida no grau de protecção é exprimida em termos semelhantes: entrando na vida pública, os homens políticos e outras personalidades públicas expõem-se voluntariamente à vigilância do público. Por outro lado, as suas funções públicas, abrem-lhes um acesso mais fácil aos meios de comunicação social, permitindo-lhes defenderem-se eficazmente.

Para se determinar a amplitude dos chamados «propósitos difamatórios» tem que se atender às relações de factos e às expressões de uma mera opinião. O estudo demonstrou que, em todos os países citados, as fronteiras entre as duas situações estão bem delimitadas. Em regra geral, a exactidão dos factos deve ser provada, enquanto a expressão de uma opinião beneficia de uma protecção absoluta ou condicional.

No último caso, os intentos incriminatórios devem satisfazer determinadas condições para não serem penalizados. Devem constituir um comentário e não uma exposição de acontecimentos e factos, referirem-se a questões de interesse público, ou então, apoiarem-se em dados exactos.

P.S.

Melão de Vila Franca entre a festa e a dúvida

Chuvas intensas na Primavera e o súbito calor que logo a seguir eclodiu provocaram, este ano, uma rápida maturação do melão, desequilibrando todo o normal processo de comercialização. É nesta perspectiva de certo dramatismo que amanhã se inaugura, em Vila Franca de Xira, a X Feira do Melão perante agricultores desmoralizados e os visitantes a considerarem excessivamente alto o preço que se lhes exige por um melão que nunca se sabe se é bom ou mau, antes de o pagarmos e talharmos uma fatia.

De acordo com a Federação dos Agricultores do Ribatejo, a produção deste ano foi extremamente baixa, representando apenas cerca de metade dos valores normais, entre 10 e 12,5 toneladas por hectare, quando habitualmente esse número atinge as 20 toneladas.

Presentemente já quase não há melão no Ribatejo, o que se reflecte nos preços que, no início da época, rondavam os 15 ou 30 escudos o quilo e que atingem já os 50, tudo indicando que continuarão a subir.

Os prejuízos são enormes para os seareiros, pois os custos de cada hectare de terreno representam algo como 750 contos e, mesmo que a produção tivesse atingido as 20 toneladas, não seria suficiente para cobrir os custos envolvidos. Para os 800 seareiros da Lezíria, que colhem 60 por cento do melão produzido em Portugal, a escassa colheita está longe de cobrir os investimentos e o duro trabalho que a cultura representa.

No entanto, para alguns que, voluntária ou involuntariamente semearam tardiamente e vão poder vender o produto em Agosto ou Setembro, adivinham-se lucros consideráveis, pois poderão subir astronOMICAMENTE os seus preços de venda.

A associação está a tentar que o Ministério da Agricultura reveja a legislação que regulamenta o seguro e trabalha no sentido de acabar com a venda de melão nos moldes tradicionais, do qual só beneficiam praticamente os intermediários, montando postos-pilotos de venda, para o que se entende imprescindível a intervenção dos organismos oficiais.

Pela primeira vez, foi criado este ano um entreposto que funciona como apoio pedagógico-didático e de reflexão, onde a venda do melão é efectuada directamente do produtor ao consumidor.

Paralelamente à feira vão desenvolver-se várias actividades, como corridas de bateiras pelos avieiros, passeios de barco, música e o muito desejado concurso do melhor melão.

Redacção «DL»/Lusa

O labéu anda no ar. Os dirigentes sindicais dizem que o Governo estalinizou a saúde, Arlindo Carvalho responde que eles têm orientação comunista

Médicos e ministro trocam acusações

O Sindicato dos Médicos da Zona Sul (SMZS) acusa o Governo de «estalinizar os serviços de saúde» e Arlindo Carvalho, ministro da tutela, responde: «Os sindicatos dos médicos de orientação comunista têm-se mostrado ultimamente inquietos, tentando explorar as situações que de facto não existem». Em causa estão as situações que se vivem nas urgências dos hospitais de S. José, Santa Maria e S. Francisco Xavier.

«O Governo estalinizou os serviços de saúde porque nomeia amigos e parentes para as administrações hospitalares, os quais nomeiam as direcções médicas, que por sua vez nomeiam os presidentes dos júris que decidem sobre as admissões dos médicos», afirmou, em conferência de Imprensa, João Proença, da Comissão Executiva da SMZS.

Aquele dirigente, juntamente com o presidente do sindicato, Mário Jorge, afirmaram que existem administrações hospitalares que têm «um comportamento autista», de «completo desprezo pelas funções sociais que os hospitais devem cumprir», além de «comportamentos terroristas, ameaçando os médicos».

«É necessário denunciar a deficiente rentabilização dos meios existentes, nomeada-

mente dos blocos operatórios dos hospitais públicos, enquanto os doentes esperam por intervenções cirúrgicas ou consultas», disseram.

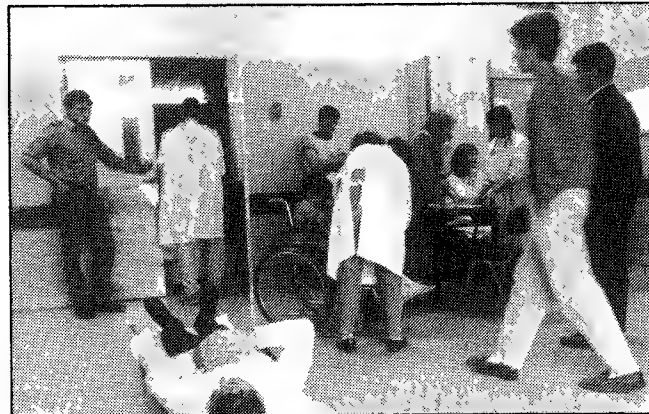
Equipamento encaixotado

Uma das situações denunciadas foi a do Hospital Distrital do Barreiro: dispõe de médicos especializados e de equipamento para uma unidade de cuidados intensivos... mas parte dele está encaixotado, pelo que ela não funciona.

«Morrem doentes no caminho do Barreiro para Lisboa e são transferidos para S. José doentes que necessitam de ser ventilados, quando no Barreiro há quatro ventiladores encaixotados», denunciaram os dirigentes sindicais. O Sindicato deu a conhecer uma carta dos chefes de equipa da urgência de S. José, na qual consideram que as condições de trabalho se agravaram significativamente no último ano.

João Proença, médico no Hospital Egas Moniz, assinalou que dois terços das urgências de S. Francisco Xavier são asseguradas pelos médicos do hospital onde trabalha, acrescentando que devido a isso os blocos operatórios estão a ser assegurados por apenas 10 por cento dos anestesistas: 70 por cento estão requisitados para S. Francisco Xavier e 20 por cento encontram-se de férias. Esta situação provoca adiamentos sucessivos de operações urgentes, nomeadamente de doentes com tumores.

Para o Sindicato dos Médicos da Zona Sul, resolver os problemas dos hospitais



Dirigentes sindicais médicos afirmam-se favoráveis à rentabilização dos meios existentes nos hospitais públicos

centrais e das suas urgências implica um melhor funcionamento dos cuidados primários de saúde, dotando-os de melhores equipamentos e condições físicas, bem como de mais médicos. Mas quando os novos mapas de vagas da zona Sul criam 10 vagas de clínicos gerais - seriam necessários mais 600 médicos - tal não é possível.

Investimento no S. José

Às críticas do sindicato, Arlindo Carvalho, ministro da Saúde, respondeu, afirmando à agência Lusa que «estão em curso as primeiras medidas no sentido da total reestruturação do serviço de urgências do Hospital de S. José». O ministro acrescentou que este projecto envolverá um investimento na ordem dos 800 mil contos.

Os casos que os médicos citaram, segundo o ministro, «estão em curso de resolução prática ou mesmo ultrapassados. As críticas têm o intuito evidente de apresentarem serviço aos seus associados antes de entrarem em férias».

Para Arlindo Carvalho, tais críticas constituem «uma prática habitual», que diz «não o surpreender».

«Todos os serviços de saúde do país, nomeadamente as urgências, encontram-se a funcionar normalmente, tendo o Ministério da Saúde tomado em devido tempo as medidas necessárias para assegurar aos cidadãos o melhor atendimento possível durante o período de Verão, apesar de naturais dificuldades inerentes à época, sobretudo motivadas pelas férias do pessoal hospitalar», garantiu o ministro.

No que respeita à crítica feita pelo Sindicato à extinção da Maternidade de Santa Bárbara, Arlindo Carvalho afirmou à Lusa que esta «não funciona enquanto maternidade, já que há muitos anos ali não nascem quaisquer crianças». A unidade, instalada no Hospital de S. José, «será transferida integralmente, incluindo todo o equipamento médico-cirúrgico, para o hospital da Estefânia», anunciou.

COTAÇÕES



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	43\$35	49\$35
ALEMANHA FED. (marco)	87\$15	88\$35
ÁUSTRIA (xelim)	12\$30	12\$50
BÉLGICA (franco)	4\$050	4\$300
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	120\$80	123\$30
(notas de 5 a 1000)	121\$30	123\$80
DINAMARCA (coroa)	22\$85	23\$25
ESPAÑA	1\$380	1\$500
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	139\$20	142\$70
(notas de 5 a 1000)	139\$70	143\$20
FINLÂNDIA (marka)	37\$05	37\$65
FRANÇA (franco)	26\$00	26\$70
HOLANDA (florim)	77\$35	78\$45
IRLÂNDIA (libra)	234\$00	238\$00
ITÁLIA (lira)	\$108	\$123
JAPÃO (ene)	\$891	\$946
NORUEGA (coroa)	22\$55	23\$05
REINO UNIDO (libra)	258\$60	263\$10
SUÉCIA (coroa)	23\$85	24\$35
SUIÇA (franco)	102\$10	103\$60
VENEZUELA (bolívar)	2\$536	3\$336

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

O TUCANO — PASTELARIA CHARCUTARIA E CERVEJARIA, LIMITADA

— Certifico, narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de 14 de Dezembro de 1989, lavrada de folhas 79 a folhas 80 do livro de notas para escrituras diversas 39-F, do Vigésimo Segundo Cartório Notarial de Lisboa, a cargo da Notária Licenciada em Direito Maria Filomena Marques da Cruz, Fernando de Oliveira e Maria da Anunciação Ferreira Lopes de Oliveira, como únicos sócios da sociedade comercial por quotas com a denominação em epígrafe e sede na Urbanização dos Areiros, lote 30, cave, direita, no lugar e freguesia de S. João da Talha, concelho de Loures, matriculada definitivamente na 1.ª Conservatória do Registo Comercial de Loures sob o n.º 3426 do livro C-10, aumentaram o capital social da referida sociedade de 100 000\$00 para 1 000 000\$00, sendo o aumento, no montante de 900 000\$00, subscrito por ambos os sócios, em partes iguais, com a quantia de 450 000\$00, em dinheiro, ficando cada uma das suas quotas de 50 000\$00 reforçada para 500 000\$00 e em consequência alteraram o respectivo contrato de sociedade quanto ao seu art.º 2.º, o qual passou a ter a seguinte redacção:

«SEGUNDO:

O capital social, integralmente realizado, em dinheiro, é de UM MILHÃO DE ESCUDOS, e corresponde à soma de duas quotas iguais de QUINHENTOS MIL ESCUDOS, pertencendo uma a cada um dos sócios.»

ESTÁ CONFORME. Lisboa, quinze de Dezembro de mil novecentos e oitenta e nove.

O AJUDANTE
(Luís Eduardo Correia
Garcia Domingues)

Polícias contestam Lei Orgânica

A maioria dos funcionários de investigação criminal da directoria de Coimbra da Polícia Judiciária expressaram, ontem, o seu «veemente protesto» contra a Lei Orgânica da corporação.

Um documento enviado ao director-geral da PJ considera o diploma «completamente desajustado e inadequado face à actual realidade social».

Na opinião dos signatários, a lei, já aprovada pelo Governo e a aguardar promulgação, «ofende, hostiliza e denigre a classe».

Os funcionários de investigação criminal da directoria de Coimbra lamentam, nomeadamente, que o referido diploma «confunda as competências» do Ministério Público e da Polícia Judiciária em matéria de investigação.

Censuram também a atribuição a certos funcionários administrativos de um subsídio de risco em montante superior ao que é atribuído a todo o pessoal de investigação criminal.

O estabelecimento da «menção de mérito excepcional, a falta de referência ao seguro de vida e a correspondência de 25 por cento da

remuneração base à denominada «disponibilidade funcional» são outros aspectos criticados.

Segundo os subscritores do documento, a consagração de tal percentagem à «disponibilidade funcional» implica que os vencimentos instituídos pela nova lei sejam inferiores aos praticados.

Um funcionário da directoria de Coimbra disse que a Lei Orgânica da PJ está a revelar-se um «preocupante factor de desmotivação e desmobilização».

A mesma fonte considerou que «o mal-estar» suscitado pelo diploma irá «culminar numa acção de protesto mais drástica, a nível nacional».

Como exemplos de que a nova Lei Orgânica não fornece a «base legal necessária à adequada actuação da polícia criminal portuguesa», a Associação Sindical dos Funcionários de investigação criminal da PJ (ASFICPJ) salienta o artigo sexto, que faz competir à PJ «a realização de actos processuais em processos oriundos de outras polícias, fazendo piorar uma situação já de si criticada».

CULTURA

Homenageado ontem por colegas e amigos o arquitecto Januário Godinho

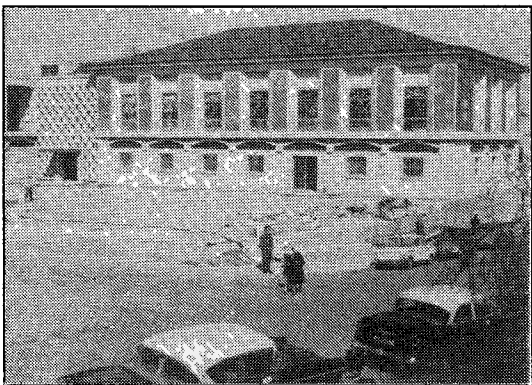
O criador de ideias e de sítios

Januário Godinho morreu faz hoje três semanas. Por iniciativa dos arquitectos Maria Manuel Godinho de Almeida, Vítor Figueiredo, Duarte Cabral de Mello e Nuno Portas, amigos, colegas e discípulos evocaram ontem, na Fundação Gulbenkian, as seis décadas de vida que este homem consagrou à arquitectura.

Só que a homenagem não seguiu exactamente os trâmites legais dos elogios fúnebres, nem tão-pouco a formalidade julgada conveniente a tais ocasiões. Os amigos não proferiram discursos; trouxeram recordações pessoais, e só de algum modo transmissíveis, enquanto os discípulos formularam apreciações arquitectónicas que, se outros méritos não encerrassem, demonstrariam aos leigos o grau de subjectividade (e de variabilidade) inerente aos valores estéticos que norteiam o exercício da profissão.

É que, segundo Duarte Cabral de Mello, os muitos projectos que Januário Godinho assinou de Norte a Sul do país, inscrevem-se numa arquitectura que veio a ser apelidada de «fascizante» e, como tal, colocada na lista das marcas deixadas por um tempo de incómoda memória. Nas escolas, este era o exemplo a não seguir. Educados para abominar edifícios como o Tribunal do Funchal, os profissionais da geração contemporânea de Cabral de Mello evoluíram, entretanto, nos seus pontos de vista e foi assim que este arquitecto nos falou de aquilo que, se calhar, (é o mais certo) ainda não conseguíamos ver: os portais do dito tribunal reflectem, como espelhos de pedra e cal, os de um velho convento, localizado nas imediações. Vá-se o adjectivo, fique a peça e o que resta é ainda um trabalho apreciável.

Apontaram-se outros exemplos: o Palácio da Justiça de Lamego, os Paços do Concelho de Famalicão, as pousadas da Hidroeléctrica e, sobretudo, o Palácio da Justiça de Ovar, pro-



Palácio da Justiça de Ovar: um projecto de Januário Godinho

face humana, ou mais normal, da Justiça, abrindo largas galerias com vista panorâmica, próprias para as intermináveis esperas a que a burocracia judicial sujeita os utentes.

O humanismo de que procurou impregnar a arquitectura tornou-o, por outro lado, um criador de sítios, de locais escolhidos para pano de fundo de fotografias fundamentais no álbum de família. Sítios para mais tarde recordar.

Esta «popularidade» tornou Januário Godinho pouco credível ante o olhar dos que militavam na vanguarda da estética. A tese da arquitectura fascizante quase que acabava com o resto. Mas o que não se pode esquecer é que, também neste âmbito, a simplicidade das linhas está para os largos conhecimentos acumulados como um instante de síntese para uma vida de análise.

Tudo isto se reconheceu, ontem, na Gulbenkian, sem as conclusões definitivas e habituais nestas coisas de homenagens. O que só prova que a vida e a obra de Januário Godinho estão ainda demasiado próximos para que as posamos já embalsamar.

Maria João Martins

«Rei Lear» sem «Lear»

Rei Lear, de William Shakespeare. Tradução/Encenação: Paulo Filipe. Cenografia: Félix Marques. Figurinos: António Filipe. Luz: Carla Romana. Interpretação: Ana Alves, Ana Cláudia, Ana Colaço, Carlos Vieira, Cristina Silva, Flávia Albuquerque, Gabriela Melo, Helder Braz, Joana Machado, Lana, Mané Ribeiro, Maria Guilherme, Maria João Carrilho, Mariana Biancas, Patrícia Amaral, Paulo Alves, Paulo Lage, Rodrigo Rosa, Sofia Matinhos, Susana Fernandes, Teresa Ribeirinho, Vasco Durão, Vítor Salgueiro. Voz de Lear: João Vasco. Grupo de Alunos Finalistas dos Cursos de Teatro da Câmara Municipal de Oeiras. Auditória do Centro Paroquial de Queijas/14-07-90 (22-07-90).

A intervenção do autor teatral, ou seja, do responsável último pelo espectáculo de teatro, no texto de que se serve, é praticamente ilimitada. A esse respeito é preciso não esquecer que em muitos casos, e um dos mais célebres é o de Shakespeare, e também o de Brecht, o autor dramático utiliza esse processo de reescrita sem quaisquer cerimónias ou reserva. Isto deve ser tido em conta mesmo que se considere que essas intervenções se situam em textu-

alidades diversas (entre o encenador-dramaturgista e o autor dramático há níveis de criação diferenciados, ao contrário do que acontece entre dois autores dramáticos). O caso mais impressionante de que tenho notícia ou memória foi o de Juan Carlos Oviedo com o CITAC, em «Macbeth», que se passa na tua cabeça?, espectáculo de intervenção provocatória («DL»/17-05-70). Esta experiência de Paulo Filipe não lhe fica atrás. De qualquer maneira, não deixa de ser curioso o facto do Shakespeare estar na base dos dois casos.

Retirar do «Rei Lear» a personagem do Rei dividindo parte das suas falas por outras personagens, nalguns casos, pondo os interlocutores de Lear a falar para o boneco, com perdão pelo dito, dificilmente podia deixar de ser um exercício suicida. Não apenas pelo papel que a personagem representa no xadrez dramático da peça mas também, e talvez sobretudo, pelo facto de se tratar de uma personagem dum riqueza, dum complexidade raras na dramaturgia mundial, e não apenas shakesperiana. Com a agravante de as razões apontadas para o projecto me parecerem de escassa validade: Paulo Filipe temeu pô-

«um jovem estreante, com umas longas barbas, a desempenhá-lo». Ora, tratando-se de um espectáculo de jovens, o público facilmente aceitaria a convenção de um Lear jovem, de preferência, sem barbas. Assim ficou o público perante um «Rei Lear» irremediavelmente amputado da mais valiosa das suas pedras, e empobrecido, como se calcula.

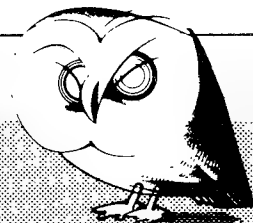
O referido aspecto do tratamento do texto é ainda prejudicado pelo facto de os jovens, em fim de um curso que não podia deixar de ser insuficiente, não poderem ultrapassar as dificuldades de personagens e situações tão estupendamente complexas, tão humanas na sua sobre-humanidade ou transumanidade. O que levanta outro problema: teria valido a pena sacrificar o texto e sacrificar estes jovens a uma obra de Shakespeare, preferindo textos porventura menos nobres e ricos, menos carregados de história e de saber, mas mais próximos da nossa história e do nosso saber? Não faltariam, mesmo no teatro português, textos dignos dessa juventude.

O que acabou por acontecer foi o gosto de ver muitos jovens na alegria de estarem juntos num espaço tão forte

como é o espaço cénico, mesmo que essa alegria fosse dificilmente partilhável. E pela mesma razão é que me pareceu interessante o jogo do Hélder Braz (Kent), de Paulo Lage (Edmund) e especialmente o de Flávia Albuquerque que fez um Bobo mais próximo da sua própria juventude, mais próximo da sua própria alegria. Por isso é que foi um trabalho certo e bonito. Como certo e eficaz me pareceu o cenário de Félix Marques, e bonitos os fatos de António Filipe.

Acontece que nas últimas semanas vi três espectáculos (este é um deles) em que participavam dezenas de jovens. Essa participação, para além das fragilidades individuais e das inseguranças dos conjuntos, distinguiu-se pelo entusiasmo, pela vibração, pela autenticidade, por vezes, pela qualidade. Dir-se-ia que os jovens recomeçam a acreditar, a ter esperança num teatro como discurso de afirmação, como espaço disponível para uma vocação vital. Será a sociedade a que pertencem capaz de entender esse impulso para uma actividade que as modas condenaram, capaz de se responsabilizar pelo futuro a que têm direito?

Carlos Porto



olhar de mocho

A prova dos nove

Vamos a experimentar, pegar-lhe na palavra dada e observar os resultados. Por outras palavras e recorrendo ao vocabulário técnico, vamos «testar» o luminoso princípio, solenemente enunciado e não menos solenemente transmitido para o pequeno ecrã, pelo presidente do nosso Parlamento: ele é «fervoroso adepto da televisão privada, desde que ela tenha um projecto próprio». Se ele, presidente do Parlamento, é adepto, é porque o presidente do Governo o deixa ser, e por isso não podemos concluir que o projecto do presidente parlamentar não coincida com o do partido laranja.

Quinta-feira, dia 2 de Agosto. Canal 1, horário nobre: primeiro, a telenovela, o primeiro alçado do projecto que a RTP tem e que, logicamente, será projecto próprio. Mas parece não existirem dúvidas: o projecto veio do Brasil, o *copyright* é brasileiro. Projecto próprio não existe.

Segundo alçado: «Um Espião no Purgatório». O mínimo que se poderá dizer é que se trata de refugio: tema, realização e montagem de séries que já ninguém compra e que se vendem, depois, ao preço da uva mijona para os pobres de espírito, felizes, porque deles será o Terceiro Mundo.

Terceiro alçado: «Luta pela Democracia». Como a série de ontem visou a África do tempo das colónias, o presidente do Parlamento deve ter ficado radiante - ele revisitou o seu passado da África, mas quero crer que o realizador cometeu gravíssima falta: esqueceu-se de mencionar as gloriosas lutas pela democracia que o prof. Vítor Crespo desenvolveu quando esteve na África colonizada. Supõe-se que a RTP, como dispõe de «projecto próprio» ainda irá repescar este tema: a história dos que lutaram pela democracia ao tempo em que viveram nas colónias. Aguardemos para ver.

Depois veio o outro alçado do projecto: «Murphy Brown».

Neste ponto o melhor é ficarmos calados a pedir à RTP que nos explique o projecto que trouxe aos nossos ecrãs estas comediazitas de «roda livre» - sem princípio, meio nem fim, sempre a girarem nos buracos públicos das programações.

No segundo canal só se aproveitou, como projecto próprio, a transmissão da tourada. Mas fica o eterno problema do ovo e da galinha: a televisão existe para organizar corridas TV, ou é o espectáculo das touradas que se faz para que a RTP tenha alguma coisa de própria para emitir?

Sem pretender estar a dar milho aos pardaís, vejo-me obrigado a citar o artigo 5 da Lei Fundamental da RFA: «todas as pessoas têm o direito de exprimir e de difundir as suas opiniões através da palavra, da escrita e da imagem. Além disso têm o direito de recorrer, sem serem importunadas, às fontes públicas de Informação». Leia coisas destas, senhor presidente do Par-

lamento, para que nós quando o ouvimos falar em público e sobre questões de liberdade de Imprensa, não nos sintamos «pretinhos de África», como se dizia antigamente quando se pretendia angariar esmolas. Compare o seu discurso com o que se passa lá fora porque o nosso projecto é o da liberdade e não o dos antigos senhores coloniais.



José Sousa Monteiro

Cantando e rindo

Sexta, dia 27

Da coincidência das datas ou de como não há como o calendário para nos pregar partidas destas. Ora veja-se: Van Gogh morreu há cem anos, Salazar só há 20, quem faz hoje meio século é o Bugs Bunny-Perna Longa («What's up Doc? - não me digam que nunca viram este desenho animado que se inspira em Clark Gable).

Mas há mais mortes e não em efeméride. Em Mangualede (onde ele houvera de vir acabar...) chega ao fim o «Dois Cavalos», o carro mais amado de sempre. Em Lisboa, na Rua das Escolas Gerais, os semáforos substituem os sinais dos da Carris, e, na Rua da Beneficência, está em leilão o Rock Rendez-Vous, «era uma vez nos anos 80» ainda se há-de ouvir dizer.

Hoje, o que se diz, porém, é que aumentou a gasolina e o crédito à habitação, é o chicote e a cenoura do dr. Cavaco Silva. Dizem-se ainda outras coisas, mas estas com menos pompa e nenhuma circunstância: há telefones em escuta em mesas da EDP, corrupção nos tribunais, burlas por aqui e por ali e um número aterrador revelado pela «Sábado»: em cinco anos, só no Porto, a PJ registou 160 casos de violação.

E à parte isto? À parte isto, lá vamos cantando e rindo. Santana Lopes em Serralves promete, chega ao fim no Acarte a Dança em Nova Iorque, «Jules e Jim» repõe e é como se fosse uma estreia, há jazz em Palmela, a homenagem a Castrim, as Jornadas Camilianas, só não há é, nos Jerónimos, a Nona Sinfonia, porque vai-se a ver e choveu.

Sábado, dia 28

Salgado Matos muda de presidência: sai do IPC e vai para S.Carlos, é a transferência do ano... o talento de Santana Lopes, a alegria de António-Pedro Vasconcelos, a ver vamos que vai ser do cinema português.

O resto é cultura de Verão, hoje com um ponto alto em Palmela, guardado estava o bocado para quem havia de ouvir o jazz dos All Stars. Ouvir, ouviu-se mas foi o chocalho em Viana do Alentejo. Foi a Feira do dito, uma tradição com três séculos, um tanto mais que a Bial de Cerveira que este ano não houve, à sétima edição foi ao ar.

Domingo, dia 29

Perdemos com os russos aos penalties, começa a Volta a Portugal e começa também a semana da Madonna. Não é cá, é na Galiza (hoje ao despique com Prince), mas que é isso para nós, a Espanha é aqui mesmo ao lado e rock agora é que bom, que é negócio e music-hall.

Talvez por isso seja reconfortante ler (no DN) Agustina e é toda uma sabedoria: «Escrever vai ser cada vez mais um efeito de dissecação; a obra de arte torna-se impossível. Porque a naturalidade com que se ouvia o canto do rouxinol, vendo-o cair na água, morto de pena, não é mais assim. Hoje diríamos que a avezinha caía ferida duma peste ou de um calor excessivo. Corríamos a informar-nos numa enciclopédia e introduzíamos no texto termos de ornitologia».

Segunda, dia 30

Não há sol que sempre dure, nem chuva que nunca acabe. A chuva já acabou e, assim, hoje nos Jerónimos se pode ouvir (mal, por causa da acústica) a Nona de Beethoven pela Filarmonia de Moscovo.

O resto são coisas simples: Rui Veloso lança «Mingos e Samurais» nos Alunos de Apolo, e o comboio mais fixe que temos - o Transpraia - faz 30 anos de treme-treme, vai cheio mas é um descanso.

Terça, dia 31

Não é Portugal de Norte a Sul, é o país de cima a baixo. Em cima, toma posse a Alta Autoridade para a Comunicação Social como eco fiel do Governo, ou o seu Alto Pseudónimo, assim lhe chama o DL. Em baixo, são as escadas que um senhorinho construiu em Tábua e a Câmara achava ilegais. Vai daí, no dia da demolição, dá-se um crime de morte: ah, vão-se as escadas, então vai-se também o vereador a tiro de caçadeira...eis mais um edificativo exemplo da brandura dos nossos costumes.

Exemplo de olisipógrafo é Áppio Sottomayor, jornalista de A Capital. Hoje foi distinguido com o prémio municipal Júlio César Machado, bravo, Áppio, parabéns.

Quarta, dia 1

Um dia de luxo, ao vivo e pela TV. Ao vivo houve Marsalis na Gulbenkian e a Ópera de Pequim no Casino. Na TV houve a Madonna, ficou toda a malta a vê-la, nem deu para ir ao aeroporto pró regresso da Linda de Suza.

Outro regresso, este definitivo: o do arquitecto Pancho Miranda Guedes que, após décadas de vida em África, volta para Portugal, estamos todos de parabéns.

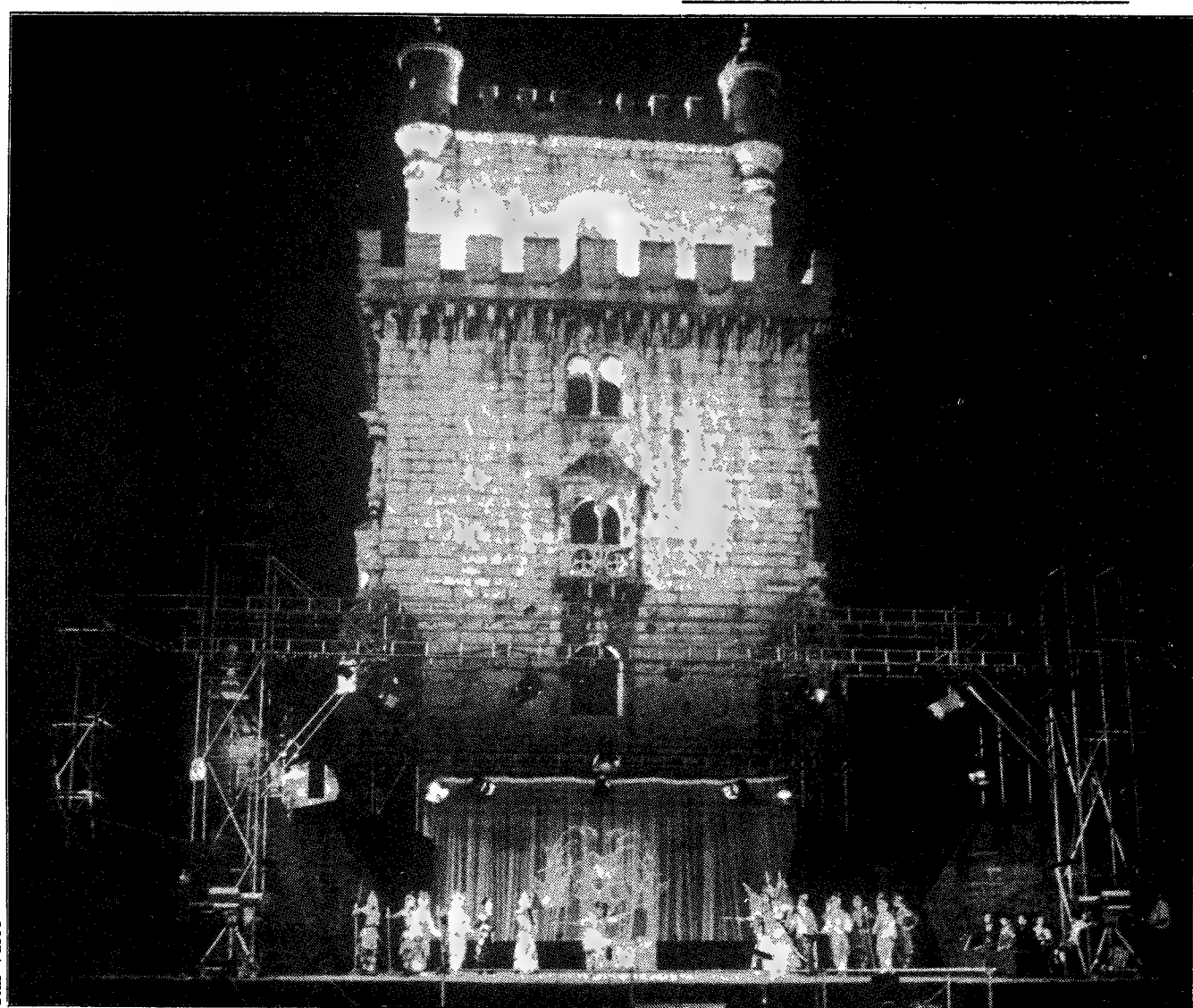
Quinta, dia 2

Bisa a Ópera de Pequim, agora junto à Torre de Belém, mas como era de borla, virou tudo em arraial, que é a ópera à portuguesa. Em Seteais, houve bailado, no Porto houve Artur Pizarro ao piano e em Lisboa houve a homenagem póstuma ao arquitecto Januário Godinho.

Para além disto, acordámos com mais uma guerra no Mundo. Mas o Mundo é muito grande e o Koweit não sei onde, e se por cá é o cada um que se amane, a guerra que vá morrer longe.

Rodrigues da Silva

Rui Vasco



Enquanto a Ópera de Pequim actuava, o público lisboeta também entendeu que era a altura de fazer o seu próprio espectáculo

As aventuras de um chinês à volta da Torre de Belém

Meia hora depois de se ter iniciado o espectáculo da Ópera de Pequim num palco improvisado na Torre de Belém, não era menos aliciante o espectáculo no relvado fronteiro ao histórico monumento. Uns milhares de pessoas a saírem apressadamente à procura de um transporte que as levasse o mais rapidamente possível para casa, outros tantos milhares à procura de um lugar nos três exíguos palanques, esgotados desde há horas.

Desde o fim da tarde que a barafunda se generalizara em Belém. Os restaurantes, que não são poucos, abarrotavam, os passeios não chegavam para o estacionamento, quanto mais para os peões circularem, os engarrafamentos sucediam-se, com as habituais cenas pi-carecas.

À hora exacta, os cheng, os dan e os jing entravam em acção, mas a uma boa parte do público o espectáculo parecia ter parecido insuficiente e decidiu acrescentar-lhe a sua própria animada participação. A

música e ao canto que partiam do palco, respondiam as bancadas com um muito ritmado «sentar, sentar» a que outra parte do público fazia ouvidos de mercador.

À boa maneira lisboeta, como o espectáculo era de borla, os clientes ultrapassaram tudo o que se podia imaginar. Quem chegou a tempo -- pelo menos uma hora antes -- arranhou lugar nas bancadas, quem se atrasou foi-se sentando pelo chão,

quem se atrasou ainda mais ficou em pé em frente de quem chegara mais cedo. Protestos inicialmente tímidos, mais logo impropérios, por último a música gritada, a simular as claques de apoio nos jogos de futebol na Grã-Bretanha. Sem resultar algum, porque quem conquistara um lugar de onde pudesse ver um pouquinho do palco não arredava pé, deixando aos outros apenas a iluminada visão da es-

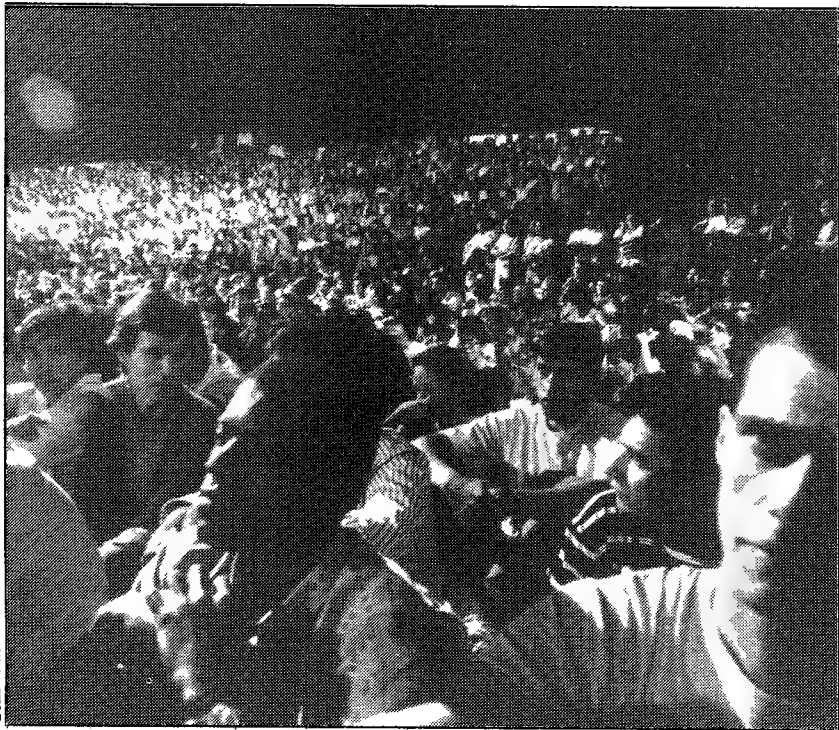
cultórica torre dos Arruda, o que não terá sido mau de todo para a sua cultura arquitectónica e histórica.

Frente ao Tejo, naquele palco improvisado num local de onde Fernão Mendes Pinto terá partido ao encontro da China que agora nos visita com um dos seus mais aliciantes espectáculos, a encenação, do lado de cá, parecia a cargo do sr. Carlos Melancia e a única coisa que faltou foi um fax a determinar o fim da experiência.

Para os que conseguiram ver alguma coisa e não se deixaram perturbar pela gritaria generalizada, o arraial de feira portuguesa, a simbologia e a mágica de um espectáculo que a nossa sensibilidade não alcança inteiramente, mas que nos rende perante a emoção sempre viva de um mundo a que gostamos de chamar «exótico», talvez com o receio de que eles digam o mesmo de nós.

E bem exótico foi aquele espectáculo de ontem à noite frente à Torre de Belém.

Roby Amorim



Rui Vasco

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Falar de Cinema

«His Master's Voice»

OLHA QUEM FALA (Look Who's Talking) - R: Amy Heckerling (EUA, 1989); A: Amy Heckerling; F (cor): Thomas Ruth; Mont: Debra Chiate; M: David Kitay; Dir. Art: Reuben Freed; P: Jonathan D: Krane/MCEG/Tri Star Pictures; I: John Travolta, Kirstie Alley, Olympia Dukakis, George Segal, Abe Vigoda, Bruce Willis (voz), etc.; D: 90 m; Dist: Columbia/ Tri Star e Warner; Est: Alfa, Amoreiras, Berna, Fonte Nova, Mundial, Nimas, S. Jorge e 7.^a Arte (Lisboa) (6-7-1990); Cl: * (M/12 anos).

Olha Quem Fala é uma comédia que parte de uma situação divertida: colocar uma voz (a de Bruce Willis) num bebé recém-nascido e acompanhá-lo durante o primeiro ano e meio de vida. Na verdade, o efeito vem mesmo muito mais detrás, desde o tempo em que a futura criança é ainda um espermatozóide em busca do óvulo, num pré-genérico que só quem não viu *O ABC do Amor*, de Woody Allen, pode achar original. De resto, trata-se de uma «citação» a cheirar a cópia.

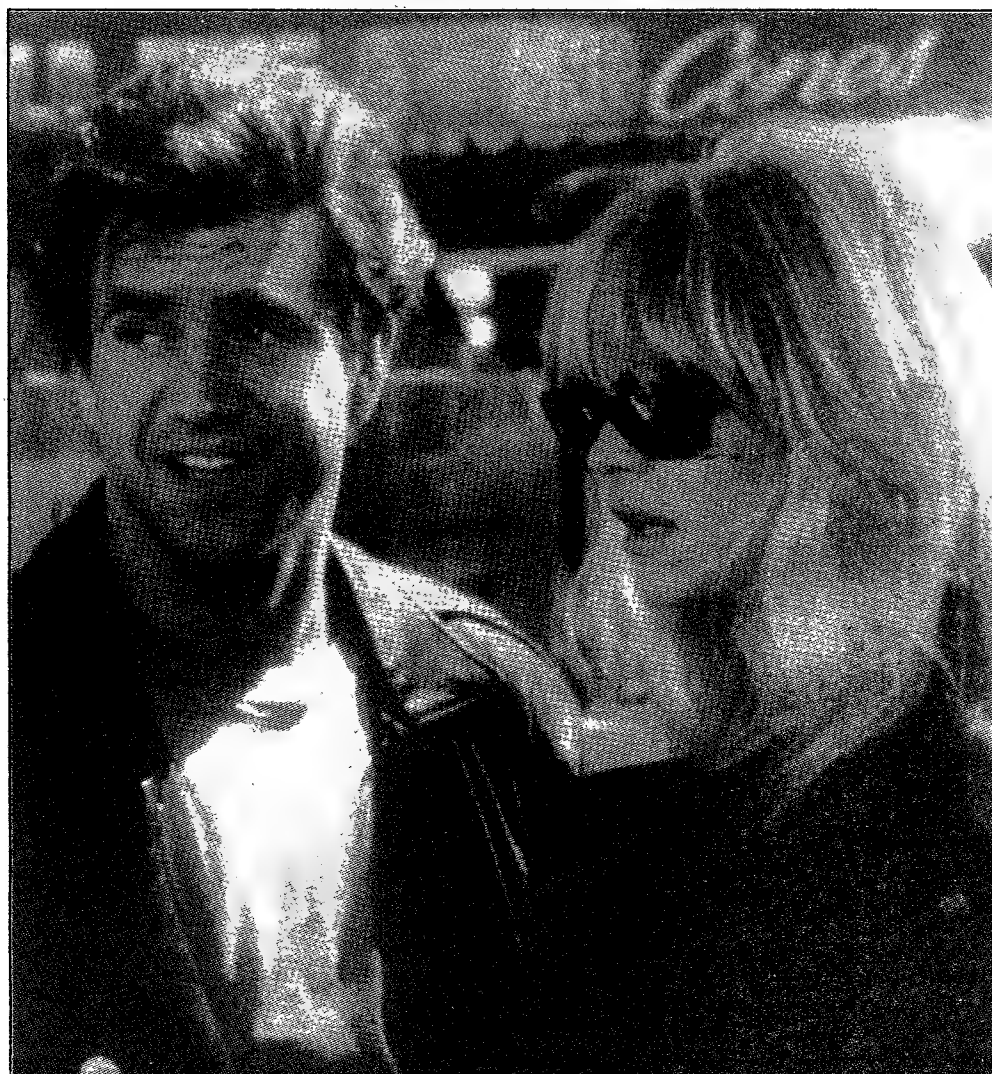
O segredo do filme é, pois, esse: filmar um bebé em diversas oportunidades, a chorar e a rir, a comer e a andar de carrinho, a brincar e etc., e inventar depois, para cada uma delas, uma frase que, sendo plausível com a imagem, seja simultaneamente divertida. Já se fizera isso, muitos anos atrás, com os animais, filmando-os e colocando-lhes, em sobreposição, pensamentos que se exprimiam em falas humanas. O resultado era hilariante, sobretudo para quem acha graça a estes efeitos algo primários de «desvio» de sentido que o cinema tem praticado com regularidade. Mesmo, em Portugal, Pedro Bandeira Freire e Raul Solnado «descriaram» um filme de «Kung Fu», sobrepondo-lhe um diálogo português, resultando daí a única fonte de humor.

De resto, «Look Who's Talking» é uma comédia sentimental totalmente inóqua, tendo como protagonista uma secretária que é mãe solteira, um director de empresa que é pai não assumido, um taxista que não entrou nessa história, mas que quer assumir a paternidade a todo o custo, e um bebé sem voto na matéria. Kirstie Alley tem boa presença e futuro assegurado, George Segal porta-se como um idiota, e John Travolta também, num infeliz regresso aos ecrãs.

Como é que este filme se tornou num dos grandes sucessos do ano, eis mais um enigma da distribuição-exibição mundial.

Einstein dos pobrezinhos de espírito

JOVEM EINSTEIN (Young



«Na Corda Bamba»

Einstein) - R: Yahoo Serions; F (cor): Jeff Darling; M: William Motzing, Martin Arminiger e Tommy Tycho; P: Yahoo Serions, Warwick Ross e David Roach; I: Yahoo Serions, Odile le Dezio, John Howard, Pee-wee Wilson, Su Cruickshank, Lulu Pinks, etc.; D: 90 m; Dist: Columbia, Tri Star e Warner Bros; Est: Alfa, Amoreiras (6-7-1990); Cl: * (M/12 anos).

Não basta parecer-se irreverente para realmente ser. Muitas vezes parece-se irreverente e não se passa de dispatado. É o caso de Yahoo Serions e do seu *Jovem Einstein*, filme australiano que bateu recordes de receitas no seu país de origem e que conseguiu estreia internacional, na perseguição de um *Crocodile Dundee*, de boa recordação para quem nele apostou. Mas, enquanto *Crocodile Dundee* era uma comédia convencional com alguma graça que «tocou» todos os públicos, *Jovem Einstein* é de um outro género bem distinto, só sendo sensível a ela espíritos de uma irreverência de fachada que facilmente se confunde com tacañez.

Actor, argumentista, realizador e produtor Yahoo Serions (pseudónimo) toma-se demasiado a sério, mesmo quando dirige comédias que homenageiam Einstein, aqui jovem australiano que descobre as folhinhas para a cerveja e o «rock-and-roll». Há uma ou outra anotação com graça, mas a febre da irreverência, a necessidade de

tudo abordar, a forma descontínua de narrar — que leva o filme a assemelhar-se a uma longametragem que cola «video-clips» interpretados pelo mesmo actor — tudo isso faz de *Young Einstein* um autêntico desastre, sem remissão possível.

Sexo e negócios no Brasil

ORQUÍDEA SELVAGEM (Wild Orchid) - R: Zalman King (EUA, 1989); A: Zalman King e Patricia Lonianna Knop; F (cor): Gale Tattersall; P: Mark Damon e Tony Anthony; I: Mickey Rourke, Jacqueline Bisset, Carre Otis, Assumpta Serna, Oleg Vidov, etc.; D: 92 m; Dist: Filmes Castello Lopes; Est: Amoreiras, Condes, Fonte Nova, Plaza (Lisboa) e Batalha (Porto) (6-7-1990); Cl: * (M/16 anos).

Há filmes indignos. Este é um deles. Estética de proxeneta, se proxeneta tem estética, e moral de prostituta sem moral. *Orquídea Selvagem* é um produto que deverá passar em escolas de cinema para demonstrar o que se não deve fazer. Não num plano técnico, onde o filme nem é bom, nem mau, não existe; mas num plano ético, onde tudo é abjecto, desde o retrato que se dá do Brasil — um enorme bordel, com criados negros vestidos de garridas fruta-cores — até às figuras e situações principais, que tipificam personagens do mundo da finança e dos negócios e seus capan-

gas.

Jacqueline Bisset, num momento particularmente desastroso da sua carreira, tenta vender a japoneses um complexo turístico do Rio de Janeiro. Para isso parte dos EUA, com uma jovem advogada, Carre Otis, especialista em línguas. No Brasil encontram Mickey Rourke, de bochechas sopradas, festejam o Carnaval, vêem negros fazer amor nas ruínas do velho hotel, com cascata de água a cair sobre os corpos (como convém, depois de 9 *Semanas e Meia*, do mesmo argumentista, aqui elevado à categoria de realizador) e assinam o contrato com os japoneses num hangar de aviões, vá-se lá saber porquê.

Mas o espírito de tudo isto é deplorável. Negócios e sexo cruzam-se sem qualquer sentimento, há um clima de compra e venda constante nesta obra de um oportunismo quase repugnante, onde apenas se salvam alguns planos de Otis, realmente bonita, mas não mais.

Se está era a continuação de 9 *Semanas e Meia*, teremos de concordar que Adrian Lynn é um predestinado, que conseguiu retirar algumas pepitas de ouro do barro mais indigente.

«Na Corda Bamba» - uma hipótese

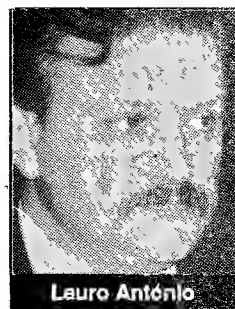
NA CORDA BAMBA (Bird on a Wire) - R: John Badham (EUA, 1989); A: David Seltzer, Louis Vénosta e Eric Lerner; F (cor): Robert Primes; M: Hans Zimmer; Dir. Art:

Philip Harrison; P: Rob Cohen, Badham / Universal Pictures; I: Mel Gibson, Goldie Hawn, David Carradine, Bill Duke, Stephen Tolosowsky, Joan Severance, etc.; D: 100 m; Dist: Filmes Lusomundo; Est: Alfa, Amoreiras, Mundial, Fonte Nova, Império, S. Jorge (13-7-1990); Cl: *** (M/12 anos).

«Ela» pensa que ele estava morto, mas afinal não estava. «Eles» querem-no morto e bem morto, mas ele não deixa. Ele é Rick Jarmin (e dezenas de outros nomes). Ela é Marianne. Ambos foram colegas na Universidade e amavam-se. Quando tudo indicava que casariam, ele mete-se na droga com uns amigos, e para se desviar do mau caminho aceita denunciar os traficantes. O Programa Federal de Protecção de Testemunhas dá-o como morto, muda-lhe a identidade e Marianne perde-o. Até que um dia o descobre vivo, numa estação de gasolina. Onde os antigos traficantes e alguns actuais membros do FBI em jogo duplo, o descobrem também com vontade de o fazer desaparecer para sempre. E começa a perseguição trepidante como convém, com muita acção num ritmo vertiginoso que

não dá tréguas a ninguém. Mal se pensa que os «maus» foram despistados, eis que surgem de carro, de helicóptero, à porta do quarto do hotel ou sobre o telhado de uma clínica veterinária.

O filme é uma comédia romântica de acção, conciliando o ritmo de suspense e «thriller» com um tom de comédia que torna irrealista a acção. A história de amor entre Mel Gibson e Goldie Hawn faz o resto. Pode parecer que *Na Corda Bamba* é apenas mais um título na longa lista dos policiais dos anos 80. Mas o curioso é que John Badham, assinando um filme sem grandes novidades, consegue mostrar-se um realizador com preocupações e estilo próprios. Há um pouco de *Jogos de Guerra*, um pouco de *O Raio Azul*, um pouco de *Debaixo de Olho* em *Na Corda Bamba*. Mas há também uma cinefilia evidente, com referências a *Intriga Internacional*, *Indiana Jones* ou *Em Busca da Esmeralda Perdida* (sobretudo nessa excelente sequência final, passada num



Lauro António

jardim zoológico onde se encena uma tumultuosa perseguição-ajuste de contas).

Enfim: um filme inteligente, divertido e bem construído. É quanto basta!

B R E V E S

Cinema português exibido na Checoslováquia

Dez filmes portugueses, a maioria de produção recente, vão ser apresentados a partir de sexta-feira na Checoslováquia, numa iniciativa conjunta das federações de cineclubes de ambos os países. Os filmes serão apresentados na cidade de Trutnov e na Cinemateca de Praga. «Recordações da Casa Amarela» e «À Flor do Mar», de João César Monteiro, «Os Canibais» e «Aniki Bóbo», de Manoel de Oliveira, «A Mulher do Próximo» e «Sem Sombra de Pecado» de Fonseca e Costa, «Uma Pedra no Bolso» e «Onde Bate o Sol» de Joaquim Pinto, «A Ilha dos Amores» de Paulo Rocha e «Uma Abelha na Chuva» de Fernando Lopes são os dez filmes que «viajam» até à Checoslováquia.

Plano para restaurar filmes antigos em França

O ministro francês da Cultura, Jack Lang, apresentou, ontem, em Paris um plano de salvaguarda do património cinematográfico, prevendo o restauro das antigas bobinas das primeiras películas da História.

Faltando cinco anos para o centenário da primeira projecção cinematográfica da História, Lang propõe-se aumentar o orçamento destinado à conservação e restauro dos filmes antigos. Jack Lang aumentou em 42 por cento o orçamento deste ano e aumentará em 52 por cento o de 1990, o que supõe que o governo francês destinará um total de 26 milhões de francos (cerca de 635 mil contos) para o restauro de filmes antigos.

Restos mortais de Greta Garbo poderão voltar à Suécia

A sepultura da actriz de cinema Greta Garbo poderá vir a ser transferida para a capital sueca, se as autoridades do país derem seguimento a um pedido do vereador do município de Estocolmo, Mats Hulth.

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Linda de Suza regressou a Portugal

«Não estou aqui para engatar ninguém»

Chegou a Portugal sem a mala de cartão. Mas trouxe o filho, o mesmo que levou há cerca de 20 anos para terras de França e que sempre a acompanhou na vida, atravessando montes e vales. Com ela vieram ainda seis músicos, que constituem a sua banda privativa, o seu companheiro de há dez anos e alguns amigos. Todos eles franceses. «Portuguesa e bem portuguesa» só ela: Linda de Suza.

Com um visual diferente, vestida por Maria Armada (só para mostrar que os portugueses também conseguem vesti-la tal como os grandes nomes da costura internacional), a popular cantora luso-francesa ou franco-portuguesa, num estalado de emigrês. Era a sua emoção de estar outra vez na Pátria, mas só por um mês, para fazer 14 espectáculos, de norte a sul do País.

No próximo de 11 estará em Lisboa, no Pavilhão Carlos Lopes, e no dia 19 no Coliseu do Porto, hoje estreia-se na Moita, a «tournée» acaba em Cantanhede.

«É a primeira vez que estou em Portugal para fazer tantos espectáculos. Venho cantar para as famílias e não para fazer charme. Não estou aqui para engatar ninguém, como se costuma dizer. Não sou como alguns cantores ou cantoras que provocam ciúmes às mulheres ou aos homens. Eu não crio ciúmes às mulheres», disse Linda de Suza deixando transparecer, assim, uma versatilidade de conquistar o público.

«Eu dedico as minhas canções ao povo. Não gosto de dizer 'o meu público', porque, na realidade, ele não é meu. Não sou possessiva... só com o meu filho. As pessoas que me ouvem são o meu patrão. São elas que fazem com que eu venda tantos discos e que me dão forças para cantar. Sei que as minhas canções, o meu estilo não agradam a toda a gente, mas não admito que falem mal de mim, a mulher, sem me conhecerem».



Linda de Suza regressou à Pátria para um mês de espectáculos

O repertório dos seus espectáculos é constituído por dezanove canções, umas em português, outras em francês, porque não há nada como fazer justiça: «Canto em português porque estou na minha terra e Portugal deu-me a vida. Mas não posso deixar de cantar em francês, porque foi a França que me deu a sorte».

Pela primeira vez o seu filho, Janot vai participar com a mãe num espectáculo, estreando-se como cantor. Tem 22 anos, vive em França e,

com esta estreia, talvez um dia se possa dizer, também dele, que quem são os seus... «Estou com muito medo, porque vou cantar na minha terra, para os portugueses. Nas veias corre-me sangue português. Esta minha participação vai ser um teste para mim. Eu não quero ser conhecido por ser filho da minha mãe, mas por ter um valor próprio», disse Janot.

Linda de Suza irá receber o disco de ouro, durante o espectáculo em Lisboa, pelo

seu LP «Que fizeste à vida», e no Porto ser-lhe-á atribuído o disco de platina, que «gostaria de receber das mãos do Presidente da República».

Até 1993, Linda de Suza diz já ter o calendário completamente preenchido, incluindo, provavelmente, uma passagem pelo Leste. Quando se desafia o destino com uma mala de cartão, às vezes acaba-se por conhecer o mundo inteiro...

Gisela Oliveira



Acarte: hoje não há jazz

Por ter falecido o pai do baterista Jeff Watts, do Trio de Branford Marsalis, regressou aquele instrumentista de imediato aos Estados Unidos, pelo que não se realiza hoje o terceiro concerto deste conjunto, no Ciclo Jazz em Agosto a decorrer no Anfiteatro de Ar Livre da Fundação Calouste Gulbenkian. Os bilhetes já vendidos são esta tarde trocados, no Acarte, pelo respectivo preço.

TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA

sextas e sábados às 21.45 h
domingos às 16 h

Amor a quanto tebrigas

Gil Vicente

Adaptação
VIRGÍLIO MARTINHO

Encenação
Vitor Gonçalves

Cenografia e Figurinos
Paula Adriana

Interpretes

ANA NAVE
JOÃO AZEVEDO

CARLOS SEBASTIÃO
JOÃO PAULO SANTOS

FERNANDO JORGE
JOSEFINA CORREIA

MANUELA CASSOLA



Subsídio S.E.C./C.M.A.

Apoio TECHNICAL 33

Companhia de Teatro de Almada

Itua Conde Ferreira Tel. bilheteira: 2752175

NOVIDADES LEGATTEAUX

CABELEIRAS PARA
SENHORA E HOMEM

E POSTIÇOS
EM CABELO E FIBRA



ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Rua Pedro Nunes, 2, r/c — Lisboa 1000
Telefone 53 92 69

VISITE-NOS

O Bando estreia hoje no Convento do Beato

O grupo de teatro «O Bando» estreia hoje o seu novo espectáculo «Os Bichos». Ao contrário do que foi anunciado, a estreia realizar-se-á no Convento do Beato e não no Teatro Dona Maria II.

SE

nada pouco
ou tem cáibras
não se afaste da praia



DESPORTO

Torneio «cidade do Porto» começa hoje

Futre e o «senhor mistério» levam romaria até às Antas

Paulo Futre regressa dentro de escassas horas ao palco das Antas onde em tempo ido, rubricou exhibições de erguer a plateia. Será (infelizmente para Artur Jorge e para os adeptos dos dragões) uma presença efémera e com outro emblema na camisola, já que ali se apresenta em representação do Atlético de Madrid no encontro inaugural (com o Boavista) do Torneio Internacional «Cidade do Porto» em também participam o FC Porto e o Standard de Liège, que a partir das 22 horas discutirão qual será o outro finalista para a ronda de amanhã.

O torneio (patrocinado pela autarquia liderada por Fernando Gomes) irá certamente sensibilizar milhares de adeptos, quer do FC Porto quer do Boavista, considerado o valor dos opositores em presença e, muito especialmente, o desejo de observar as novas «vedetas» do plantel da sua afeição.

Rever Paulo Futre é outra razão de peso para que as bancadas das Antas registem uma bonita imagem, as negociações entre Valentim Loureiro e Gil y Gil quanto a João Pinto e a possível apresentação por parte de Pinto da Costa de



Futre: regresso com outro emblema

uma «truta» da mais alta linha-gem são condimentos importantes para uma «noite de gala» ali para o lado da Praça Velasquez.

No que respeita a João Pinto sabe-se que o técnico (Peiró) dos «colchoneros» não conta com ele, sendo previsível o seu retorno ao Bessa ou o empréstimo a um clube português ou espanhol.

Quanto ao «artilheiro» que Jorge Nuno Pinto da Costa poderá apresentar aos seus consócios, apenas se sabe que é originário do Leste europeu.

Conselho de Justiça da PPF não reúne esta tarde
Contrariamente ao que fora

anunciado, o Conselho de Justiça da Federação Portuguesa de Futebol não reúne esta tarde, em virtude de alguns dos seus membros se encontrarem em período de férias. Deste modo, o processo sobre o alargamento dos campeonatos, decidido no passado dia 21 de Julho e que prontamente foi impugnado por um grupo de associações apenas será apreciado na próxima semana. Com tais demoras não sabemos como será possível que o Nacional da I divisão tenha a jornada inaugural no dia 19 do corrente conforme estabeleceu (naturalmente que de forma extemporânea) a direcção da FPF.

Sporting-Académica na Figueira da Foz

Realizou-se ontem no Estádio Bento Pessoa (Figueira da Foz) um confronto entre o Sporting e a Académica de Coimbra que terminou com a vitória dos «leões» por 3-1. Eis a ficha do jogo:

Jogo no Estádio Municipal José Bento Pessoa, na Figueira da Foz. Árbitro: Armando Portulés (Coimbra), auxiliado por Pereira Santos e Soares Pinto.

Académica — Pedro Roma; Mota, Juanito, Alfaia e Paulo Simões; José Paulo, Paulo Antunes, Coelho e Latapy; Marcelo e Lewis.

Sporting — Ivkovic; João Luís I, Bosinoski, Miguel e Leal; Amaral, Oceano, Filipe e Careca; Edel e Lima.

Jogaram ainda na 2.ª parte, Lopes, João Luís II, Douglas, Gomes e Rosário.

Ao intervalo: 0-1. Marcadores: Amaral (aos 44 m), Oceano (aos 50 m), Marcelo (aos 60 m) e Douglas (aos 78 m, de g.p.).

Outros encontros: Fafe, 0-Guimarães, 0; Penafiel, 0-V. Setúbal, 0; Feirense, 0-Boavista, 0 e Braga, 1-Beira-Mar.

B R E V E S



Futebol: torneio da Uclla no Terreiro do Paço

No Terreiro do Paço, no espaço destinado à animação desportiva, realizou-se o torneio de futebol de cinco organizado pela Uclla (União das Cidades Capitais de Língua Portuguesa), com o apoio da Câmara Municipal de Lisboa — Pelouro do Desporto. As equipas foram divididas em três séries e o torneio decorreu no fim-de-semana, chegando-se ao final com o apuramento das três equipas que, em 1991, disputarão o torneio de futebol de cinco, entre os representantes de todas as cidades que estão envolvidas na Uclla: Lisboa, Maputo, Luanda, Bissau, Praia, Água Grande, Rio de Janeiro, Macau e Brasília.

As equipas apuradas neste torneio, que decorreu no Terreiro do Paço, no fim-de-semana, foram: Marconi, Hidroprojecto e Uclla. Os jogos decorreram com animação e, no final, o vereador do Pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa, Rego Mendes, fez entrega dos troféus aos vencedores de cada uma das séries, ou seja as equipas apuradas para o torneio de 1991.

Natação: recordes em queda

A primeira jornada dos campeonatos portugueses absolutos de natação, a decorrerem até domingo na Póvoa de Varzim, proporcionou um conjunto de marcas bastante interessante, entre as quais sobressaem dois novos recordes nacionais.

O primeiro foi alcançado pela juvenil do Fluvial Portuense, Alexandra Jorge, que aos 14 anos, se sagrou vice-campeã absoluta de 400 metros estilos, num tempo (5.14,43), que supera em 47 centésimos o anterior máximo que já lhe pertencia desde há duas semanas.

Na estafeta de 4x100 metros estilos, o quarteto feminino do Benfica, logrou sagrar a distância em 4.49,47 minutos, retirando 43 centésimos à anterior melhor marca nacional de clubes, na posse do Sporting desde há um ano.

Aurora Cunha tem inquérito

A Direcção da Federação Portuguesa de Atletismo decidiu instaurar um inquérito a Aurora Cunha na sequência das afirmações feitas pela atleta à imprensa.

A decisão da FPA foi tomada após um parecer do Conselho Jurisdicional que recolheu informações sobre as várias entrevistas concedidas pela antiga campeã mundial de estradas.

Nessa entrevista, a atleta criticou a conduta da direcção federativa e do director-técnico nacional (Fernando Mota) por a terem proibido de competir nos Jogos da Boa Vontade, em Seattle.

A Federação argumentou que não dispensava a atleta por considerar que os campeonatos de Portugal são a prova mais importante no País e a presença da atleta era obrigatória em face do seu estatuto de alta competição.

Ténis: Austrália dá mais dólares

Os prémios em dinheiro do «Open» da Austrália de 1991 deverão receber um acréscimo de um milhão de dólares, atingindo um total de 3 900 000 dólares (cerca de sete milhões de contos).

Além do aumento do valor dos prémios, os tenistas participantes vão também receber, pela primeira vez, uma verba diária de 106 dólares (cerca de 15 000 escudos).

No entanto, os prémios previstos para o «Open» continuam a ser inferiores aos dos restantes torneios do Circuito do Grande Slam (Wimbledon, Roland Garros e Estados Unidos).

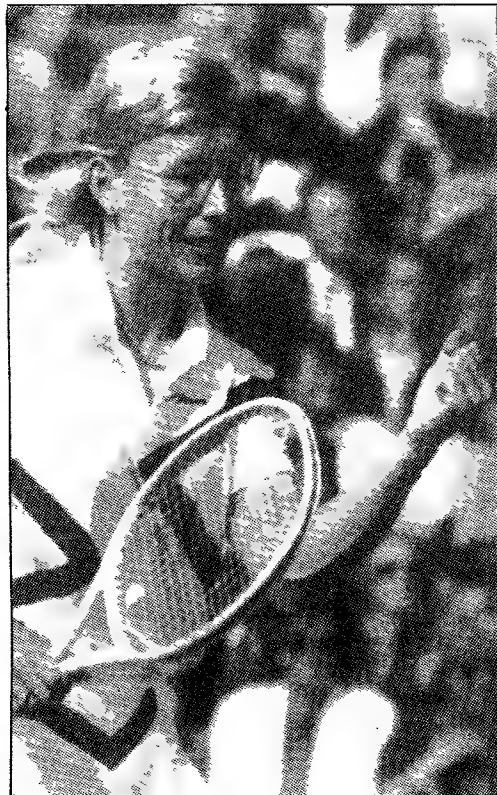
Homossexualidade de Navratilova comentada por Chris Evert

A norte-americana Chris Evert defendeu a sua velha rival Martina Navratilova e criticou a antiga colega Margaret Court por ter acusado a campeã de Wimbledon de ser um mau exemplo para as tenistas mais novas por ser homossexual.

Uma das normas do comportamento de um cristão é não julgar os outros, afirmou Evert, condenando os comentários de Court, uma tenista com educação cristã, sobre a homossexualidade de Navratilova.

Martina foi um verdadeiro modelo para mim. Considero-a uma das melhores profissionais do ténis no sentido em que soube transformar-se a nível físico e emocional para ser uma campeã. Devemos julgá-la pelas suas exhibições nos «courts» e não pela sua vida privada, acrescentou, referindo-se a Navratilova, nove vezes campeã de Wimbledon.

Evert aproveitou também para desmentir histórias recentes sobre o problema da homossexualidade no circuito de ténis feminino. Andei em torneios durante 18 anos e nunca vi nada, afirmou a antiga tenista, que abandonou a competição em 1989 mas continuou ligada ao ténis, como presidente da Associação Feminina da modalidade.



Navratilova e Chris Evert: uma amizade bem firme

Evert refutou ainda rumores sobre a tendência de «estrelas» homossexuais do ténis feminino para procurarem jovens tenistas nos torneios de exibição.

Referindo-se a Steffi Graf, número um do «ranking» mundial, Chris Evert defen-

deu que ela poderá vir a beneficiar do actual período de baixa de forma. Ela teve uma carreira tão brilhante e tão rápida que seria normal vir a ressentir-se e sofrer um certo período de declínio, disse a antiga tenista norte-americana referindo-se às recentes derro-

tas de Graf frente a Monica Seles e Zina Garrison.

A longo prazo ela (Steffi Graf) só teria beneficiado de um início de carreira mais calmo e afastado do top. É preciso perder às vezes para recuperar e ganhar novo ânimo, disse a antiga número um do Mundo.



Os mil rostos de cada dia

NEVES DE SOUSA
Nosso enviado especial

— Isto hoje foi um bocado difícil, porque andei muito tempo indisposto. Vomitei duas vezes na primeira subida de montanha, estava um bocadito melhor na segunda, melhorei bastante a partir da Pena mas custou imenso aguentar a amarela.

Paulo Silva (aluno de Fernando Mendes no Ruquita/Philips/Feirense) lá vai andando com a camisola cor de sol, resistindo a ventos e marés, quando naturalmente poucos acreditariam que um menino ainda sem barba à vista chegaria ao termo da 4.ª etapa voltista e continuaria briosamente a defender o símbolo de marechal conquistado na mais lisboeta das avenidas da capital lusitana.

— Tenho sofrido que só eu sei... mas estou com, uma equipa que trabalha sempre, que me tem ajudado de um modo que só posso retribuir se for conservando a amarelinha...

O rapazito recebe parabéns de muita gente. O professor Fernando Mendes (triunfador voltista nos idos de 74) anda de peito em quilha:

— Diziam que o Ruquita/Philips/Feirense estava constituída apenas para ficar na engorda. Esta é a resposta: comandamos individual e colectivamente. Mantemos grandes ambições, não somos mais nem menos que outros que andam por cá. Por enquanto, há ainda um grupo muito alargado de favoritos e, cá para mim, só no contra-relógio da Marinha Grande isto começa a esclarecer-se.

Aí vão eles

Sairam 105 de Évora: à partida de Sintra para as Caldas da Rainha perto do fecho da manhã de hoje, o pelotão estará novamente reduzido. Bem: o melhor é ir contando como as coisas se passaram.

Ainda se escutava o adeus de Évora e já um homem da Festina/Lotus dava às de vila Diogo. Importa-se de me dar uma palavrinha, Roberto Torres?

— Nasci a 29 de Agosto de 1964, na cidade francesa de



Martinez Costas: «Toma lá beijinhos»

Montpellier, mas estou naturalizado espanhol. Moro em Mostoles (Madrid), peso 64 quilos, tenho um e 68 de altura e sou profissional desde 1987, quando entrei na equipa Zahor.

Magro, escorrendo suor por tudo o que era poro, tinha já descansado uma larga horita mas ainda continuava soltando suspiros.

— A minha carreira? Em 1987, fui 68.º na Vuelta. No ano imediato não passei do 90.º posto e em 1989, ganhei uma etapa da Volta a Aragão mas também não fui muito feliz na temporada. Agora, estou um bocado melhor recuperando a boa forma. Simplesmente a caminho desta terra (Terrugem) o vento bateu-me de lado, fui obrigado a um esforço tremendo mas tive de ceder e fui ficando para trás.

A máscara ainda não está muito serena. Roberto Torres, nos últimos meses triunfante da Volta de Aromigua (França), vencedor da tirada contra-relógio individual da Rute de Sud (também em França) deu-se ao luxo de deixar Laurent Fignon a oito segundos de atraso apenas em 35 quilómetros.

— E ponha aí no papel, já agora que na Vuelta deste ano, fui um dos integrantes da Lotus, que ganhou a etapa contra-relógio colectivo. A saída de Évora, muitos espanhóis na estrada animaram-me: o azar foi o vento...

Miguel Moreno, o técnico da Festina/Lotus é que ficou

O franco-hispano só balbuciou:

— Disseram-me que ele ainda estava pior do que eu...

Península no palco

E era verdade, viu-se uma ou duas dezenas de quilómetros percorridos: outro fugitivo do dia pedalava meia hora e logo solicitava que o médico o ajudasse.

— Não sei o que me aconteceu: de repente, tudo quanto tinha no estômago saltou-me pela boca. Quis chegar junto do Torres, ainda estive a um minuto e meio de distância, mas apaguei-me. Dei o bafo...

Curiosa personalidade, a de António Fernando de Sousa Gonçalves, filho de Fernando Gonçalves Torres e Olívia da Silva Sousa. Nascido a 20 de Março de 66, solteiro, residente em Alheira (Carvalhos, à portinha do Porto).

— Sim, senhor: sou profissional do ciclismo já estive no Serzedelo, no Maquintropa e também na equipa espanhola da Caixa de Galicia.

Defende agora a Alguerra/Camponauto/Aralmolde. Solteiro, natural do lugar de

Pedroso, tem muitas conquistas velocipedistas culminadas com o título de campeão nacional de ciclo-crosse, no último ano. E um lote de gostos complicado de entender:

— Rádio? Só ouço a de Vila Nova de Gaia. O sonho da minha vida? Comprar um «Golf». O que gostaria de conhecer? A Disneylândia, porque sou admirador do Popey e do Rato Mickey...

Abóbora, caríssimo Roberto Torres. Gaita, amigo António Gonçalves. Se um de vocês tem cabeça dura e o outro leva a vida como se vê, porque raio essa aliança ibérica poderia dar lucro que se visse?

Salto do escuro

Tirando da peneira as escapadas de Roberto Torres e António Gonçalves, que resvalaram para o zero porque os dois cavaleiros sobre o aço acabaram por ser os últimos a chegar à porta do sr. Francisco Duarte Prego, próspero industrial da nossa praça, estabelecido com um frutuoso negócio de terraplanagens e construções que, para deleite familiar, resolveu comprar o luxo de uma etapa da Volta para instalar a meta à sua porta e, da varanda, saborear o festim no centro do círculo familiar. Quanto custou o capricho?

Não se sabe, ao certo, porque para além dos quase dois mil contos que pagou à organização e pelo serviço de policiamento (muito mal feitinho, benza-o Deus, porque o trânsito estranho à caravana foi uma constante no último quilómetro...), fora este leve dispendio da sua bolsa, ainda resolveu ceder as instalações da sua empresa para ali se montarem os escritórios da corrida. Mas, que diabo!, lá na terra é hoje um herói!

Arquivo da memória

Retornando à prova ciclista, recorda-se que Roberto Torres andou 130 quilómetros isolado, perseguido de perto por António Gonçalves que, por alturas de Porto Alto foi absorvido pelo bando de astutos pardalões que vinha lá atrás. Surgiu então uma outra cartada na estrada: José Dias apressou-se a render o colega da Alguerra mas igualmente iria pagar com língua de palmo a ousadia. Ao quilómetro 137, exactamente quando o espanhol Imanuel Murga tirava o rabo do selim e fazia as malas, deixando a Royal amputada, José Dias rendia-se ao comboio que resfolegava.

Então, as coisas desenrolaram-se como um novelo de lã atirado do topo do Empire State Building cá para baixo. Juan Balbuena (Festina/Lotus), Paulo Roque (Salgueiros/Landimar), e Jorge Silva (Sicasal/Acral) quiseram dar lamiré para o tom da marcha nupcial. Nicles, batatódides. E também pouco mais conseguiu o último quinteto de espadachins: Fernando Piñero e Martin Robleda (Festina/Lotus), José Camacho (Seur), Gabriel Sabião (Salgueiros/Landimar) e António Araújo (Avibom/Valouro/Lousa) chegaram a estar sozinhos e já deitando o dente ao dinheirinho que esperava, ali, em Terrugem. Mas isso não permitiu Manuel Cunha, que venceu a volta de 87 e é grande trunfo da Avibom/Valouro/Lousa: tomou a cabina de proa e fez com que toda a gente tremesse de susto. E

SMALTEX

TINTAS
VERNIZES
DILUENTES

SMAL — Sociedade Mecânica e Acessórios, Ld.ª

R. S. Sebastião da Pedreira, 29-1.º
☎ 352 10 67 1000 LISBOA

chateado que nem um peru às portas do Natal:

— Não tiveste cabeça. Com um pouco de inteligência a tua fuga nunca podia ser anulada.

Nem o êxito final de Manuel Martinez Costas serviu de lenitivo para o mestre de Roberto aliviar o chicote.

— Incrível: uma escapada destas não resultar... Porque não deixaste juntar o português que vinha logo atrás de ti?

A nossa equipa de reportagem viaja numa viatura RENAULT gentilmente cedida por:

SACAVENAUTO



Estrada Nac. N.º 10 — N.º 69 • Sacavém • Tel. 942.50.40 • 942.52.40



PARA COMER COM PRAZER

NA VOLTA
Pelo Gosto de Correr

DESPORTO

outra vez um «sprint» para esclarecer a incógnita, novamente um estrangeiro das equipas espanholas a limpar o sarampo à nossa gente. Martinez Costas (Festina/Lotus) antecipando-se a Manuel Abreu (Sicasal/Acril) e ao tradicional Paulo Pinto para novamente a legião portuguesa enfiando a viola no saco, venha a nós um outro dia.

Análise

Paulo Silva e mais cinco fei-
rentes dominam a situação: na
equipa de Fernando Mendes
cedeu o polaco Pietrusz, que-
braram Viriato Duarte e José
Mendes mas o estandarde
continua ao alto. Como era
mais que esperado, José San-
tiago (Recer/Boavista) toma
posse do ceptro e da coroa de
rei entre os montanhistas, que
sabe ser preparado para com-
pletar quatro triunfos voltistas
nessa especialidade. Nos
«sprints» Paulo Pinto vai so-
mando pontos, nas metas vo-
lantes a palavra é para Carlos
Marta, um artista do elenco
chefiado por Mário Miranda
de Almeida, o empresário de
Corticeiro de Cima que se
continua revelando como um
dos poucos homens de vista
larga que resolveu investir no
ciclismo a divulgação dos tor-
nados e marcas que o torna-
ram sentado em cadeirão.

— O que o «Diário de Lis-
boa» me arranhou! Numa sua
reportagem contou o que eu lhe
dissera que, perante as espam-
panantes miúdas que vêm fazer
reclame à Coca-Cola e às já ha-
bituadas empregadas da Sica-
sal/Acril que há anos sobem ao
pódio para beijarem os vencedo-
res, também eu resolvera contri-
buir dois modelos para virem a
esta Volta com a camisola da
Orima. Saber o que sucedeu?
Em dois dias recebemos 300 car-
tas com ofertas, tive de entregar
a escolha a um empresário artís-
tico e as duas meninas entram
em Sintra na corrida...

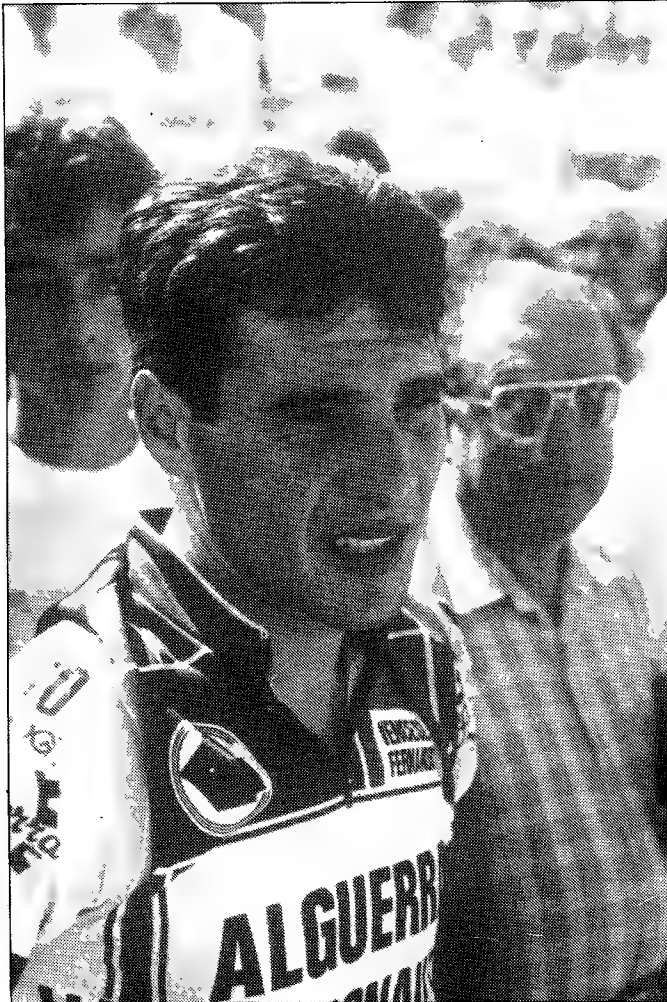
Pronto: haja agora outra du-
pla que torne a empatar o cor-
tejo em matéria de belez-
nhas.

Lavar os cestos

Abalamos agora mesmo a
caminho das Caldas da Rai-



Paulo Silva e António Gonçalves: o 1.º e o último



nha. Um poeta popular de no-
tável sentido desportivo,
entrega-me oito folhas de for-
mato A-4, onde, em 109 qua-
dras, quase está lembrada a
marcha do nosso ciclismo,
através das Voltas. Electricis-
ta de profissão, José Joaquim
Fialho Frade, residente na
Estrada da Falagueira (Ama-
dora), nem me dá tempo para
ler, mas vai autorizar que um
dia destes lhe agradeça o seu
trabalho.

Fala-se em alianças entre
equipas: será que a Recer-
Boavista vai unir-se à Avi-
bom/Valouro/Lousa para
combaterem a aparente passi-
vidade da fortíssima Sica-
sal/Acril que vai autocrizando
que espanhóis brinquem na
hora de cortar as últimas me-
tas? Manuel Cunha tem a sua
ideia:

— Sei que é preciso darmos
um piparote nisto, mas ainda
não sei como...

Manuel Abreu tem ponto
de vista semelhante:

— Vou tentando tudo por
tudo para um triunfo mas pri-
meiro tenho de trabalhar para a
equipa...

Miguel Moreno, o
antigo campeão espanhol que
comanda agora a equipa Festi-
na/Lótus, aparece, indignado,
entre os jornalistas:

— Tomaram conhecimento do
que me aconteceu? Incrível, não
acha?

Conta:

— Em Évora, estacionámos
um camião da Lótus perto da re-
sidencial onde a equipa ia dor-
mir, porque não podíamos per-
der de vista que lá dentro esta-
vam mais de 30 mil contos em
material. De repente, apareceu
a polícia a querer multar-me.
Apresentei as minhas razões,
disse que se tratava de salva-
guardar ao máximo o valor do
que estava dentro do carro, que
no local onde a viatura se en-

contrava não estorvava nin-
guém. Mas, não consegui demo-
strar o guarda. Então, surgiu um
senhor comissário que, nem se-
quer entendendo que a equipa es-
panhola que chefiava estava em
Évora porque participava numa
prova desportiva que é muito
respeitada no meu país, desatou
a gritar-me aos ouvidos, amea-
çando que ia imediatamente
mandar avançar um reboque.
Mais: dava gritos adiantando
que hoje (ontem) eu iria a tribu-
nal.

«Estavam perto diversos
jornalistas que ficaram abis-
mados com a cena a que assis-
tiam. Por fim, o camião aca-
bou por dormir no parque de
frente do quartel, não fosse o
diabo tecê-las... Palavra de
honra: destes, via-os há 40
anos em Espanha...

Miguel Moreno, ainda ia a

retirar-se quando surgiu Sou-
sa e Castro, director-
comercial adjunto desta Vol-
ta, que provocou nova «rueda
de Prensa»:

— Meus senhores: outro caso
incrível aconteceu em Évora. O
carro publicitário da «Pony»
esteve apreendido pela Guarda
Fiscal porque se retirara a gre-
lha para facilitar a distribuição
de publicidade da empresa que
muito colabora nesta Volta.
Pois para levantar o carro foi
preciso pagar 55 contos, porque
as entidades policiais não conse-
guiram ainda entender que está-
vamos em Évora para prestigiar
a cidade e não para brincarmos,
porque a lei terá de ser maleável
e não se tornar implacavelmente
rígida.

Fim de festa. A Agros (Antó-
nio Monteiro e José António da
Silva) atenuam o ambiente dis-

tribuindo leitinho para a malta
amortecer o que lhe apetecia di-
zer. Luís Machado (condutor do
carro-vassoura há nove anos)
raz pelo braço José Fernando
da Rocha Dias, o Zé Dias que
também foi figura no caminho
para Terragem:

— Palavrinha: pensei que a
minha fuga ia resultar mas aca-
bou por ficar no tinteiro...

Pesa 60 quilos tem um e 72,
nasceu no Lobito (Angola) a
três de Junho de 66, filho de
Manuel da Rocha Dias e Lu-
cília de Sá Rocha. Tem noiva:
Maria Augusta de Sá Ferreira.
Mora em Águas Santas (Maia)
e, sucessivamente, vestiu a ca-
misola do Salgueiros, do Cent-
ro de Ciclismo do Porto, do
Alguerra (quatro anos, do
Maquitrofa, do Lousa, nova-
mente está no Alguerra.

— Quem vai acabar nos me-
lhores lugares desta Volta? Joa-
quim Gomes, Jorge Silva e Fer-
nando Carvalho? Para mim,
desejo vencer uma etapa, porque
fui campeão nacional de pista
(em seniores), como profissional
tenho um 4.º lugar no Porto-
Lisboa de 89, um 5.º no GP
«Correio da Manhã», triunfei
no prémio da montanha na Vol-
ta ao Algarve, venci a monta-
nha e os pontos quentes no pré-
mio de Setúbal e as metas vo-
lantes na corrida do «JN».

José Dias não desanimou
por ter sido abarbatado pelo
resto do cortejo na tarde de
ontem. Talvez porque tem
predilecções muito especiais:
não perco um filme do Silves-
ter Stalone, do Bud Spencer
ou do Terence Hill, considero
o Raul Solnado o nosso me-
lhor artista, leio tudo o que fa-
le de desporto ou de medicina
(antes, sonhava ser médico) e

cont. na pág. 27

SMALTEX

TINTAS
VERNIZES
DILUENTES

SMAL — Sociedade Mecânica
e Acessórios, Ld.ª

R. S. Sebastião da Pedreira, 29-1.º
352 10 67 1000 LISBOA



Manuel Cunha: «Sim, é preciso dar um piparote nisto...»

JOVEM

APRENDE ELECTRICIDADE, ELECTRO-
NICA, RADIO, TELEVISÃO, DURANTE 10
MESES, AULAS TEÓRICAS-PRÁTICAS DE 3
HORAS, DAS 08.00 ÀS 23.00. MAIS DE 800
CONTOS DE MATERIAL DIDACTICO POR
ALUNO.

INÍCIO DO CURSO 1 DE OUTUBRO.
ASSISTE GRATUITAMENTE A UMA SE-
MANA DE AULAS QUANDO DESEJARES.

MÍNIMOS

4.ª CLASSE OU 6.ª ANO DE ESCOLARI-
DADE — 16 ANOS.

DIPLOMA

CARTEIRAS PROFISSIONAIS

DE TÉCNICO ELECTRÓNICA, RADIO, TV E
DE ELECTRICIDADE BAIXA TENSÃO VÁL-
IDAS EM TODOS OS PAÍSES COM SINDI-
CATOS.

PREÇO 200 + 7 MIL ESCUDOS EM 10
PRESTAÇÕES DE 20 MIL.

ESCOLA LASER

CAPACIDADE PARA 870 ALUNOS.
PRAÇA BERNARDO SANTARENO, 3-B,
1900 LISBOA — TEL. 80 58 01 — 80 95 57.
METRO AREIRO, AUTOCARROS 15 —
27 — 35 — 40.

(ALUGAMOS SALAS-AULAS)
FÉRIAS EM AGOSTO

Informação
COMERCIAL

LINHA DE SINTRA

Informa-se os Srs. Passageiros que, por
motivo de trabalhos de revisão integral da
catenária, são suprimidos, entre CACÉM
e QUELUZ, nos dias 31 de Julho, 1, 2 e 3
de Agosto os seguintes comboios:
Comboios com saída de Queluz às 9.57h,
10.13h, 11.13h e 11.49h.
Comboios com saída do Cacém às 9.55h,
10.11h, 10.27h e 11.51h.

CP — Caminhos de Ferro Portugueses
Serviço Comercial do Tráfego Suburbano

 Caminhos de Ferro
Portugueses

DESPORTO



O pelotão da Festina/Lotus

Decisões do júri

Atribuir o Prémio de Combatividade ao ciclista Roberto Torres.

Multar em 10 000\$00 cada um dos directores desportivos do Salgueiros/Landimar, Seur e Royal, por infracção ao TP-64.

Terminada a 4.ª etapa foram submetidos ao controlo «antidoping» os ciclistas Paulo Silva, camisola amarela à partida da etapa, Martinez Costa — vencedor da etapa Luís Barroso — por sorteio, José Passos — por sorteio.

Boletim médico

Antes do início desta etapa cedemos terapêutica a três ciclistas e dois acompanhantes. Durante a mesma prestámos assistência aos seguintes ciclistas: Imanuel Murça, Dick Dekkers, António Gonçalves, Miguel Garcia, Paulo Pinto, Manuel Carrera e Paulo Duque. Devido a uma queda colectiva ficaram feridos diversos ciclistas, um dos quais da Sicasal, que apresentava ferida corte-contusa, pelo que se deslocou o médico e enfermeiro ao Centro de Estágio da Sicasal a fim de proceder à sutura.

Agradecimentos

No final da 4.ª etapa, a organização agradece a:

Francisco Duarte Prego, o magnífico apoio dado à chegada da etapa, assim como toda a gentileza para com a organização, e ainda a cedência das suas instalações para montagem dos escritórios da Volta.

A direcção da Escola Primária da Terrugem a cedência das suas salas para instalação da sala de Imprensa.

Aos Bombeiros Voluntários da Malveira, Montelavar e Colares pelos seus refrescantes chuveiros.

A PSP e GNR dos locais de passagem que garantiram a segurança da caravana.

Concurso Philips

Premiado com um gravador de reportagem:

Abel Figueiredo (Rádio Comercial).

Classificação geral: António Barroso («Correio da Manhã»), 17 pontos; Carlos Flórida («Comércio do Porto»), 15; Carlos Marinho («Rádio Atlântico»), 11.



Ruquita: equipa que comanda

cont. da pág. 26

tenho fé de um dia ver de perto três mulheres: Cicciolina, Brooke Shields e Samantha Fox...

É exigente, este José Dias. Mas, sabe-se que quem não arrisca, raramente petisca. Zé Dias, português de fibra, é atiradiço. E talvez hoje torne a tentar uma fuga que fique triunfante. Ao menos para que as miúdas que vieram fortalecer a Orima fiquem iradas com o primeiro cartão de visita dos mocetões que fazem esta Volta.

SMALTEX

TINTAS
VERNIZES
DILUENTES

SMAL — Sociedade Mecânica e Acessórios, Lda

R. S. Sebastião da Pedreira, 29-1.º
☎ 352 10 67 1000 LISBOA

Rui Vasco



TEMOS PARA VENDA

EM LISBOA: LOTES DE TERRENO — PRÉDIOS DEVOLUTOS
COM PROJECTO APROVADO EM TODAS AS ZONAS DA CIDADE
AOS MELHORES PREÇOS — HABITAÇÃO — ESCRITÓRIOS
— CENTROS COMERCIAIS — HOTÉIS — APARTHOTÉIS

CONTACTE-NOS:

Avenida D. Nuno Álvares Pereira, 46, 1/c, Esq. — 2800 ALMADA-PORTUGAL — Telef.: (01) 274 42 56 - 274 42 57 — Fax 274 36 53 — Telex 61004 TRIALM P — Apartado 33 — ALMADA-PORTUGAL

DESPORTO



Martinez Costa no momento da chegada à Terrugem

A PALAVRA
DO CAMARADA

Gente nova pede passagem

Escrever sobre a Volta. Que Volta? Das muitas em que me integrei na máquina organizadora, dos tempos do Artur Agostinho, do Tomé de Barros Queirós, da Sonarte e da Publirama, em que trabalhei com o saudoso Jorge Lara e com o, também, desaparecido Idalino de Freitas ou, no lugar do insubstituível repórter da Volta, Fernando Ávila, no «Diário Popular»?

Não. Os tempos são outros. Os consagrados daquela década de 70/80, sempre os mesmos, João Roque, Peixoto Alves ou Joaquim Agostinho e Fernando Mendes «obrigavam» a reconhecer os seus feitos e defeitos, porque eram aqueles que sobressaíam num pelotão estradista. Agora não.

Esta Volta a Portugal é algo diferente, porque existe um lote de jovens de grande valor. De pouca ressonância, ainda, é um facto. Talvez, desapercebidamente porque o ciclismo perdeu um pouco, mesmo muito, pelo desaparecimento do Sporting, Benfica, F.C. Porto das estradas portuguesas. Mas, também, é um facto que a clubite do ciclismo deu lutar à representação de marcas, mas sem deixar as estruturas do clube. Um defeito? Talvez, que não deixa progredir uma modalidade que estava (está ainda) enraizada no povo português.

Mas, «madeira» existe para ser trabalhada e, vejamos esta juventude que desponta (que vai continuar a despontar)

David Ramalho
«A Bola»

nesta Volta onde um jovem de nome Paulo Silva, de, apenas, 21 anos, surpreendeu

Lisboa e se vestiu de «amarelo». Um Paulo Pinto, de 23 anos, que se firma como «sprinter» e vai acumulando vitórias em etapas. Um Luís Santos, uma autêntica revelação como trepador ou um Delmino Pereira que, certamente, vai aparecer, quando a corrida começar a empinar ou mesmo um Joaquim Gomes ávido de repetir o triunfo de 1989.

Esta, é, assim, a continuidade, o garante de um ciclismo mais aberto de mais valores que se há-de impôr, quer queiram quer não. Um ciclismo sem «estrelas», mas de valores equilibrados. De mais luta, de mais competição tornando uma corrida, como a Volta, mais aliciente.



Todos muito juntinhos



maquirema
Soc. Imp. e Rev. de Máquinas
Um espaço no seu escritório
Telefones 474 46 52 - 474 50 74

Classificações

4.ª Etapa — Évora-Terrugem

		H M S
1.º	Manuel Mart. Costas	Festina/Lotus 05.27.57
2.º	Manuel Abreu	Sicasal/Acral m.t.
3.º	Paulo Pinto	Avibom/Valouro/Lousa mt.
4.º	Jesus Blanco Villar	Festina/Lotus m.t.
5.º	Marco Chagas	Orima/Cantanhede m.t.

104.º	António Gonçalves	Alguerra/Componauto/Aralmolde a 29 11
-------	-------------------	---------------------------------------

Geral individual

		H M S
1.º	Paulo Silva	Ruquita/Feirense 20 42 30
2.º	Manuel Neves	Ruquita/Feirense a 00 04
3.º	Vitor Teresinho	Ruquita/Feirense m.t.
4.º	Fernando Carvalho	Ruquita/Feirense mt.
5.º	Dulas Andrezej	Ruquita/Feirense m.t.
6.º	Carlos Pereira	Ruquita/Feirense mt.
7.º	Neil Stephens	Royal a 00 12
8.º	José Sanchez	Royal m.t.
9.º	Javier Carbayeda	Royal m.t.
10.º	Paulo Pinto	Avibom/Lousa a 00 14

104.º	Eugénio Passos	Salgueiros a 44 58
-------	----------------	--------------------

Geral por equipas

		H M S
1.º	Ruquita/Philips/Feirense	62 07 42
2.º	Royal	a 00 24
3.º	Orima/Cantanhede	a 00 39
4.º	Avibom/Valouro/Lousa	a 00 43
5.º	Bom Petisco/Tavira	a 01 06
6.º	Recer/Boavista	a 01 20
7.º	Festina/Lotus	a 01 21
8.º	Sicasal/Acral	a 01 42
9.º	Seur	a 02 30
10.º	Salgueiros/Landimar	a 05 15
11.º	Alguerra/Componauto/Aralmolde	a 10 54

Pontos

		P
1.º	Paulo Pinto	Avibom/Valouro/Lousa 32
2.º	Dick Dekkers	Royal 20
3.º	Manuel Abreu	Sicasal/Acral 19

Montanha

		P
1.º	José Santiago	Recer/Boavista 31
2.º	Luís Santos	Recer/Boavista 16
3.º	José Dias	Alguerra/Componauto/Aralmolde 13

Metas volantes

		P
1.º	Carlos Marta	Orima/Cantanhede 11
2.º	Paulo Silva	Bom Petisco/Tavira 10
3.º	Roberto Torres	Festina/Lotus 10

Prémio combinado

		P
1.º	Constâncio Reis	Bom Petisco/Tavira 40
2.º	Jesus Blanco Villar	Festina/Lotus 50
3.º	Carlos Marta	Orima/Cantanhede 67

Prémio da juventude

		P
1.º	Paulo Silva	Ruquita/Philips/Feirense
2.º	José Rosa	Avibom/Valouro/Lousa
3.º	Joaquim Andrade	Sicasal/Acral

Amanhã: Caldas-Figueira
Domingo: Contra-relógio

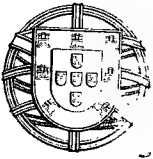
Amanhã ocorrerá a 6.ª tirada entre as Caldas da Rainha e Figueira da Foz (144 quilómetros) com partida às 11 horas e chegada prevista para as 14 e 30. A comitiva passará pelas seguintes localidades: Tornada, Morteira, Alcobaça, Fervença, Sítio, Nazaré, Marinha Grande, Alberuaria, Regod'Água, Ponte da Pedra, Várzeas, Vieirinhos e Buarcos.

No domingo terá lugar o contra-relógio individual na Marinha Grande (40,7 km) com o primeiro ciclista a partir às 13 horas.

Na 2.ª feira, toca a andar para Tondela e a «serra» virá a seguir.

AGENDA

I Série N.º 178
Dia 3 de Agosto
DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Assembleia da República

Lei n.º 20/90:
 Autorização legislativa sobre processamento e julgamento de contravenções e transgressões.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação, da Educação e do Emprego e da Segurança Social

Portaria n.º 619/90:
 Aprova o Programa de Escolas Profissionais Agrícolas.

Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação, da Saúde e do Ambiente e Recursos Naturais

Portaria n.º 620/90:
 Define e fixa as condições de obtenção dos aromas destinados a ser utilizados no interior ou à superfície dos géneros alimentícios e estabelece as regras de rotulagem a que os mesmos devem obedecer.

Ministério da Indústria e Energia

Decreto Regulamentar n.º 21/90:
 Aprova a orgânica e o quadro de pessoal do Gabinete para os Assuntos Comunitários do Ministério da Indústria e Energia.

Ministério da Saúde

Decreto Regulamentar n.º 22/90:
 Prevê o exercício de funções de assistência religiosa nos hospitais por parte de leigos especialmente preparados para o efeito. Altera o Decreto Regulamentar n.º 58/80, de 10 de Outubro.

Tribunal Constitucional

Acórdão n.º 246/90:
 Declara, com força obrigatória geral, por violação do artigo 229.º, n.º 1, alínea a), conjugado com o artigo 168.º, n.º 1, alínea h), da Constituição da República, a inconstitucionalidade do artigo 2.º do Decreto Legislativo Regional n.º 26/83/A, de 19 de Agosto, bem como das normas dos artigos 1.º a 6.º e 8.º a 12.º do Decreto Legislativo Regional n.º 26/86/A, de 25 de Novembro, e, consequencialmente, da norma do artigo 7.º do mesmo diploma regional, e limita alguns efeitos da declaração de inconstitucionalidade.

PESSOAS & FACTOS

Vilamoura Marinotel
 anima cultura

O Vilamoura Marinotel apresenta, na primeira quinzena de Agosto, uma exposição denominada «O Algarve e os Descobrimentos». Nela são exibidos painéis e quadros sobre o tema referido e ainda acerca das viagens portuguesas e do encontro das civilizações. A mostra conta com o apoio da Comissão Municipal de Lagos dos Descobrimentos.

Aliança Seguradora
 tem novo director

José Constantino Ferreira foi nomeado director-coordenador-geral da Aliança Seguradora. Trata-se de um novo posto, cuja competência principal é a supervisão das 16 direcções regionais da companhia. Visa esta medida desenvolver uma estratégia de descentralização e autonomia regional e departamental. Nas suas novas funções, José Constantino Ferreira vai lançar uma estrutura autónoma da Aliança Seguradora para a ligação às sociedades de corretores que constituem o segmento de ponta do mercado segurador.

H O J E
 CONTINENTE

Em todo o território Céu pouco nublado ou limpo apresentando-se muito nublado na faixa costeira a norte do Cabo da Roca, durante a madrugada e manhã. Vento fraco soprando em regime de nortada no litoral Oeste durante a tarde. Neblina ou nevoeiro matinais, em especial no litoral Oeste.

Mar cavado com ondulação noroeste de 1 a 2 metros na Costa Ocidental e de pequena vaga com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

Amanhã Céu pouco nublado ou limpo apresentando-se muito nublado na faixa costeira a norte do Cabo da Roca, durante a madrugada e manhã. Vento fraco soprando em regime de nortada no litoral Oeste durante a tarde. Neblina ou nevoeiros matinais.

Depois de amanhã Céu pouco nublado ou limpo apresentando-se muito nublado na faixa costeira a norte do Cabo da Roca, durante a madrugada e manhã. Vento fraco soprando em regime de nortada no litoral Oeste durante a tarde. Neblinas ou nevoeiros matinais.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de Nordeste.

Mar cavado com ondulação noroeste de 2 metros na Costa Norte e encrespado com ondulação inferior a 1 metro na Costa Sul.

No Funchal Períodos de céu muito nublado. Vento fraco.

Amanhã Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Nordeste.

Depois de amanhã Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Norte. Possibilidade de aguaceiros.

AÇORES

Grupo Ocidental Períodos de céu muito nublado. Vento nordeste moderado.

Mar cavado com ondulação norte de 2 metros.

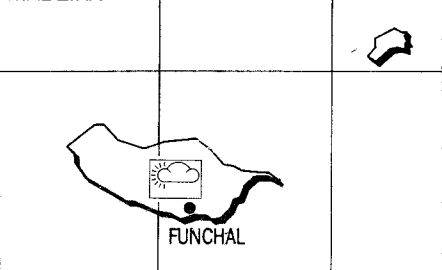
Grupos Central e Oriental Períodos de céu muito nublado. Vento norte moderado soprando por vezes forte. Aguaceiros.

Mar cavado com ondulação norte de 2 metros.

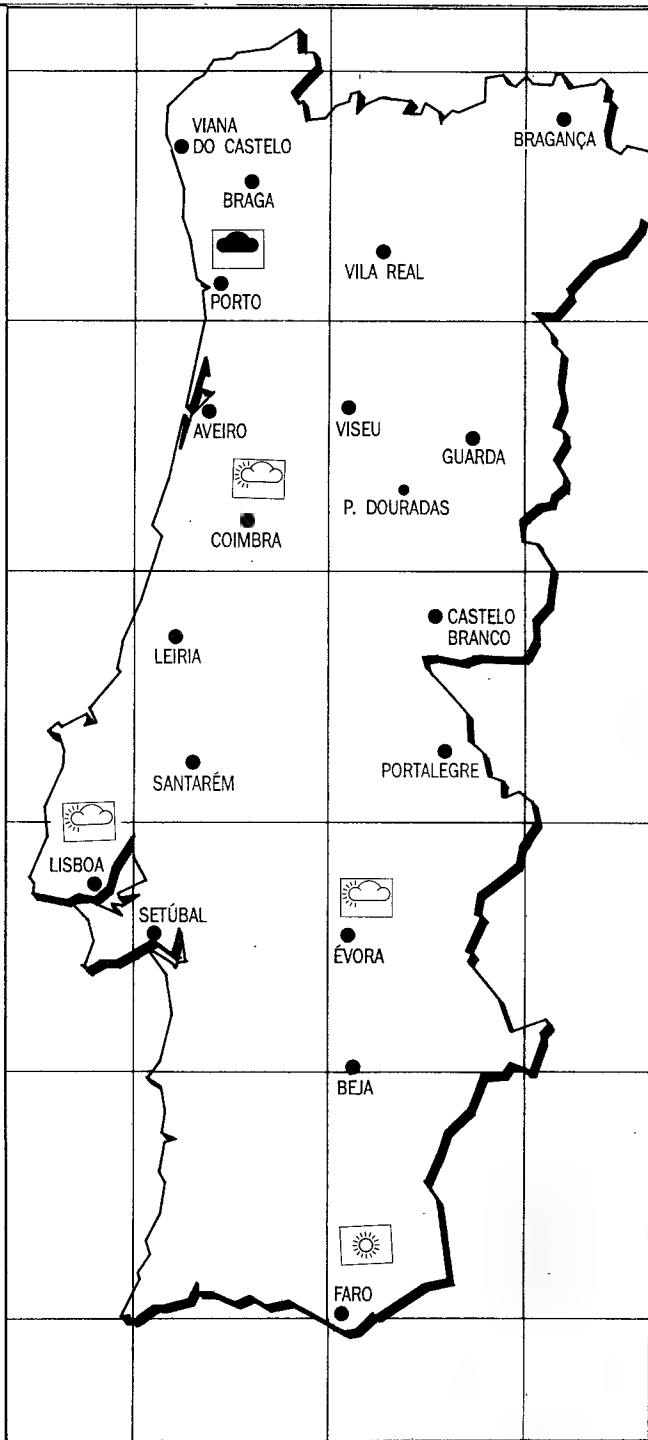
Amanhã Grupo Ocidental: Períodos de céu muito nublado. Vento nordeste moderado.

Grupos Central e Oriental Céu geralmente muito nublado. Vento norte moderado soprando por vezes forte. Aguaceiros.

MADEIRA



O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Bragança.....	21	21	M. nub.
V. Castelo.....	15	15	Nevoeiro
Vila Real.....	16	17	P. nub.
Porto.....	13	14	Neblina
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	15	16	Neblina
C. Carvoeiro.....	18	18	Encoberto
C. Branco.....	17	21	P. nub.
Portalegre.....	23	25	P. nub.
Lisboa.....	15	15	Neblina
Évora.....	16	17	P. nub.
Beja.....	20	21	P. nub.
Sines.....	16	16	Neblina
Faro.....	22	23	P. nub.
Sagres.....	18	19	M. nub.
P. Delgada.....	17	18	P. nub.
Horta.....	17	18	M. nub.
Funchal.....	19	19	P. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 30; Porto, 24; Faro, 29; P. Delgada, 25; Funchal, 20.

EUROPA

	Min.	Máx.	Às 6 h.
Madrid.....	20	20	M. nub.
Londres.....	18	19	Bruna
Paris.....	22	23	Limpo
Bruxelas.....	19	20	M. nub.
Amsterdão.....	16	20	Limpo
Genebra.....	17	19	Neblina
Roma.....	21	24	Neblina
Oslo.....	17	17	Neblina
Copenhaga.....	16	22	P. nub.
Estocolmo.....	16	19	Limpo
Berlim.....	16	18	P. nub.
Viena.....	16	17	Limpo
Varsóvia.....	12	17	Limpo
Atenas.....	26	29	Limpo
Moscou.....	14	16	Limpo

MUNDO

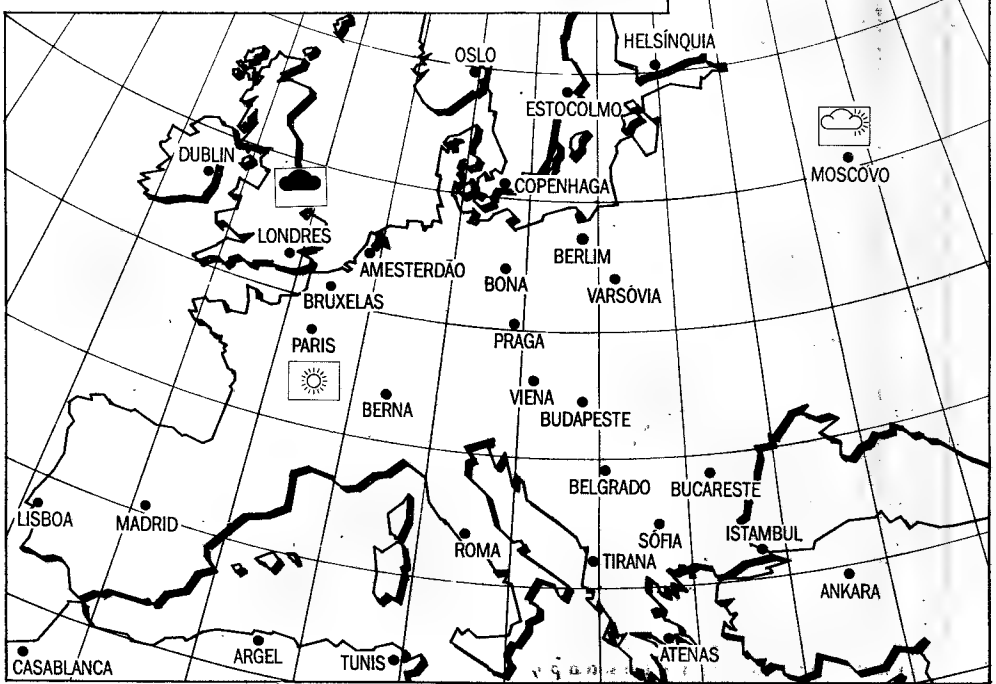
	Min.	Máx.	Às 13 h
Buenos Aires.....	8	17	Limpo
Caracas.....	19	27	Nublado
Hong Kong.....	26	30	Nublado
Joanesburgo.....	7	20	Limpo
Los Angeles.....	18	27	Nublado
Montreal.....	17	27	Nevoeiro
Nova Deli.....	29	37	Chuva
Nova Iorque.....	18	29	Limpo
Rio de Janeiro.....	14	23	Limpo
São Francisco.....	13	19	Nublado
São Paulo.....	11	17	Limpo
Tóquio.....	25	32	Limpo

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoada
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

M A R É S

Hoje			
PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
01.58	2,9m	07.31	1,3m
14.17	3,1m	20.03	1,1m
Amanhã			
02.45	3,0m	08.14	1,1m
04.59	3,3m	20.42	0,9m



AGENDA

FARMÁCIAS LISBOA SERVIÇO PERMANENTE

Alfama - São Tomé - Ziler: R. São Tomé, 54-56, T. 311216; Areeiro - Lusitana: Av. Roma, 18-A, T. 885443; Av. D. Rodrigo da Cunha - Aeroporto: Av. Al. Gago Coutinho, 101-D, T. 882384; Benfca - 2ª Circular - Benfiluz: Est. de Benfca, 444-A, T. 7141206; Calvário - Monge: R. dos Lusitana, 30-32, T. 3636704; Campolide - Águas Livres - Rualto, Lª: R. Alto Carvalhão, 5, T. 651721; Janelas Verdes - Reis Garrido: R. das Janelas Verdes, 90, T. 662327; Jardim Constantino - Portugal: R. Rebelo da Silva, 11-13, T. 543340; Jardim dos Anjos - Jaime Matos: R. Álvaro Coutinho, 8-10; Lumiar - Central Lumiar: Al. das Linhas de Torres, 254-B, T. 7588063; Olivais Sul - Lemos: R. Cidade da Beira, 46-C, T. 331692; Saldanha - Hotel Sheraton - Oliveira Viegas: R. Viriato, 29-29-A, T. 548966; Brandoa - Amadora - Tavares Matos: R. Irene Lisboa, Lª 108, T. 993220; Carnaxide - Central Carnaxide: Av. Portugal, 16-B, T. 4184913; Moscavide - Pedro Gomes: Praceta 25 de Abril, Lª 13-Loja B, T. 2518520; Odivelas - Patameiras - Amaral: R. Antero Quental, 8-A, T. 9325455; Pontinha - Flora: Azinhaga dos Besouros, Lª R-8.

REFORÇO

Baixa - Largo São Domingos - Americana: Calçada de Santana, 1-3, T. 863964; Campo Grande - Av. Brasil -

Rainha Santa: R. Afonso Lopes Vieira, 57-B, T. 7652262; Chile - Alto São João - Veral: R. Moraes Soares, 109-111, T. 821732; Escola Pol. - São Bento - São Marçal: R. São Marçal, 100, T. 325318; À Av. Estados Unidos nº 39 - Celta: R. Moura Girão, 3-B, T. 890621; Jerónimos - Remisio: R. dos Jerónimos, 14-C, T. 3631699; Madre Deus - Junto Esc. Verney - Romana: R. Actor Augusto Melo, 7-A, 383800; Picheleira - Marluiz: Calçada da Picheleira, 140, B-C, T. 880703; Prazeres - União: R. Saraiva de Crvalho, 145-F, T. 663643; Rego - Prates & Mota: R. da Beneficência, 91, T. 773728; Saldanha - Avenidas: Av. da República, 27-A, T. 533688; Vale Santo António - Santo António: R. Leite Vasconcelos, 72-C, T. 862333; Buraca - Amadora - Vaz Martins: Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36 B, T. 970660; Olival Basto - Nova: Rua Açores, 11-A, T. 9810305.

LINHA DE CASCAIS

Algés - Miraflores: R. Dr. Antº Granjo, 2, T. 4101161. Permanente; Linda-a-Velha - Melo Almeida: R. D. Diogo Couto, Lª 182, T. 4191697. Permanente; Tires - Guimaraes: L. Duarte, Lª A-r/c, T. 2441616. Até às 22 horas; Alcabideche - Carvalho: Bº P.

Correia, 4, T. 2690363. Até às 22 horas; Porto Slavo - Ferreira Bastos: R. D. Firmino Rebelo, T. 2421015. Até às 22 horas; Carcavelos - Vilar: Av. Maria Conceição, Lote B, T. 2470777. Permanente; S. Domingos de Rana - Godinho Silveira: R. A. Albuquerque, Lª B-Loja - 2, T. 2470361. Até às 22 horas; Malveira da Serra - Luz: Est. Nacional, T. 2850635. Até às 22 horas; Paço de Arcos - Pargana: Av. Engº Bonneville Franco, T. 4435147. Até às 22 horas; Oeiras - Ribeiro: R. Dr. Flávio Resende - Quinta do Marquês, T. 4466066. Permanente; Parede - Macau: R. J. Elias Garcia, 42, T. 2471785. Permanente; S. João do Estoril - S. João: Quinta da Carreira, 29-A, T. 2681186. Até às 22 horas; Sassoeiros - Amaral: Quinta das Encostas, T. 2461312. Até às 22 horas; Birre - Imani: Lote 7 B - Hera, T. 2852121; Madorna - Madeira: Rua A, T. 2476326. Até às 22 horas; Amoreira - Abrantes: Vivª Mª Carlos Anjos, T. 2682313. Até às 22 horas; Cascais - Nova: Estrada Alvide - Fontainhas, T. 281044. Permanente.

LINHA DE SINTRA

Amadora - Campos: R. Elias Garcia, 185, T. 4930072. Permanente; Amadora: P. 25 Abril, 3-A, T. 4935518. Até às

22 horas; Damaia - Damaia: P. Alex Gusmão, 9-A, T. 970523. Até às 22 horas; Queluz - Correia: L. Mercado, 3, T. 4350905. Permanente; Albergaria: L. Prof. Dr. Jorge Mineiro, 42, T. 4356487. Até às 22 horas; Cacém - Rico: L. Adriano S. Gil - Aqualva, T. 4312833. Permanente; Algueirão - Vitor Manuel: Est. Algueirão, 123, T. 9217814. Até às 22 horas; Mercês - Claro Russo: R. Abade Faria, 2-A, T. 9215275. Até às 22 horas; Rio de Mouro - Riomouro: Av. Oscar Monteiro Torres, 6, T. 2960194. Até às 22 horas; Sintra - Simões: R. Heliodoro Salgado, 26, T. 9230832. Permanente; Colares - Abreja: T. 9290088; Loures - Sálvia: Av. República, 29, T. 9831240. Até às 22 horas.

OUTRA BANDA

Almada - Silva Junior: Av. 25 Abril, 9, T. 2768030. Permanente; Cova da Piedade - Atlântico: Av. Rainha D. Leonor, 45-A, T. 2764466. Permanente; Monte de Caparica - Guerreiro: Lote 31-IJ. Moinho, T. 29507727. Até às 19 horas; Costa da Caparica - Higienica: Av. República, 23, T. 2900020. Até às 19 horas; Laranjeiro - Almeida Araújo: R. D. Duarte, 7-B, T. 2532324. Até às 22 horas; Sesimbra - Lopes: R. Cândido Reis, 21, T. 2233028. Até às 19 horas; Lavradio - Parreira: R. D. S. Cristino, 15-A, T. 2042016. Até às 19 horas; Barreiro - Avenida: Av. Alfredo Silva, 88, T. 2073212. Permanente; Baixa da Banheira - Cardoso: R. da Liberdade, 59, T. 2041044. Até às 19 horas; Corroios - A. Cardoso: Bª Cidade Setúbal, 1-B, T. 2536172. Até às 19 horas.

HÁ 20 ANOS



4600 mulheres à procura de uma letra

Funcionários sem letras na escola do funcionalismo público, as auxiliares de limpeza das escolas primárias, com o vencimento de 1200\$00 mensais, situam-se à margem de um diploma que estabelece o mínimo de 1900\$00 na retribuição dos servidores de Estado. Contratadas, com diplomas de funções públicas, e beneficiando de todas as regalias do funcionalismo, devido ao hibridismo da sua situação podem, segundo alguns, ser ou não consideradas funcionárias públicas. Elas afirmam sê-lo e «e não exigem, mas gostariam» de ter letra, por uma questão de estabilidade, e para beneficiar do mínimo legal estabelecido. São 4600 mulheres à procura de uma letra.

O Governo de Pequim contra o Plano Rogers

«O Governo e o povo da China denunciam firmemente a fraude política das supostas "superpotências" para conseguirem uma regularização pacífica no Médio Oriente» - declarou ontem à noite Tung Pi-Wu, vice-presidente da República Popular da China, num banquete oferecido em honra de Salem Ravie Ali, presidente do Iémen do Sul.

Reunião do «Gahal»

O partido nacionalista das direitas, «Gahal», reúne-se hoje à noite, em sessão na cidade de Tel Aviv, para decidir se abandonará o Governode coligação por causa da aceitação por Israel do plano de paz americano.

EFEMÉRIDES

1959

• Na Guiné, as autoridades coloniais portuguesas ordenam a repressão sobre os trabalhadores do porto de Bissau, que se encontravam em greve, facto que ficou conhecido como o «Massacre do Pidjiguit».

1966

• O Níger ascende à independência.

1975

• A Frente Nacional Unida, das ilhas Comores, derruba o Governo.

1983

• As famílias dos cinco arménios mortos no dia 27 de Julho, em Lisboa, durante o ataque à embaixada turca, anunciam que vão reclamar os corpos.

• O observatório militar sueco de Hagfors revela que, até 31 de Julho, registou, durante o ano, 25 explosões atómicas subterrâneas, levadas a cabo pela União Soviética (13), Estados Unidos (7), França (4) e Grã-Bretanha (1).

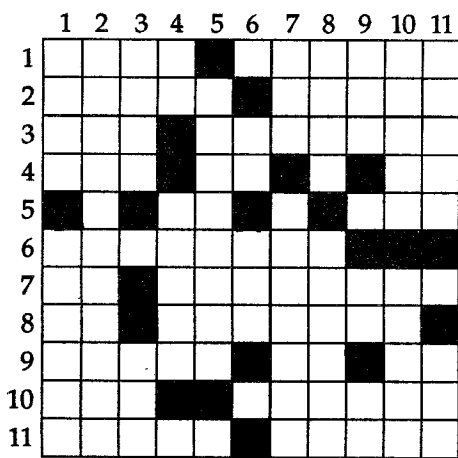
1984

• Trinta e duas pessoas morrem e 23 ficam feridas devido à explosão de uma bomba escondida numa mala no aeroporto de Madrastra, Índia.

1988

• O alemão-federal Mathias Rust, 19 anos, condenado a quatro anos de prisão pelas autoridades soviéticas após ter violado o espaço aéreo da URSS aterrando na Praça Vermelha em Moscovo, é libertado e expulso da União Soviética.

PALAVRAS CRUZADAS



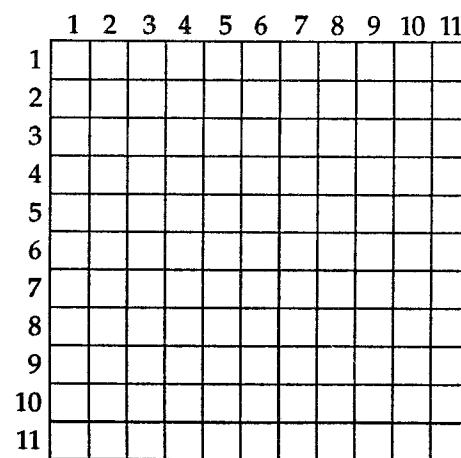
PROBLEMA N.º 17974

HORIZONTAIS:

- 1 - Pronome indefinido. Inteligência (fig.).
- 2 - Tribo de Negros da Costa do Marfim. Observar.
- 3 - Mágica. Organiza.
- 4 - Arara. Neon (s.q.).
- 5 - Prasiódimo (s.q.).
- 6 - Atômico. Artilharia antiaérea.
- 7 - Sufixo que designa estado. Cobriram de natas.
- 8 - Pronome pessoal. Despertam.
- 9 - Sacrificia. Nesse lugar. Cidade da China.
- 10 - Aflição. Escavadas.
- 11 - Guarnecera de asas. Agarrara.

VERTICAIS:

- 1 - Pronome indefinido. Refeição.
- 2 - Encostaremos a.
- 3 - Oferecera. Agora.
- 4 - Vinho francês espumoso do Marna. Praia.
- 5 - Acórdão.
- 6 - Vã. Tanto.
- 7 - Costa. O mesmo que matrícula.
- 8 - Senhora ou princesa muçulmana, no Oriente. Saudáveis.
- 9 - Herdade delimitada por marcos. Rádio (s.q.). Zomba.
- 10 - Nome de peixe. Causar amuo a.
- 11 - Ave trepadora. Emprega.



PROBLEMA N.º 16784

HORIZONTAIS:

- 1 - Ave semelhante à andorinha, também chamada pedreiro. Lodo.
- 2 - A parte mais elevada das cidades gregas que servia de cidadela. Antes do meio dia.
- 3 - Nome de planeta.
- 4 - Freguesia do concelho da Covilhã.
- 5 - Cidade da Holanda. Erva-doce.
- 6 - Clima. Nome com que os africanos designavam o português.
- 7 - Concede. Ribeira de Portugal. Agarrar.
- 8 - Osmio (s.q.). Colorido de estilo (fig.). Autores.
- 9 - Peixe do género siluro.
- 10 - Por baixo de. Nota musical (inv). Vinho fraco.
- 11 - Ouro (s.q.). Empregues. Lírio.

VERTICAIS:

- 1 - Garboso. Apelido.
- 2 - Recuar. Tostou.
- 3 - Indignai.
- 4 - Verso (abrev). Alucinação auditiva, fenómeno de acústica pelo qual se tem a impressão de ouvir vozes humanas e ruídos.
- 5 - Rio do estado de Mato Grosso. Terreno coberto de vegetação no meio de um deserto.
- 6 - O sono das crianças. Perda da propriedade erétil dos órgãos.
- 7 - Conto. Item.
- 8 - Lábria. Golfo formado pelo mar Negro, entre a Ucrânia e a Rússia meridional.
- 9 - Burros. Alumínio (s.q.).
- 10 - Madeira (abrev). Cidade da Índia. Letra grega.
- 11 - Gosta muito de. Deras ouro a.

SOLUÇÃO N.º 17973

HORIZONTAIS: 1 - BURRO QUE. 2 - Ova. CC. Mace. - Ea. Aias. Am. 4 - Atormente. 5 - Hona. Caá. 6 - Eca. Samarra. 7 - Arrã. Arã. 8. Quinta. Ta! 9 - Ume. Aar. Dor. 10 - Moia. Oirara. 11 - Elara. Zarão.

VERTICAIS: 1 - Boelhe. GEME. 2 - Uva. Oca. Mol. 3 - Ra. Anarquia. 4 - Ata. Ru. Ar. 5 - Ócio. Saia. 6 - CARGA. NÃO. 7 - Sm. Matriz. 8 - Um. Ecarã. Rã. 9 - Ea. Nara. Dar. 10 - Catar. Tora. 11 - TEME. Amarão.

SOLUÇÃO N.º 16783

HORIZONTAIS: 1 - AC. Cantes. 2 - Caiana. Au. 3 - Mi. Vacina. 4 - Ornaremos. 5 - Ni. Res. Mira. 6 - Pi. Rasam. 7 - Calma. El. Sô. 8 - Re. Hios. 9 - Cãs. Arrã. 10 - Hetera. Are. 11 - Oraram. Suar.

VERTICAIS: 1 - Acmon. Cacho. 2 - Cairina. Aer. 3 - Lista. 4 - Camarim. ER. 5 - An. Reparara. 6 - Naves. Eram. 7 - Am. Ré. 8 - Escomalha. 9 - Isis. Au. 10 - An. Rasoira. 11 - Suávamos. Er.

PROVÉRBIO:
BURRO QUE GEME,
CARGA NÃO
TEME.

Resolveu completamente este problema?
Procure, agora em segundo passatempo,
o provérbio nele inscrito.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
DESAFIO TOTAL
Filme de Paul Verhoeven
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

NA CORDA BAMBA
Filme de John Bradham
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

TRIUNFO DO ESPÍRITO
Filme de Robert M. Young
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

OLHA QUEM FALA
Filme de Almy Heckerling
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

NINGUÉM É SANTO
Filme de Neil Jordan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho
T. 806496
JOE CONTRA O VULCÃO
Filme de John Patrick
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

O TRIUNFO DO ESPÍRITO
Filme de Robert M. Young
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 4

JOE CONTRA O VULCÃO
M/12 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 19.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 5

HENRIQUE V
Filme de Kenneth Branagh
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 6

NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 7

FOGO MALDITO II
Filme de Tony Randel
M/18 anos - Às 13.45, 15.45,
17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

CENAS DE LUTA DE CLASSES EM BEVERLY HILLS
Filme de Paul Bartel
M/16 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

ATA-ME
Filme de Pedro Almodovar
M/16 anos - Às 13.30, 15.30,
17.30, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10

ORQUÍDEA SELVAGEM
Filme de Valman King
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
SONHOS DE AKIRA KUROSAWA
Filme de Akira Kurosawa
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tamar, 10 - T. 776098
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 15.15, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
LOUCAS ORGIAS
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 15.00, 17.00,
19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMOES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
PAZES ORIENTAIS
Filme de Kristina Barrington
M/18 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253
DURO DE ROER
Filme de Steven Seagal
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30
TORNADO
M/16 anos - Às 24.00

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
ARMADILHA SENTIMENTAL
M/16 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

A TURMA DOS REPETENTES
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
DESEJO INCONTROLÁVEL
Hard-core - 1.º escalão (porno)
M/18 anos - Às 12.30, 14.30,
16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
(Encerrado para férias até dia 3 de Setembro)

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DESAFIO TOTAL
Filme de Richard Marguana
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
ALWAYS - SEMPRE
Filme de Steven Spielberg
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
(Encerrado temporariamente)

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 503 - T. 7145088
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.15 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

JULES E JIM
Filme de François Truffaut
M/16 anos - Às 14.00, 16.00,
18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

TEMPO DOS CIGANOS
Filme de Emir Kusturica
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.15 e 21.45

IMPÉRIO

Al. D. Afonso Henriques - T. 3525133
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
(Encerrado temporariamente)

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
FÚRIA SILENCIOSA
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

CANHÕES PERDIDOS
M/12 anos - Às 14.30, 17.00,
19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162



«Sempre», a mais recente longa-metragem de Steven Spielberg, em exibição actualmente em Lisboa

DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
ATA-ME
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.45,
19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
JOE CONTRA O VULCÃO
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
FÚRIA SILENCIOSA
M/18 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.30
VINGANÇA IV
Sábado às 24.00

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309
ESCÂNDALO SEXUAL
Filme porno
M/18 anos
Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
ORQUÍDEA SELVAGEM
M/16 anos - Às 13.45, 16.15,
18.45 e 21.15 e 23.45

PLAZA 2

DESAFIO TOTAL
M/12 - Às 14.15, 16.45,
19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.º Antão - T. 326305
VENTOS DE MUDANÇA
Filme de Terence Ryan
M/12 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
AS MINHAS NOITES SÃO MAIS BELAS QUE AS VOSSAS
Filme de Andrej Zulawski
M/16 anos - Às 14.15, 16.30,
19.00, 21.45 e 24.00

QUARTETO 2

ATA-ME
M/16 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.15, 22.00 e 24.00

QUARTETO 3

AS AVENTURAS DE BERNARDO E BIANCA
Filme de Walt Disney

(Falado em português)
M/6 anos - Às 15.00, 17.00 e 19.00
COOKIE
M/12 - Às 21.45 e 24.00

QUARTETO 4

CORAÇÕES SOLITÁRIOS
Filme de Paul Cox
M/12 anos - Às 14.15, 16.15,
18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

SÃO JORGE 2

OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 14.15, 16.30,
19.15 e 21.45

SÃO JORGE 3

O TRIUNFO DO ESPÍRITO
M/12 anos - Às 14.30, 16.45,
19.00 e 21.15

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
JOE CONTRA O VULCÃO
M/12 anos - Às 14.45, 17.00,
19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 13.00, 15.00,
17.00, 19.00 e 21.30
MORTO OU VIVO
Sábado às 23.45

TURIM

Est. de Benfica, 723-A - T. 706666
VALMONT
Filme de Milos Forman
M/16 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
(Encerrado para férias)

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Telef. 2752127
VALMONT
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA

DE CAPARICA
CAPARICA OCEANO

Av. Gen. Humberto Delgado - T. 2905011
Sala 1
ADEUS AO REI
M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
COOKIE
M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 15.30 e 21.30
LOUCURA DO SURF
Hoje e amanhã às 24.00

CASCAIS

MIRAMAR

Sala 1
Telef. 2841769
DESAFIO TOTAL
M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
ASTÉRIX E A SURPRESA DE CÉSAR
Para todos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS

Telef. 2479144
Sala 1
ATA-ME
M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 15.30 e 21.45

OEIRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
NA CORDA BAMBA
M/12 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
HENRIQUE V
M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia - T. 4934871
DESAFIO TOTAL
M/16 anos - Às 14.00, 16.30,
19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9147570
EXPRESSO DE CASA BRANCA
M/12 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845
Sala 1
OLHA QUEM FALA
M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
O JOVEM EINSTEIN
M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
CANHÕES PERDIDOS
M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATRO

LISBOA

ABC

Parque Mayer - T. 3466783
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45
Dom. e feriados às 16.00
AI CAVAQUINHO

CONVENTO DO BEATO

Fábrica Nacional
Estrela às 22.00
BICHOS
De Miguel Torga, pelo Grupo de Teatro «O Bando»

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740
De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA VITÓRIA!
De Henrique Santana, Francisco Nicholson,
Augusto Fraga, Nuno Nazareth
Fernandes
e Fernando Ribeiro.

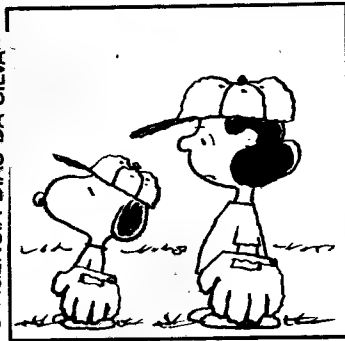
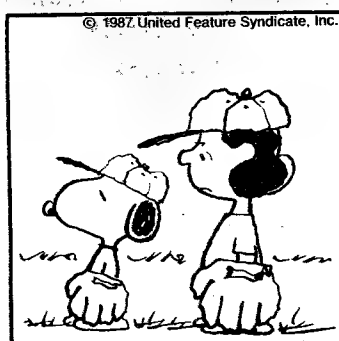
RITZ CLUBE

R. da Glória - T. 325140
Sexta e Sáb. às 22.00
O REGRESSO DE BUCHA E ESTICA
Encenação de Mário Viegas

ALGÉS

PRIMEIRO ACTO

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE

RTP-1

- 15.50 - OS AMORES DE NAPOLEÃO E JOSEFINA
5º Episódio
- 16.35 - O MUNDO ANIMAL
26º Episódio
- 17.00 - BRINCA BRINCANDO
Com «O Gato das Botas»
- 18.35 - OS MARRETINHAS
- 19.00 - ESPECIAL VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA
5ª Etapa Sintra/Caldas da Rainha
- 19.35 - JOGO DE CARTAS
- 20.00 - TELEJORNAL
- 20.30 - BOLSA DIA A DIA
- 20.35 - O TEMPO
- 20.40 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.45 - RODA DE FOGO
30º Episódio
- 21.35 - Wolf
4º Episódio: como favor a Dylan, Tony aceita a missão de procurar a mulher do seu cliente milionário, Nelson Constock, convencido de que este quer uma hipótese para resolver os seus problemas com ela. Porém depressa verifica que isso não passa de mais um truque para o plano de vingança de Constock.
- 22.35 - A MAGIA DE PAUL DANIELS
- 23.25 - CHEFE, MAS POUCO...
- 23.50 - 24 HORAS
- 00.25 - REMATE
- 00.40 - PELA NOITE DENTRO
«A Bala Traiçoeira»:
Um telefilme produzido em 1979 (E.U.A.) que volta a lidar com os fantasmas do Vietnam, o maior trauma da sociedade americana neste século. Premiado nos Emmy, os Oscars da televisão nos Estados Unidos, e com mais de duas horas de duração conta com um elenco de grandes intérpretes onde se destacam Ned Beatty, Carol Burnett e Sam Waterston.
Realização: David Greene
Duração: 145 minutos



Amanhã às 13.10 no 1º canal, «Festival de Música de Moscovo»

RTP-2

- 15.10 - AGORA ESCOLHA
Bloco A: «Miss Marple»
Bloco B: «Quando as Mulheres Triunfam»
- 16.30 - Heróis
12º Episódio
- 17.00 - JOGOS DA AMIZADE/1990
- 18.30 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA
162º Episódio
- 19.10 - ESPAÇO INFANTIL
Com «Paulus o Duende»
«Bia a Pequena Feiticeira»
- 19.55 - VIA RÁPIDA
- 20.05 - AS CIDADES E AS TERRAS
- 20.35 - BUCHA E ESTICA
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - DONA BEIJA
Último episódio
- 22.40 - Rotações
O programa de hoje inclui resumos do Grande Prémio da Alemanha de Fórmula 1 e do Rally da Argentina. O circuito Nacional de Velocidade de Vila do Conde será outro dos pontos abordados, juntamente com notícias sobre



No 2º canal às 21.30, último episódio de «Dona Beija»

o Rally da Madeira a contar para o Campeonato da Europa.
23.40 - Haja Música

AMANHÃ

RTP-1

- 09.01 - TV RURAL
- 09.25 - ESPAÇO INFANTIL / JUVENIL
- 13.00 - NOTÍCIAS
- 13.10 - FESTIVAL DE MÚSICA DE MOSCOVO
- 14.05 - OS ESPECTACULARES RECORDES DO GUINNESS
- 14.25 - O BARCO DO AMOR
- 15.20 - VIVAMÚSICA
- 16.10 - DESENHOS ANIMADOS
- 16.20 - SESSÃO DA TARDE
«Três Homens a Abater»
- 17.55 - OURO NEGRO
- 18.50 - NEM O PAI MORRE...
- 19.15 - ESPECIAL VOLTA A PORTUGAL EM BICICLETA
- 19.45 - TOTOLOTO
- 20.00 - JORNAL DE SÁBADO
- 21.15 - O TEMPO
- 21.10 - BOLETIM DAS PESCAS
- 21.30 - CAMPION
- 22.35 - THE MAGIC OF MUSIC
- 23.40 - CINEMA DA MEIA-NOITE
«Estado de Guerra»

PARABÓLICAS ALBA

- Antena de 90 cm Off-Sat equivalente às tradicionais de 110 cm.
- LNB com polarizador incorporado.
- Receptor estereofónico com 16 canais memorizáveis.
- Telecomando infravermelhos com todas as funções.

Poder de captação:

- Actual: 8 canais
- A partir do final do ano: 24.

Mais os canais do Eutelsat II a ser lançado

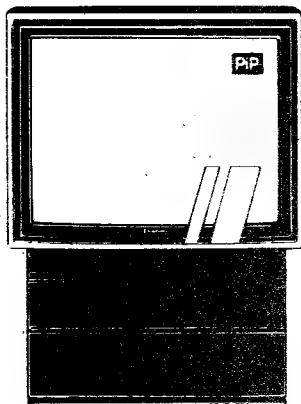
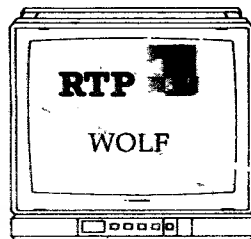
AUDIMAX T. 4106275 Algés

RTP-2

- 09.02 - DESENHOS ANIMADOS
- 09.30 - HERANÇA DE DIGNIDADES
- 10.20 - CAMINHOS
- 10.40 - ZONA JAZZ
- 11.40 - UM LAR PARA OS ANIMAIS
- 12.25 - A ARTE NO MUNDO DAS TREVAS
- 12.55 - TAUROMAQUIA
- 13.20 - CINE-SÁBADO
«Amor Selvagem»
- 15.00 - ESTÁDIO
- 19.00 - PRIMEIRO JORNAL
- 19.15 - CANÇÃO DE COIMBRANOS 80
- 19.45 - BOA ESPERANÇA
- 21.25 - S. REMO EM LIBERDADE
- 22.20 - MEU PÉ DE LARANJA LIMA

BLAUPUNKT

Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

OLIVEIRA & LEAL, Lda

Móveis • Estofos • Decorações

(CASA FUNDADA EM 1945)

- Móveis de quarto e sala em todos os estilos — Móveis estilo inglês — Móveis TV video.
- Jogos de mapas em pele, globos, veludo.
- Arcas, camas de ferro, colchoaria.
- Mobília em nogueira, incluindo camiseiros. Escrivanhas, mesas holandesas, etc.
- Mobiliário em pinho — sommiers.
- Móveis em todos os estilos por desenho e por medida.

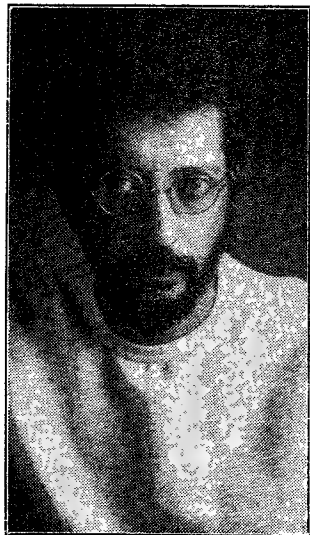
Entregas em qualquer ponto do país
Rua da Rosa (Bairro Alto), 73-81 — 158-160
Tel. 321872 (200 m2 exposição)



«As vítimas, ainda que menos directas, desse flagelo que é a corrupção, somos todos nós»

João Rosa, «Tempo», 02.08.90

A PERGUNTA DO DIA



Jullão Sarmento
artista plástico

Quais as exposições que está a preparar neste momento?

«Actualmente, encontro-me muito ocupado a trabalhar para a minha próxima exposição individual, que se realizará em Outubro, na Galeria Pedro Oliveira, do Porto. Em seguida, partirei para Los Angeles onde, em Dezembro, vou inaugurar uma instalação na L.A. Louver Gallery. A minha primeira exposição do próximo ano será em Paris, na Galerie Montanay e, em Maio de 1991, partirei para Nova Iorque para expor no Louver Gallery. Em Setembro do próximo ano, vou participar numa instalação no âmbito da Europália, organizada por Jan Hoet, em Gents e terei uma exposição na Galerie Xavier Hufkens, em Bruxelas. Antes de regressar a Portugal, mais propriamente à Fundação de Serralves, em Março de 1992, tenho ainda mais duas exposições individuais, uma no novo Museu de Arte Moderna de Roterdão e na Galleria Marilena Bonomo, em Bari.»

Segunda-feira no

Diário de Lisboa

Hiroxima:
a nossa memória
de sobreviventes
45 anos depois

Volta a Portugal
na hora
da montanha

«A má síndrome
dos militares»
por Alfredo
Margarido

«Quem defende
o doente?»
por Teresa
Bernardino

O D L S U G E R E

a Mota Amaral

Aproveite a companhia de Roberto Carneiro e Valente de Oliveira, e vá também escalar o PICO, este fim-de-semana. Embora os dois ministros se encontrem nos Açores em gozo de férias, ninguém acredita que não aproveitem a escalada, realizada a convite do ministro da República, para fazer descer a tensão entre os dois governos. Além de ser uma boa oportunidade para se descontraírem e libertar do stress, poderá tentar convencer o seu conterrâneo Roberto Carneiro a interceder por si junto de Cavaco Silva.



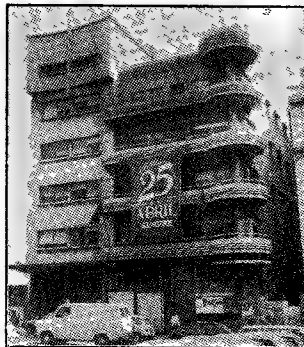
Os Intocáveis

a Pedro Marçal

Veja o filme «OS INTOCÁVEIS», protagonizado por Kevin Costner e Sean Connery. A película conta a história de um grupo de polícias envolvido numa luta sem tréguas contra os gangsters. Agora que assumiu a presidência da Alta Autoridade para a Comunicação Social, vai certamente precisar de ser intocável e de convencer os seus parceiros a deixarem de lado as ideologias para poder fazer aquilo que ninguém espera deste organismo, ou seja, um trabalho isento.

a Jorge Lemos

Não perca o JANTAR-CONVÍVIO que se realiza esta noite no terraço do Centro de Trabalho do Hotel Vitória e no qual vai estar presente o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal. Uma vez que a direcção do seu partido decidiu adiar, uma vez mais, a sua reintegração no Grupo Parlamentar Comunista, poderá aproveitar o ambiente de festa para conversar com Cunhal e tentar saber, afinal, qual vai ser o seu futuro. Se as notícias não forem do seu agrado, recolherá, pelo menos, elementos para delinear a sua estratégia de actuação.



BREVE HISTÓRIA DIPLOMÁTICA de PORTUGAL



a António Martins da Cruz

Leia BREVE HISTÓRIA DIPLOMÁTICA DE PORTUGAL, de José Calvet de Magalhães. Já que ocupa o cargo de assessor diplomático do primeiro-ministro, deve manter-se bem informado sobre tudo o que é publicado sobre a matéria. Este livro, cujo autor dá, à partida, garantias de idoneidade e de conhecimento do assunto, poderá ser bastante útil para melhor cumprir a sua missão. Além do mais, é sempre muito interessante, e até divertido, ler obras sobre a nossa História.

VAI ACONTECER

Festa em Peniche

Inicia-se em Peniche, no próximo domingo, mais uma festa da Nossa Senhora da Boa Viagem, dedicada aos pescadores, aos portugueses residentes em todo o mundo e aos países lusófonos. A festa, que se prolongará até ao dia 7, terça-feira, tem o seu ponto alto na noite de sábado, com a procissão no mar. Uma prova de canoagem, uma procissão em terra, um espectáculo de variedades, fados, arraiais e sessões de fogo de artifício, entre outras coisas, completam o programa.

«Só Nós Três» em Cannes

O espectáculo «Só Nós Três», constituído por Fernando Tordo, Paulo de Carvalho e Carlos Mendes, vai representar Portugal em Cannes, no âmbito do festival «Concerto para a Europa», que se inicia na próxima terça-feira. Esta iniciativa, que decorrerá durante cinco dias, pretende assumir-se como o

equivalente musical ao festival cinematográfico que anualmente tem lugar naquela cidade francesa. Demis Roussos, pela Grécia, Paolo Conté, pela Itália, Alain Bashung, pela França e Candy Dulfer, pela Holanda, serão alguns dos artistas presentes. Os espectáculos vão ser transmitidos, via satélite, para todo o mundo.

Sobredotados em seminário

Vai ter lugar, entre os dias 8 e 10 de Agosto, o primeiro seminário internacional sobre «A importância social do atendimento aos sobredotados». O encontro, que se realiza no Centro de Estudos Judiciários, é organizado pelo Centro Português para a Criatividade, Inovação e Liderança e pela «Excepção», uma empresa de formação e marketing. O grande objectivo deste seminário consiste na sensibilização para a problemática dos sobredotados e sua importância no desenvolvimento dos recursos humanos.

C R O N I C A

Mundial de praia

O miúdo tem sete ou oito. Aos avós é difícil adivinhar a idade. Têm, sobretudo, aquela paciência infinita de quem tem tempo para o tempo, fazem as coisas, pequenas coisas, devagar. Estão nitidamente a banhos (serão meus vizinhos no toldo durante vários dias) e levaram o Filipe com eles, obviamente para aliviar a filha da canseira que sempre dá a energia dos oitos anos condenada a férias de três meses. O miúdo não pára quieto, como convém, aliás, à sua condição: quer ir ao banho vezes sem conta, vai e volta porque quer realmente ir sozinho, sem mão, sem cuidados mil, sem a presença vigilante de qualquer dos avós. Assim que os vê estendidos na toalha, ela com a «Holla», ele com um livro embrulhado em papel ordinário que o protege da areia, pede ora água, ora fruta, ora uma sandes. Estou cheio de pena destes avós.

O Filipe acalmou. Sentou-se ao lado do avô e começou a cantar o hino da Eurovisão. Tempo de calma, pensei eu. O avô, homem de experiência feito, e certamente já conhecedor do «filme», poisou o livro e dispôs-se a ouvir. Desenganei-me depressa. Depois do hino entraram, «em directo de Itália», os comentadores desportivos. Relatos de futebol. O Filipe é perito em relatos! Fez o Mundial todo numita manhã, os Camarões era a sua equipa favorita, para além de Portugal, claro, que também entrava neste Mundial, com Eusébio e tudo. Ao fim do primeiro jogo fui ao mar, passear pela areia molhada, e voltei lentamente, estava a final quase a terminar. Ai, o avô voltou a pegar no livro e disse: «Pelo que ouvi, os jogos pareceram-me bem bons. Mas, para a próxima, tens de pôr o televisor mais baixo.»

José Leite Pereira

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º Prémio
61 157

70 000 contos

2.º Prémio
67 307

10 000 contos

3.º Prémio
16 104

2 500 contos

«Sorte Grande»

70 000 Contos

Distribuídos Hoje

aos Balcões da

CASA DA SORTE

LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO

Lotaria do Verão, mergulhe na sorte e habilite-se aos 100 000 contos

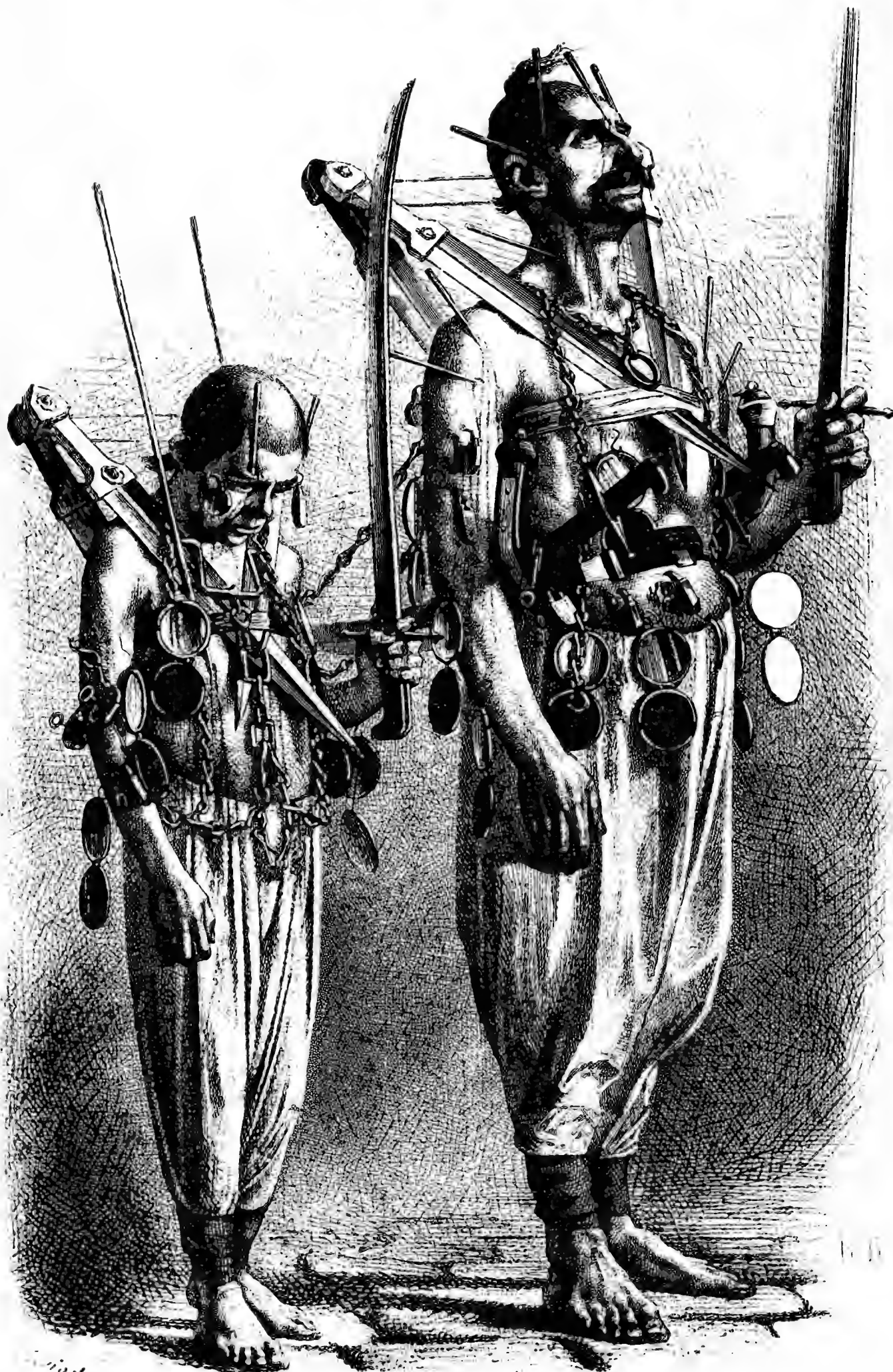
CASA VIOLA — A sorte que «Toca»

LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL

Correio: para apartado 2561 1114 Lisboa Codex

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
3 DE AGOSTO DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO.

A MOSCA



UM FEIXE DE «GAFFES»

Texto de
Roby Amorim

O INDESEJÁVEL WHISKY

De um casamento pretende-se que seja um acto de certa pompa e circunstância. Quando possível. Para aquele, presidido por uma espasmódica funcionária do Registo Civil, ela de pompa e circunstância de um exibicionismo tão exuberante que até a «Olá» era capaz de recusar publicar-lhe a imagem, para aquele, dizia, havíamos sido convidados, minha mulher e eu, por razões logísticas.

Mais minha mulher do que eu. o grave da questão é que a noiva tinha certas dificuldades em activar um penteado sedutor, sabia mal como combinar o vestuário, não acertava com o par de sapatos conveniente. Minha mulher sabia. Suspeito vivamente que por essa razão fomos convidados para padrinhos da cerimónia numa vivenda de subúrbios.

Lá se foi minha mulher com a noiva para os misteriosos limbos de onde as mulheres se transformam em deusas, pelo menos por uma noite. O noivo, esse, algures noutro canto da casa, lutava desesperadamente para ajustar a gravata a um colarinho rebelde de tão fresca que ainda estava a goma.

E eu sozinho com o resto da família que nunca tinha visto em dias de vida. Iniciamos uma prospecção sobre possíveis temas comuns: «tem chovido muito pouco, as colheitas vão perder-se», ou, possivelmente ao contrário - «nunca mais pára de chover, lá se vão as colheitas».



Ao centro da sala, uma mesinha com revistas ilustradas, uns jornais com datas já um tanto tardias. Num deles, as parangonas: «Detidos suspeitos por fabrico de whisky falsificado no Murtal», seguidas de um longo historial que, vagamente, recordava ter lido há umas semanas.

Fui voltando as insípidas páginas das revistecas, ora com vedetas de um cin-

ema de que nunca ouvira falar, ora na ânsia desmesurada de se transformarem num «Play-Boy» pobrezinho para os pobrezinhas portugueses.

Uma estante ao lado, a demonstrar leituras. Essencialmente das bem encadernadas, das que ficam no olho. Liam muitas coisas, averigui. Até tinham coragem para ler o Lobo Antunes.

Só aquele exasperante e inultrapassável silêncio destas circunstâncias imperava. Já tínhamos dito o que havia a dizer sobre o tempo. De que mais falar?

Alguém tentou quebrar o gelo:

«Toma qualquer coisa? Um uisquizado?»

E eu a responder, no mais monumental fracasso de toda a minha vida:

«Bebia-se, bebia-se... Claro, se não fosse do Murtal...»

Fez-se um silêncio gelado, hostil, os olhavam fitavam-me como pontas de navalhas ciganas. Parecia-me que alguém começava a soerguer-se para um justo castigo. Mas de quê? Porquê?

Foi a altura de chegar o noivo, a gravata ainda indecisamente colocada e de ser informado da brutal provocação que eu havia lançado à família dos subúrbios.

Pegou-me por um braço, levou-me até ao jardim e explicou: «Vê o que fizeste! Metade da família está no Limoeiro por andar a falsificar whisky!»

Nessa altura chegou a noiva. Estava quase bonita.



BOLETIM DE ASSINATURA

ASSINE O

Diário de Lisboa

NÃO PERCA NENHUMA EDIÇÃO!

Pretendo assinar a partir do dia ____ / ____ / ____ Pelo período de

☐ 1 ANO	18 000\$00
☐ 6 MESES	9 000\$00
☐ 3 MESES	4 500\$00
☐ 1 MÊS	1 500\$00

Nome _____

Morada _____

Código Postal _____

Junto envio: ☐ cheque ☐ vale do correio

• Números atrasados: 70\$00 cada • Mudança de endereço: 150\$00 • Por períodos mínimos de 6 meses poderá também assinar o «Diário de Lisboa» uma vez por semana, embora sempre a edição do mesmo dia da semana, sendo, para esse período, o preço de 1 850\$00 • Informação ao assinante: os preços acima indicados levam em conta que o jornal beneficia do porte pago postal no território nacional até 100 gramas; pelo que os encargos postais ali incluídos são apenas os do excesso de peso que todos os dias existe. Se por algum motivo este benefício for retirado, aqueles preços terão de ser imediatamente alterados em conformidade.

Enviar para: **DIÁRIO DE LISBOA — Assinaturas**
Rua Luz Soriano, 44 — 1200 LISBOA

O ANTI-CUPIDO

Tínhamos ficado no jornal até às tantas, eu e um amigo. Ao saírmos, ele desafiou-me a acompanhá-lo: tinha um encontro num bar com uma moça, mas dava para um copo e uns dedos de conversa, antes de irmos cada um para seu lado.

No bar, da rapariga, nada. Ele estranhou: acabara de falar com ela pelo telefone, e ela falara-lhe dali. Ao encomendar os whiskys, questionou o único empregado, que a casa era pequena, sobre se a vira: uma morena magra, de altura média, uns trinta anos, óculos... E, ou por modéstia em relação à própria conquista, ou por incapacidade para se alhear da regra profissional que nos impõe a isenção, completou o retrato com umas reticências de ordem estética:

«Assim para o feiozinho...»

O homem que não, que não dera por tal figura.

Ainda mal tínhamos tocado na bebida, aparece a retardatária -- que, diga-se a talhe de foice, se não era propriamente um palminho de cara, também não era nada que justificasse aquela severidade descritiva. Beijinhos, apresentação e mais beijinhos, e a explicação de que a ausência tinha sido apenas momentânea: naquele bar não havia cigarros da marca que ela gastava, de modo que saíra para os

comprar noutro lado.

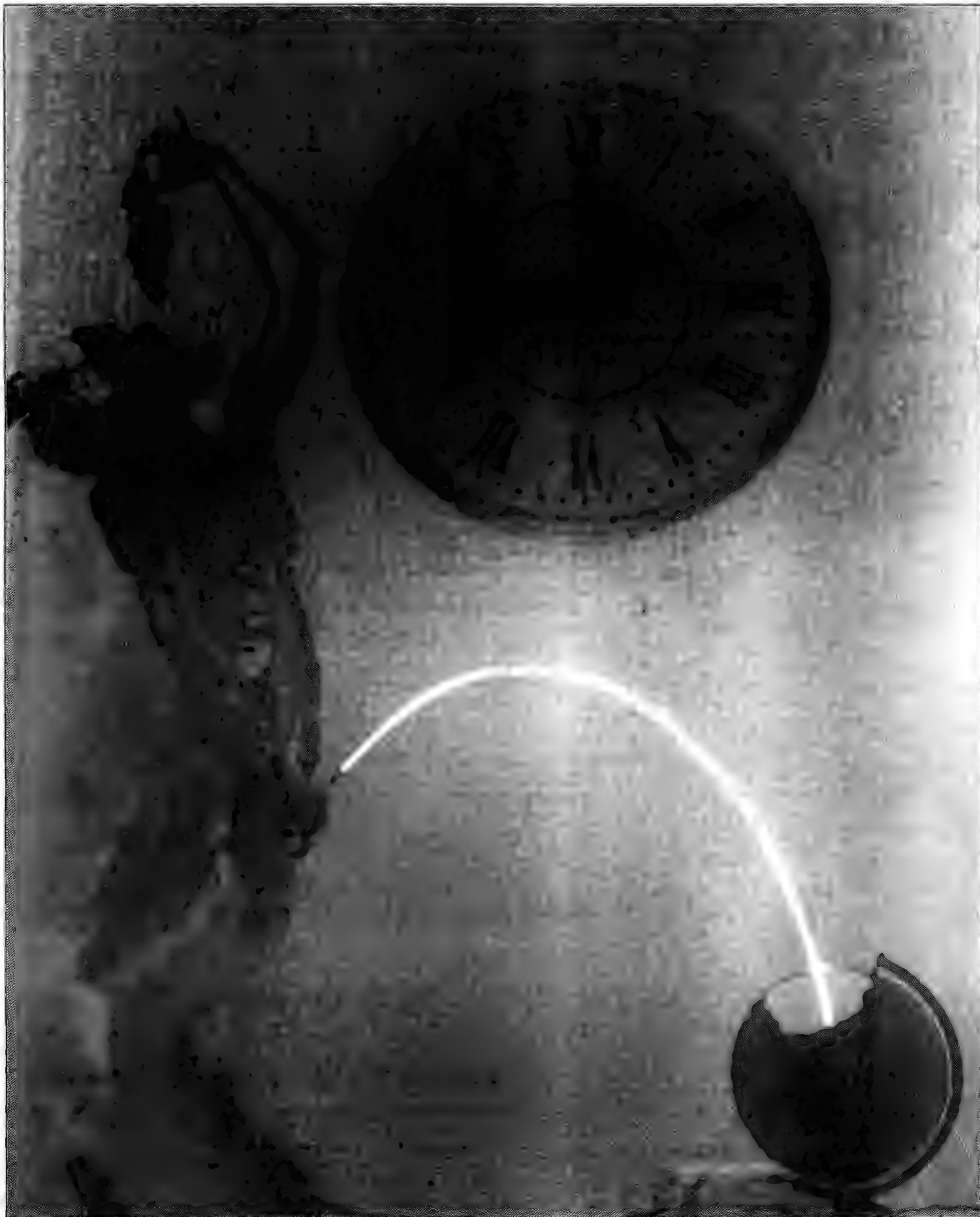
O empregado circulava por ali e o meu amigo não resistiu a fazer-lhe reparo da informação que nos dera.

«Afinal» -- observou-lhe -- «ela sempre tinha aqui estado».

O homem aproximou-se ainda mais, para melhor examinar o motivo da objecção aos seus dotes de fisionomista. E depois saiu-se com uma justificação de assinalável cavalheirismo:

«O senhor» -- argumentou, abrindo eloquentemente os braços -- «disse que a senhora era feia...»

A última imagem que conservo desse instante de alta voltagem dramática é a do meu amigo, fulminado no assento, com o bigode entumescido de espanto e fúria e os olhos esgaseados pousados no outro, enquanto certamente procedia à revisão íntima dos instrumentos mais eficazes para o cortar às postas. Foi nessa altura que resolvi ir ao sanitário, absolutamente à revelia das indicações



da bexiga, que só queria era estar sossegada. Mas a amizade é para as ocasiões, e o que aquela inequivocamente me impunha era que não testemunhasse o esforço patético do meu companheiro para recuperar os estilhaços em que se

desfizera a sua obra sedutória, perante o olhar de gelo da rapariga -- que eu próprio, sem culpa nenhuma, experimentei, quando pouco depois inventei uma desculpa qualquer para desandar dali para fora.

Texto de
Manuel Teixeira-Gomes

GENTE SINGULAR



Eu ouvia falar na intensa nostalgia do Minhoto sem nunca lhe dar o verdadeiro peso: agora é que eu percebia a sua irresistível obsessão e assim explicava o regresso definitivo a aldeolas infectas de «brasileiros» milionários a quem seria fácil fruir os regalos da mais requintada civilização nos centros cultos. A perspectiva de ficar anos seguidos nesse tórrido Algarve afligia-me como atrozíssima condenação e avolumando a desgraça, no deprimente pendor da tristeza, já entrevia a minha doce província como essas inacessíveis regiões de safira que as tempestades desvendam, entre horrores de nuvens caliginosas, pelo céu liberto.

Ao dia seguinte cessara o «levante» mas a minha melancolia, embora recalçada, persistiu. Na repartição receberam-me friamente e entre os meus camaradas não descortinei cara que me quadrasse.

O escrivão de Fazenda, o lírico das moiras, farejando talvez em mim um possível rival, mostrou-se-me ríspido e insolente, e, sem dúvida, instigado pelo meu perseguidor, aconselhou-me ironicamente a que sopeasse a veia satírica.

Resolvi evitar intimidades e ater-me ao isolamento próprio de quem, pobre e sem valimento, se encontra em terra hostil. Nessa disposição de espírito larguei a hospedaria e passei muitos meses, fugido a convivências e albergado, por preço módico, em casa de um guarda da alfândega, reformado, que cozinhava menos mal grande variedade de mariscos por ele mesmo apanhados na vasta ria de Faro. Acompanhei-o à pesca, a princípio por mera distração e depois com íntimo gosto, afeiçoando-me, por fim, de tal modo àquela arte que nunca mais a esqueci nem lhe descontinuei a prática.

De resto eu sempre adorara o mar junto ao qual a minha melancolia habitualmente me levava, quedando-me horas esquecidas, horas de perfeito enlevo, a contemplá-lo, sobretudo quando ao cair da tarde, nos dias ventosos, as gaivotas, descrevendo círculos por cima das ondas empoladas, soltam o seu grito sonoro, molhado e triste, tal uma nota de ocarina. Esse grito ecoava-me na alma e parecia interpretar-lhe as recônditas mágoas. Até me utilizei deste símile poético na composição duma elegia que remeti ao *Museu Literário* do Porto e ali foi publicada com o pseudónimo de Febo Garcês, valendo-me uma bem lisonjeira carta do seu director David de Castro, o grande poeta da *Fénix Renascida*. Mereceu também as honras da transcrição em vários jornais da capital.

No entanto eu trocara algumas, raras visitas com Monsenhor Simas, que à força de amabilidades conseguiu atenuar o meu justo ressentimento pela recepção que me dispensara. Mas apesar das suas instâncias, recusei, obstinadamente, aceitar-lhe os convites para jantar que

amiúde me fazia.

Uma vez, porém, consenti em o acompanhar à aldeia de São Brás, engodado pelos seus pomposos encarecimentos das ruínas do Milreu que lhe ficam no caminho e, ou fosse devido ao real encanto da paisagem ou ao maravilhoso dia que desfrutámos, um desses dias soalhados de Fevereiro mercê dos quais me reconciliara com o Algarve, o ponto é que voltei quase reconciliado também em Monsenhor Simas.

Bafejado fora eu de quantos dons as nove musas prodigalizam aos seus eleitos que não me abalançaria, de ânimo frio, ao descritivo dos sítios amenos que percorri: requisitava-se aqui a pena de um Frei Luís de Sousa. Mas sempre transcreverei, em resenha, o que a esse respeito contém o meu canhenho, julgando haver-me ultrapassado a mim mesmo e disposto a utilizar, mais tarde, essas modestas mas vibrantes notas para composição poética de fôlego. — Isto aqui à pureza, que nos não oiça o Dr. Ximenes.

Partimos de manhã cedo — já convenientemente alastrados com suculentas rodas de paio alentejano e uns copinhos da famosa medronheira serrana — e parámos em Estói, vila de bons prédios, arejada e álcara. Na companhia do pároco, visitámos, antes do almoço, as ruínas do palácio Carvalhal. Arquitectura D. João V. Situação admirável entre jardins e pomares meio abandonados, estendendo-se por largos tabuleiros ou terraços sobrepostos, com nobres escadarias, elegantes balaustradas e abrangendo miradoiros. Vastíssimo horrezo, abrangendo a costa por sobre uma infinita várzea toda coalhada em floridas amendoeiras onde predomina o vermelho e que parecem ampliar os jardins do palácio levando-os até ao mar longínquo e faiscante. Cinco ciprestes gigantescos, seculares, augustos, postos em fila, formam cortina e apresentam a secante necessária às mutações da perspectiva. Murmúrios de água correntes por entre vetustas laranjeiras, moitas de alecrim e goivos, maciço de buxo e canteiros de narcisos. — Almoçámos copiosamente. O vinho do pároco é leve e lembra-me o vinho verde maduro de Amarante: presto-lhe honras condignas, o que me predispõe excelentemente para escutar a lição de arqueologia que Monsenhor Simas, loquacíssimo, nos promete.

— Vamos ao Milreu: antigos banhos romanos, restos de um templo, troços de colunas monolíticas, panos de fino mosaico representando peixes inteiros em suas evoluções aquáticas. O grande nicho do templo, em forma de ábside, é todo construído de ladrilho. — Monsenhor Simas não acha o manuscrito que adrede prepara no remanso do seu gabinete de estudo e nós escapamos à perlanga. — Seguimos para São Brás por entre altíssimos e

íngremes cerros de barro claro, arborizados até ao cimo. Na proximidade de São Brás a vegetação vai mingando a transformar-se, até rarear, apenas indicada por uma ou outra definhada alfarrobeira que emerge entre cerrados rebanhos de pedras negras, naturais esculturas de porcos gordos focando na terra. — São Brás é uma pedreira brotando água — Ali fazemos uma leve refeição de carnes frias regadas por vinho licoroso e excelente, da fraqueza paroquial, e regressámos à tarde a Faro não sem parar uns instantes em Estói, onde nos aguardava grande profusão de doces finos e a genebra autêntica da Holanda — a genuína, a excelsa, a Folckink! — que o Algarve se encontra facilmente, mercê das relações seculares que aquela província mantém com os Países Baixos.

Foi, em suma, um dia cheio, durante o qual Monsenhor Simas deu provas de muita cordura, o que me animou a aceitar-lhe o jantar no próximo domingo, e neste jantar tão-pouco ocorreu coisa que lhe desabonasse a sensatez, salvo na persistente mania de presidir à refeição na tal «cadeira de menino» e de lhe enfiar incessantemente os polegares pelos buracos da tira de resguardo.

As manas ainda estavam amuadas por Monsenhor haver ido a São Brás sem as levar, mas trataram-me afavelmente — e ele, recordando o inocente passeio com o alvoroço de quem se refere a alguma excursão aventureira, repetiu várias vezes:

— Só uma coisa me faltava, a minha bela cadeirinha!

Um mês depois aceitei-lhe outro convite e dessa vez todos se portaram tão razoavelmente que eu decidi frequentar-lhe a casa com assiduidade. Para esta resolução concorreu muito — diga-se a verdade — a suculência e abundância dos pratos que vinham à mesa; eu sentia-me enfraquecido e quase nauseado com a alimentação de marisco a que o meu hospedeiro, o guarda da alfândega, me forçava, e o ordenado não dava para me refazer em pitéus terrestres. Acrescia ser a compostura de Monsenhor Simas e das suas manas tão completa que muitas vezes eu chegava a duvidar da realidade das estranhas cenas a que assistia e quando não duvidasse já as desculpas levando-as à conta «da natural confusão, etc.».

Coiei-me, pois, pouco a pouco à sua intimidade e Monsenhor mostrou-me a preciosíssima colecção de moedas e o álbum de estampilhas, franqueando-me ao mesmo tempo a sua biblioteca, herdada de um tio — naquela família tudo passava de tios a sobrinhos — muito rica em clássicos. Foi assim que se me depa-rou o venturoso ensejo de ler as *Florestas* do cristalino Bernardes, na edição deslândesiana.

Mas na minha frequência a casa de Monsenhor Simas fácil me foi verificar

que alguma coisa de insólito e anormal ali se tramava concentrando as atenções e energias dos quatro irmãos. A expressão dos seus rostos mudara; nos olhos reflectia-se-lhes não sei que desusado brilho e amiúde os via segredando misteriosa mente.

O que quer que fosse referia-se a obras que iam no quintal, onde nunca mais me levaram, e por meias palavras ou frases incompletas que involuntariamente soltavam: — «o que dirão?» — «a surpresa...» — «o momento?» — «adquiri a certeza de que estavam em via de construir alguma capela, não desejando dar publicidade ao caso senão depois de ela concluída e felicitei-me, ao ver o salutar derivativo a que tendiam agora as suas energias até ali dispersas e estereis.

Pelos meados de Agosto percebi que a obra se encaminhava ao seu termo, pela crescente excitação nervosa que notava tanto em Monsenhor como nas manas, e coligi das suas alusões, já insopeáveis, ao «Dilúvio», que não só era realmente capela mas que o retábulo consistiria nalgum painel representativo daquela



catástrofe bíblica.

Foi quando recebi notícias da queda do Ministério e logo, por meu tio e padrinho, aviso de que estava certa a minha transferência para Braga, como efectivamente veio sem demora publicada no *Diário do Governo*, decidindo-me a sair de Faro no último dia do mês.

A notícia da nossa imediata separação, que me apressei a comunicar a Monsenhor, na presença das irmãs, pareceu consterná-los. Monsenhor exclamou, erguendo-se na cadeira, com autoridade:

— Não pode ser... Não o consinto...

E as manas, em coro, reforçaram:

— Não consinta, mano...

— Mas, minhas senhoras — adverti —, isso não tem pés nem cabeça!...

— E a inauguração?... — ajuntou Monsenhor — tem que assistir à inauguração...

— Que inauguração? — perguntei, fazendo-me de novas.

— Chut... — fizeram as manas, pondo os dedos nos lábios, direito ao irmão.

— Sim, meu amigo — balbuciou Monsenhor —, no dia 29 temos festa em casa...

— Comemoramos a degolação de São João Baptista... — atalhou D. Sebastiana, com ar de sonsa.

— E o nosso amigo Pedro tem de assistir — disseram as outras duas manas.

— Mas há tempo para tudo, minhas senhoras. Isso é depois de amanhã e eu só no dia 31 é que me vou embora...

— Ah! ainda bem, ainda bem...

— Não faz ideia da pena que teríamos se não assistisse.

— Eu cá perdia o gosto à festa... — ponderaram por seu turno as três irmãs.

E eu agradei e fiquei de aparecer no dia 29 às 3 da tarde para a festa, que era no jardim, com numerosos convidados, entre os quais o Vigário Geral.

A sala de jantar e os quartos de Monsenhor e das manas davam para uma grande varanda, ladrilhada e fechada em alegretes que formavam parapeito, com

cisterna cujo gargalo octógono, de cantaria, marcava o centro de uma estrela desenhada por vasos de flores. Sobre varões de ferro, que se levantavam dos alegretes, armavam-se velhas parreiras, agora tupidas em fresca folhagem e sombreando completamente o vasto recinto a qualquer hora do dia.

A nascente, por cima de telhados baixos, descobria-se a ria, com um trecho da costa hortada, o areal doirado da ilha e o casario de Olhão. Para o norte ficava o quintal, verdadeira cerca nas dimensões e cultura, à qual se descia da varanda por uma elegante escada de cantaria em forma de concha.

Nesse quintal é que estava a colossal figueira lampa, de cujos apetecíveis frutos eu não lograra provar na noite da minha chegada, mas com os quais amiúde me repimpara doze meses depois graças à generosa amabilidade de Monsenhor. Havia ali, também, grande abundância de outras árvores de pomar: ameixeiras, damasqueiros e pessegueiros, além das leiras de hortaliça e muitas plantas decorativas como espadanas e sardineiras; de modo que pelo aprazível do sítio, durante o Verão, era na cerca e na varanda que principalmente estacionavam as manas de Monsenhor e foi na varanda que se colocaram as mesas para a refeição, a qual não era jantar, nem ceia, nem merenda, mas participava de todos esses repastos pela natureza dos pratos que a compunham.

Nesse dia o chefe da minha repartição, o lírico das moiras, sabendo que eu fora convidado por Monsenhor Simas — o que ele não conseguira —, entreteve-me quanto pôde obrigando-me a vários serviços de expediente sem urgência, de modo que já eram três e meia quando me apresentei na reunião.

Encontrei a varanda cheia de convidados distribuídos por cinco mesas postas à roda do gargalo da cisterna e respectivamente presididas pelo Vigário Geral — velhinho exangue a quem davam o

tratamento de Reverendo Padre —, por Monsenhor e por cada uma das manas.

Coube-me o lugar à mesa de D. Sebastiana, que naturalmente me repreendeu, embora sem acrimónia, pela minha demora e me levou à presença do Vigário Geral, a quem beije o anel, apresentando-me depois aos hóspedes que ela supunha não serem meus conhecidos.

Notei que os convivas estavam sentados de modo a não voltarem as costas ao gargalo da cisterna, fixando-me no qual observei que a armação da roldana fora coberta de verdura fazendo dossel a um altazinho iluminado a velas de cera onde estava o quer que fosse que a princípio me pareceu saladeira de tomates mas logo verifiquei ser uma grosseira escultura colorida representando em ponto pequeno a ensanguentada cabeça de São João Baptista dentro dum prato redondo.

— Nunca tinha visto aquela cabeça de São João Baptista — adverti a D. Sebastiana, ajuntando: — De forma que hoje é a sua inauguração?...

— Que inauguração é essa em que fala, sr. Carneiro! — atalhou D. Sebastiana muito secamente.

— Julgava...

— Pois julgava muito mal... Bem se vê que o senhor não dispensa nenhuma atenção às santas imagens, senão já teria reconhecido a cabeça de São João Baptista que temos no oratório...

— Que lindo oratório! — observou uma senhora, minha vizinha, pavorosamente gorda, vestida de sangue de boi e com peças de oito mil réis pendentes das pulseiras; e, levantando progressivamente a voz, continuou: — Que riqueza nesta casa! Portas escancaradas, guarda-camas de fustão, leitos sem cabeceira, Meninos Jesus espantados!...

E a conversação generalizou-se.

— Mas, D. Sebastiana — reincidi desconfiado — que singular maneira esta de comemorar uma degolação de santo!...

— Pois o senhor ignora que foi num

banquete que Herodíade pediu a seu padraсто a cabeça do grande Baptista?...

— A minha mãe foi criada com muito mimo — soltava a meu lado D. Joana, a senhora das peças, no mesmo progressivo tom de voz que terminava em verdadeiros gritos. — Era uma janota de Lagoa, saía sempre de capote de pano, que era o grande luxo das senhoras: as mais mulheres usavam capote de baetão... pois saía de capote de pano, com lenço de bobinete bordado e pente grande...

À mesa de D. Faustina, a imponente esposa do governador civil, com bandós e ar de daguerrótipo, o busto a três-quartos, perguntava-lhe:

— Mas ainda V. Ex.^{as} estão de luto? Julgava que já tinha passado um ano depois da morte de sua mãe...

— Com efeito — redarguiu D. Faustina — já passou um ano, mas lembrámo-nos que éramos muito pequeninas quando morreu o nosso pai e deitámos outra vez luto por ele...

— Ó D. Sebastiana — inquiri —, quem é aquele cavalheiro de suíças que está na mesa do sr. Vigário Geral?

— O espanhol?

— Sim... parece espanhol.

— Espere lá... É o comendador... comendador... lá me esqueci...

— Levantou-se e foi informar-se de Monsenhor.

— Toda a noite passeou — contava D. Joana, referindo-se a acontecimentos domésticos. — Toda a noite passeou da sala de visitas para a sala do chá e da sala do chá para a sala de visitas; ora para isto cachimbo de gesso!...

— É o comendador da Epidemia Colérica — segredava-me D. Sebastiana.

— Mas que ordem é essa?

D. Sebastiana levantou-se para interrogar novamente o irmão.

— Ó Sr. Carneiro — bradou-me D. Prudência —, o jornal de hoje traz a notícia de ter morrido em Afife a Rosa Morena; quem era a Rosa Morena?...

— Não sei, minha senhora.

— É uma ordem muito nobre — voltava D. Sebastiana —, a ordem da Epidemia Colérica fundada pela Rainha D. Isabel II. Só tem seis comendadores...

— O Lourenço Pires afinal não morreu — disse alguém à minha mesa.

— O quê! não morreu? — gritou a dama das peças — e eu que já o tinha gabado!...

— Isto de criadas não há meio de as aturar e ainda menos de as conservar — explicava D. Faustina à esposa do governador civil.

— Cá em casa há muito que adoptamos o sistema de pendurar à chaminé da cozinha um par de calças usadas, de meu irmão, mas elas vão-se embora da mesma forma...

— O comboio — narrava a minha vizinha — pôs-se a andar de mansinho e diz o doutor: este andamento já é um bom trote...

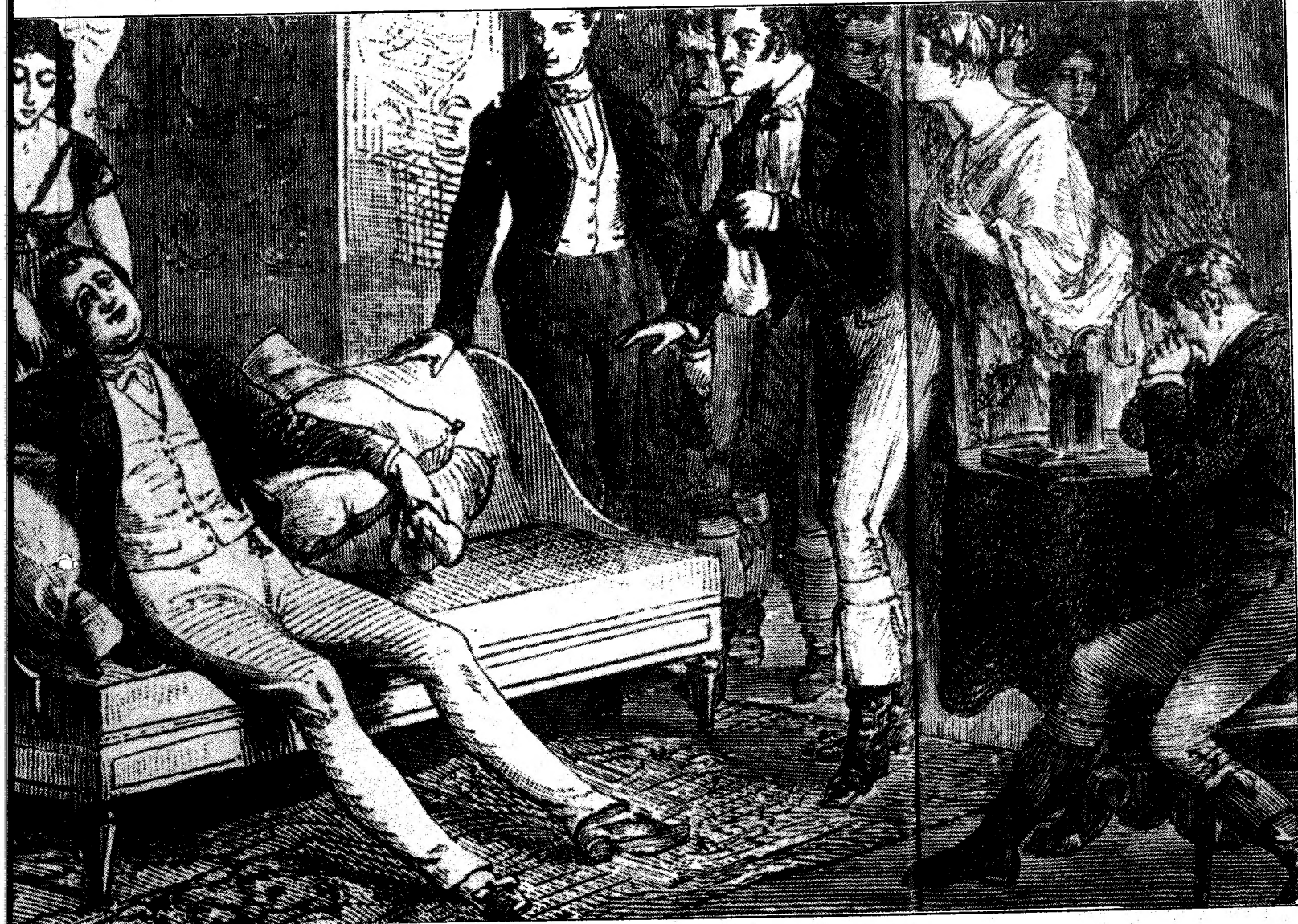
Estávamos à sobremesa e de repente D. Sebastiana, que parecia muito inquieta e não cessava de trocar com as irmãs olhares misteriosos, levantou-se e dirigindo-se ao Vigário Geral:

— Agora o cafezinho bem forte, não é verdade?...

O Reverendo Padre bandeou a cabeça afirmativamente e num esboço de sorriso que deu factício brilho aos seus olhos de goraz sentido — releve-se-me a irreverência da imagem pela sua conscienciosa exactidão — mostrou as gengivas desdentadas e roxas.

— Pois eu mesma lho vou buscar, meu Reverendo Padre...

continua na pág. 6



ENTRE HISTERIA E APATIA

É bom espaço esta «MOSCA» que morde para falarmos da duplicidade que se vive neste País, outrora dourado, vegetante e verdejante. Outrora, até finais do século XVI, entenda-se. Com alguns sobressaltos, porém, saudáveis: a vitória liberal em 1834 (e a pléiade de gente ilustre e avançada desse tempo); a revolução popular republicana culminada a 5 de Outubro de 1910 — e logo rapidamente abafada pela pequena burguesia de grande barriga e suspensórios; por fim, e até agora, o 25 de Abril de 1974 inevitável, pois o prolongado cancro mole do salazarismo não podia ser eterno.

Se bem pensarmos, Portugal historicamente tem vindo a ficar colocado não só na cauda geográfica natural do resto da Europa, como no apêndice sobressaltado e em vias de gangrena de uma infeliz incapacidade de ligação entre teoria e prática, entre alguns belos ideais e realizações mediocres.

Porquê? Cumpre, como eles têm cumprido, aos historiadores e sociólogos, a análise densa e funda deste fenómeno agora cada vez mais inquietante. Por outro lado, ao escritor, ao poeta, ao artista, cumpre fundamentalmente fazer *sentir* uma crise que é tão moral como estética e civilizacional, que se reflecte, ressaltadas algumas coisas decentes, na indecência global do comportamento «lusiada». Ora vejamos, ou como tituló Olga Gonçalves, «*Ora, esguardai*» num dos seus melhores livros, em português de boa lei.

Para não falar dos «políticos», estritamente, a classe dirigente portuguesa é neste momento mesquinha, mazinha, cheia de pequenas raivas e vapores de ácido clorídrico. A classe chamada «intelectual» congloba cada vez mais capelinhas e capelistas todas com o «turvo olhar posto no lucro». A classe económica e financeira,

nem é bom falar nisso, tão indecorosamente se comporta em relação ao Povo, ao País, numa constante canibalização das reais potencialidades da terra onde vivemos. Queixando-se, depois, da «invasão» dos malditos estrangeiros, que já cobre metade pelo menos dos recursos nacion-

ais. (o sr. dr. Beleza que me desdiga, que é para eu me rir...)

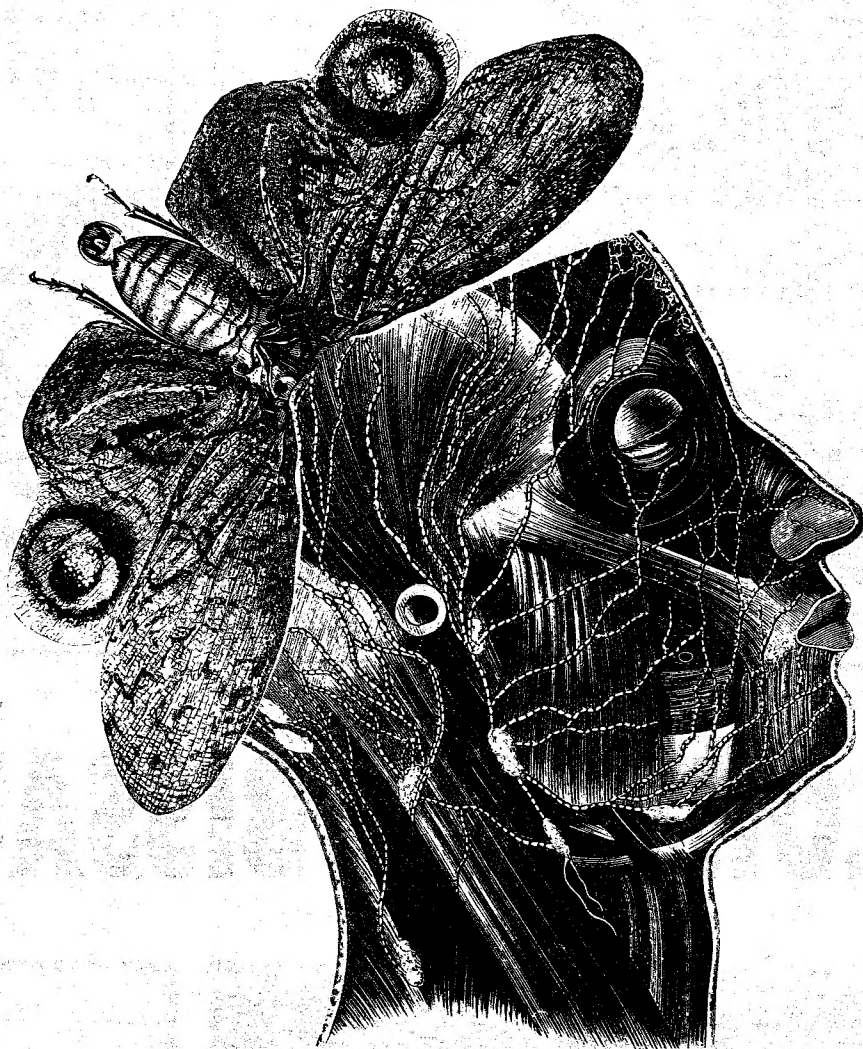
Na balança social e cultural portuguesa julgo que há dois indicadores alarmantes: a histeria e a apatia. Por um lado, erguem-se catedrais de *poliviny!* com fins bastante suspeitos. Fazem-se mirabolantes projec-

tos de «parques» (?) culturais a todo o vapor. É a grande quinta das diversões baratas, o Parque Mayer (coitado dele...) da nova Europa. Por outro lado, o trabalhador realmente intelectual — a par dos outros, claro — é remetido, se quiser viver decentemente, aos mecenatos pobretanas, aos vencimentos vergonhosos, às fatiotas de lacaio para as revistas «gente». Nestes domínios reina a histeria, que tanto Rabelais como o nosso Eça fustigaram a valer.

Nos outros sectores, a apatia sarnenta, o deixa-andar, o exacerbamento do salve-se quem puder, o «eu-quero-é-o-meu», o endinheiramento flácido, que não plácido, o «futebol» ao rubro das negociatas inenarráveis, o rosnar dos despeitados por eles mesmos, enfim uma soma de sintomas bem graves para uma nação e uma cultura que deveriam minimamente respeitar-se, respeitando o próximo — como disse o Cristo — e respeitando o trabalho — como disse Marx.

No dealbar do século XXI, vemos em Portugal uma «filosofia» de comiserção, um comemorativismo revisteiro, com bandos de irresponsáveis a agitar bandeirolas risíveis, se não fraudulentas.

E Lisboa — «cidade de várias cores», dizia Pessoa — com que cor está depois da passagem de vários anos do cilindro coprofágico do senhor Abecasis? No que se vê... E se falo em Lisboa, por ser a terra onde me calhou nascer, não é só por isso. É ainda, e sobretudo, porque nela naturalmente se concentram, no quotidiano e suas projecções, os dois termos do título que dei a esta crónica: Histeria e Apatia. Como António Nobre a invocar «*os pintores que não vêm pintar*...» digo eu que, a prolongarem-se estas duas cabeças da hidra, deixaremos de ter um País — ficamos com uma quintarola, com festas de foguetes podres



GENTE SINGULAR

continuação da pág. 5

E D. Sebastiana dirigiu-se ao interior da casa de onde voltou minutos depois trazendo em salva de prata uma chávena cheia de café que ofereceu ao Vigário.

— Já está docinho e morninho como V. Ex.^a gosta, meu Reverendo Padre — e ficou-se com a salva na mão, resistindo às instâncias do Vigário que lhe queria tomar e demorando-se até que ele emborcou a chávena.

Entanto durava esta operação, as atenções de D. Prudência e D. Faustina convergiam para o Vigário e dir-se-ia que as duas irmãs soltaram um profundo suspiro de alívio quando D. Sebastiana se retirou levando a chávena vazia tão claramente lhes transpareceu no rosto uma igual expressão de contentamento.

Pouco depois, a convite de Monsenhor Simas, os convivas dispunham-se a visitar a cerca. D. Sebastiana ofereceu o braço ao decrepito Vigário e abrindo a marcha encaminhou-se para a escada do topo da qual e voltando-se para trás murmurou, relanceando os olhos sobre o companheiro:

— É mesmo um santinho... — e logo ajuntou mais alto, amparando o velho: — Não tenha medo, Reverendo Padre, que está em boas mãos...

— Não, filha, não tenho... — anuiu o Vigário. — Agora um passeiozinho faz-me bem: sinto o estômago demasiado cheio...

A passo de procissão nos metemos à cerca mas logo ao voltar o muro da varanda divisámos, através de um emaranhado e velhíssimo jasmineiro de Itália, uma cons-

trução em forma de chalé que deu nas vistas de todos, graças à viva cor vermelha das suas telhas de Marselha.

— Aquilo o que é? — perguntou D. Joana.

— Um pombal, uma capelinha?...

— Ail que bonito!... — ajuntaram outras damas.

E D. Sebastiana, maliciosa:

— Aposto o que quiserem que não adivinham...

Ao tempo já nos havíamos aproximado da construção, a qual, pintada a cor-de-rosa, com duas aberturas circulares sobre a porta, parecia uma caricatura colossal e de mau gosto da face humana desnari-gada...

D. Sebastiana parou e repetiu:

— Ninguém adivinha!...

— Se tivesse uma cruz — gritou D. Joana — não restava dúvida que fosse capela.

— Também V. Ex.^a quer ver o que é, meu Reverendo Padre? — perguntou D. Sebastiana ao Vigário.

— Sim, filha... também tenho curiosidade...

Então D. Sebastiana tirou da algibeira uma chave prateada, abriu a porta lentamente, introduzindo acto contínuo o Vigário no pequeno recinto e conservando-se à entrada exclamou em tom vitorioso para a assistência:

— Agora já vêem o que é. Tinha ou não tinha razão para apostar que não adivinhavam?...

— Ah! Já sei, é a casa para amassar o pão — clamou alegremente D. Joana.

O interior da pequena construção patenteou-se em todos os seus recessos e nós

vimos que era uma privada com as comodidades e luxos modernos, inteira novidade, ao tempo, não só na capital do Algarve mas talvez também em todo o reino.

D. Sebastiana entrou dentro e encetou uma espécie de preleção sobre o uso dos diversos aparelhos que a compunham, abrindo e fechando torneiras, forçando o Vigário a sentar-se no banco furado, e por fim, pegando-lhe na mão, ajudou-o a puxar a corrente metálica, soltando a água do depósito superior que jorrou ruidosamente.

— É o sistema «dilúvio», o mais aperfeiçoado que existe — rematou; e logo que o sussurro admirativo dos convidados se extinguiu:

— Agora se V. Ex.^a, meu Reverendo Padre, precisasse de vir aqui sozinho, já sabia como se havia de governar, não é verdade?...

— É verdade, filha, é verdade... — obtemperou o Vigário — e o caso é que ou por sugestão do local ou por qualquer outro motivo... — do lugar onde eu me encontrava via-se o rosto do Vigário passar do amarelo ao verde e logo o ouvi gritando em tom lancinante:

— Ai, ai!... punha as mãos na barriga — ai que grande dor, ai! que eu não posso!...

— Sim, meu santinho?... acudiu D. Sebastiana — pois é sentar-se já e agora deveras...

E levantando-lhe a batina imediatamente lhe desabotoou as cuecas de baetilha amarela e o acomodou, com grandes mostras de carinho, no buraco da retrete.

Mas o Vigário, seriamente indisposto, estorcia-se e aiava agarrando-se a D.

Sebastiana, com grandes aflições.

— Isso não é nada... isso já passa... — amimava-o ela.

Mas não passava. O pobre velho arrancou em vômitos tremendos e já sem forças pendeu a cabeça no ombro de D. Sebastiana que ajoelhou e pediu socorro.

Então as outras manas acudiram em vozearia:

— Querem ver que foi de mais... Ai que desgraça... que grandíssima desgraça!... O sr. Pedro Carneiro, por quem é veja se chama já um médico porque o sr. Vigário Geral está muito aflito...

— Mas por fim o que foi isto?... — inquiri com autoridade, percebendo, embora tarde, que assistia a uma nova cena de loucura colectiva semelhante às da minha chegada a Faro.

— Foi — explicavam as manas — o malvado boticário que nos enganou... Nós para estrearmos dignamente a nossa retrete, que custou mais de trezentos mil réis, pusemos tártaro emético no café do Reverendo Padre e, ou porque fosse de mais ou não sabemos, o pobrezinho está muito mal...

Corri à busca do médico e não voltei a casa de Monsenhor Simas. Soube depois que o Vigário estava em perigo de vida, mas na cidade ligava-se geralmente pouca atenção à sua doença; a curiosidade pública estimulada por várias descrições da retrete, cuja riqueza exageravam, convergia para o qual já se chamava o «monumento das manas Simas» e compreendi que apesar de tudo a cotação destas senhoras e do seu mano subira na estima e no respeito dos seus conterrâneos...

**Texto de
Paulo David**

Gaffe ou lapsus linguae? Ainda hoje a dúvida anda comigo.

Um dia, num dos estúdios da BBC, no princípio dos anos 70. Esse estúdio era então utilizado pelos Serviços Portugueses, a que eu pertencia. Sabíamos que dali ou do estúdio ao lado De Gaulle mandara aos franceses a sua histórica mensagem de 1940. O meu microfone datava desses recuados anos. Toda aquela zona da cave da Bush House cheirava a História e, como sempre, eu julgava ir ser, uma vez mais, nessa noite, um locutor muito sério (mania que tinha...).

Apesar da minha proposta seriedade profissional, muitas vezes acontecia que ia para o estúdio só no último minuto, a correr depois de uma última chavena de chá na cantina e sem haver previamente estudado o texto escrito por outro e que me cabia ler. Foi o caso.

Bom... Ouviu-se o noticiário, por um colega meu; outro abriu a série de comentários políticos e, por fim, deram a entrada para o meu comentário.

Tratava-se da situação na Bolívia, que era de crise, que era complexa, que preocupava o Foreign Office e sobre a qual atentos analistas se haviam debruçado: tinham sido nacionalizadas as minas de cobre. A minha seriedade profissional estava mais do que aguçada. A dicção, a voz, a boa articulação da leitura iriam certamente reflectir esse meu cuidado. Eis se não quando...

Logo no parágrafo de abertura, em que se introduzia o grave tema, eu digo: «É parecer de observadores internacionais que poderá ter importantes repercussões na América Latina a decisão, ontem anunciada pelo Governo de La Paz, de nacionalizar as MENINAS da Bolívia.....».

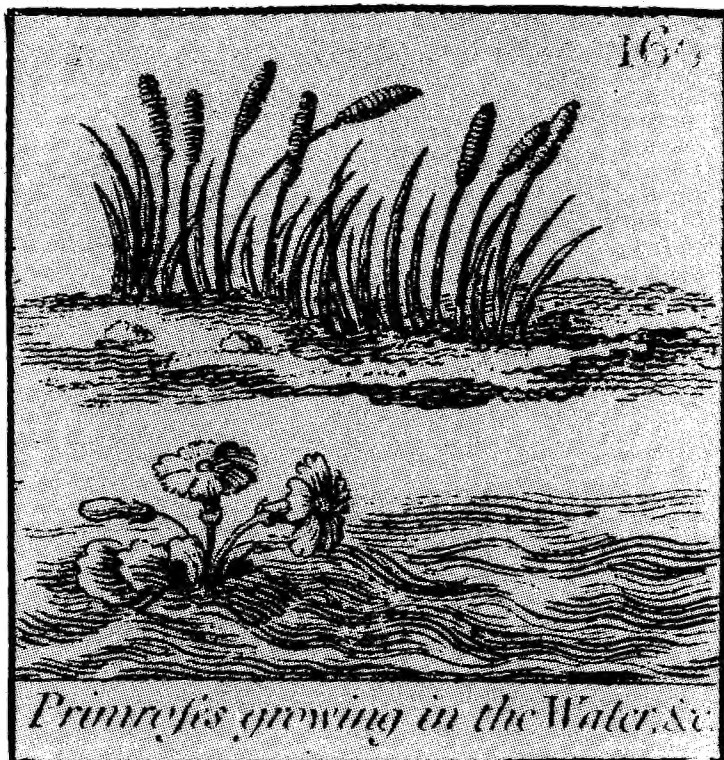
Os perigos da resposta rápida

Guiné-Bissau, Bissau, 1975. Um meu colega de jornalismo, branquíssimo de cor e de evidentes simpatias pela Esquerda, corra em auxílio dos guineenses. A sua função era a de intervir na publicação do jornal local. Está em curso uma reunião de trabalho e faz-se a distribuição de tarefas pelos jornalistas negros. O meu colega, de grande qualidade profissional mas inclinado à indolência, preside a essa distribuição de tarefas e a si próprio atribue...nenhuma. Alguém lhe dirige um simpático reparo pelo facto de se ter livrado de trabalhar. Resposta do jornalista branco, que tinha também a característica de ser de reacção rápida: «Ora, ora, o trabalho é pr'ò preto!».

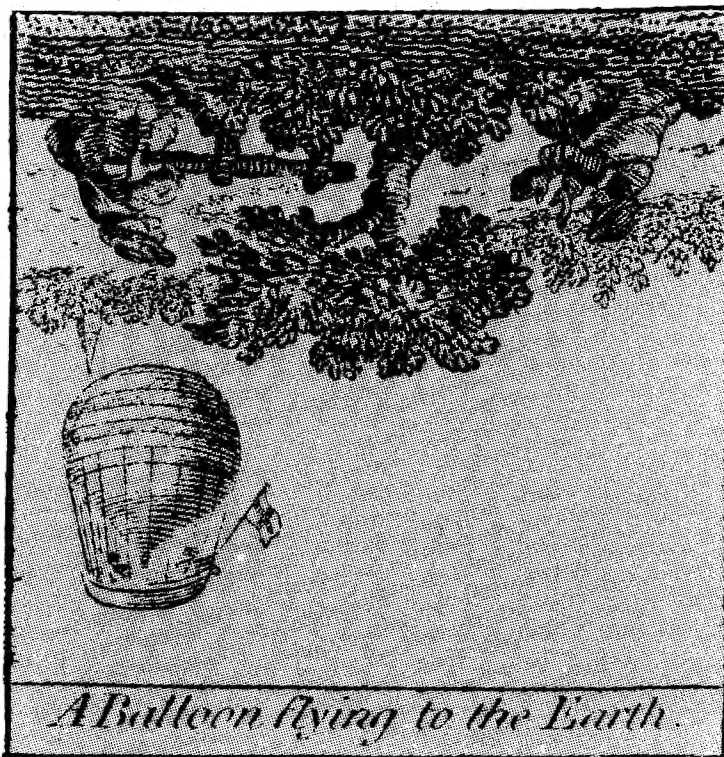
Silêncio de morte.

A morta ia ao banquete...

Algures no tempo e num país que ficará anónimo. O Chefe de Estado vai visitar oficialmente a Noruega. Numa das salas do palácio presidencial o Protocolo prepara activamente os convites para o banquete oficialíssimo que esse Chefe de Estado oferecerá, na embaixada do seu país em Oslo, ao soberano norueguês. É despachado o solene e dourado convite para o rei e, evidentemente, bem explícito, para a rainha. Depois, na Noruega, um calafrio: o rei era viuvo.



LONDRES, BISSAU E OSLO



A MOSCA

